

AD agoniza após renúncia de Freitas

A decisão de Freitas do Amaral de abandonar a vida política — do partido ao Governo, do Conselho de Estado ao Parlamento — dominou a «noite política» da capital, ontem preenchida por duas reuniões cimeiras dos principais parceiros da AD, o PSD e o CDS. Para muitos, a demissão do dirigente centrista terá sido uma surpresa; para outros, não tanto — e cabe aqui destacar que, já no passado dia 21, o «DL» fazia eco dessa intenção. Como confirmaria um dirigente centrista aos jornalistas, «há pelo menos 15 dias que Freitas do Amaral teria tomado aquela decisão. Surpresa, surpresa, terá sido antes a forma como o anúncio da demissão se processou: durante a Comissão Directiva do CDS, reunida na tarde de ontem, Freitas do Amaral não

aludiria ao assunto; mais tarde, também não o comunicaria ao Primeiro-Ministro e presidente do PSD, Pinto Balsemão, mas não deixaria de escolher Eanes como primeiro interlocutor. Com que intenções? Para já, todos os políticos se mostram reservados nos seus prognósticos. Rui Pena diria que a decisão era definitiva; Lucas Pires apontaria para uma certa transitoriedade, com meta nas presidenciais de 85. Para já, no entanto, o acto de Freitas do Amaral recolhe unanimidade nas suas consequências próximas: a AD está agonizante, pelo menos nos termos que presidiram à sua constituição no tempo de Sá Carneiro.

Págs. 4, 5, 6 e 24



Victor Crespo com Balsemão: e agora?

■ *Rui Pena: o CDS ainda não decidiu atitude face a Vítor Crespo*

■ *Lucas Pires: esta demissão foi um acto de luta política*

■ *No PSD: depois de Helena Roseta e Meneres Pimentel, Álvaro Barreto propôs ontem eleições antecipadas, mas ninguém lhe respondeu*



De mala aviada, por quanto tempo?

Afinal andou a roda

Apesar de a greve iniciada às zero horas estar a ter, segundo as fontes sindicais, «uma adesão muito boa», a Provedoria da Santa Casa da Misericórdia conseguiu fazer «andar à roda» a Lotaria de Fim de Ano, recorrendo a um reduzido número de funcionários capaz de fazer movimentar as esferas. Tudo indica, no entanto, que a greve irá emperrar a máquina burocrática.



Figueiredo assinou decreto de expulsão Sérgio Godinho chega amanhã a Lisboa

Pág. 9

Amanhã no
Sete Ponto Sete
VALIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA
imagens de **82**

Hoje há
“Ler
Escrever”

Administração Reagan
prepara em segredo
maior flexibilidade
no diálogo com o Leste

Pág. 12

Sindicalistas franceses ao 'DL'

Mobilizar os trabalhadores para que o governo deixe de ceder ao patronato

Alice Nicolau

«O que se impõe é mobilizar os trabalhadores franceses para que o Governo eleito com os seus votos, e, em princípio, defensor dos seus interesses, siga a via correcta, melhore a situação e aplique efectivamente a política de esquerda que se comprometeu a levar à prática, sem fazer cedências ao patronato» — eis uma das afirmações que três sindicalistas franceses, Roger Coquelin, Jean Marie Rockelin e Michel Ponce fizeram em entrevista concedida ao «DL». Estes sindicalistas pertencem à Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro, cujo secretário é o primeiro citado. Vindos a Portugal, a convite da Federação de Celulose, Papel, Gráficas e Imprensa, os representantes dos trabalhadores franceses do livro (organização sindical mais que centenária, inte-

grada na central CGT), aludiram, nesta entrevista, ao agrado que lhes causou a visita ao nosso país, e aos problemas que trabalhadores e sindicatos franceses defrontam face ao Governo de esquerda, eleito em Maio/Junho de 1981. Tratou-se de uma conversa rica de ensinamentos, efectuada no decurso da visita que a delegação fez ao nosso jornal e que foi oportunamente noticiada pelo «DL».

As primeiras palavras da delegação foram de agradecimento à Federação de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa e à central CGTP-IN, que os convidaram e receberam com a maior amizade em Portugal. Esta visita — segundo disseram — aprofunda e alarga as boas relações e a cooperação já existentes entre as duas organizações sindicais. Inspiradas nos mesmos princípios sindicais — um sindicalismo independente, de classe e unitá-

rio — as federações francesa e portuguesa abordaram, com total convergência de pontos de vista, questões internacionais, e discutiram estruturas, objectivos e problemas da unidade sindical. Segundo nos declararam, foi esta a primeira vez que visitaram o nosso país, e assim conseguiram compreender integralmente «a luta e as esperanças que continuam a residir nos trabalhadores portugueses». Além disso, tomaram «conhecimento do papel de primeira grandeza que a CGTP-IN e todo o movimento operário desempenham para permitir aos trabalhadores a rejeição de 50 anos de opressão fascista».

Momento muito significativo da sua visita foi, como nos disseram, o conhecimento directo com as realidades de uma cooperativa agrícola de produção: «ali pudemos ver ao vivo essa realização que foi a reforma agrária. Nas conversas, que travámos com os dirigentes e trabalhadores, da cooperativa, bem como com os elementos da direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, sentimos bem a luta e os resultados conseguidos por esses trabalhadores. Pudemos avaliar o significado dessa luta, quando observámos a acção na cooperativa e o que se passa nas terras restituídas aos latifundiários».

Desta deslocação a Portugal resultará, assim o afirmaram, uma maior amizade e cooperação entre sindicalistas portugueses e franceses, tanto a nível das duas organizações, como em geral.

A situação em França

Foi dum ponto de vista estritamente sindical que a delegação entrevistada analisou a situação em França. Sindicalistas de classe, independentes de partidos, representantes de trabalhadores das mais diversas opções ideológico-partidárias, os nossos interlocutores colocaram os problemas sob uma perspectiva muito diferente daquela que seria escolhida por dirigentes políticos.

Eis o que nos disseram: — Em Maio/Junho, de 1981 verificou-se por via eleitoral, a transmissão dos poderes para uma maioria, que expulsou Giscard d'Estaing, representante da casta privilegiada. Essa atitude do eleitorado, resultou do profundo descontentamento contra uma política anti-social do poder. Mas, votando pela mudança os eleitores não votaram todos pela mesma mudança; uns votaram pela mudança de fundo, outros, por outra mudança.

«A CGT apelou ao voto em profundas mudanças políticas, económicas e sociais. O resultado das legislativas traduziu-se por um avanço muito forte dos socialistas. Houve um recuo do PCF. Daí nasceu uma aliança

governamental, que teve em conta esta situação. O Governo não é só de socialistas e comunistas (quatro ministros) mas também de elementos que já haviam integrado gabinetes de Giscard. Certas personalidades do actual Governo têm mesmo ligações com a «Trilateral».

As pressões

— Contudo — prosseguiram — o patronato recusou esta situação e recusou sobretudo a presença de comunistas no Governo, presença contra a qual lutou desde o início e continua a lutar. O patronato e a direita reacçãoária mobilizaram-se e lutam com unhas e dentes, para entrarem a política da actual maioria. Não se limitam, no entanto, a isso. Desferem golpes violentos contra conquistas anteriores (vindas mesmo de Governos de direita) dos sindicatos. Um exemplo: o da escala móvel dos salários — que, no caso da Federação do Livro, se tem vindo a aplicar desde 1957. Ora este Governo acabou por apoiar o patronato e a direita, fazendo anular essa conquista, cuja aplicação prática vinha sendo de regra para alguns sindicatos.

«Trata-se dum Governo muito sensível às pressões. Como as pressões mais fortes provêm do patronato, que «está na rua», que se mobilizou, é a essas que o Governo tem vindo a ceder. E deste modo, o patronato acaba por obter da política governamental uma austeridade, que vai contra e recai sobre os trabalhadores».

«O objectivo do patronato é reconquistar inteiramente as rédeas do poder económico. Daí que o patronato reforce o seu cerco, se encontre em «greve ao investimento», proceda a fuga de capitais, faça clara sabotagem; decida tirar os proveitos máximos da sua palavra de ordem, a luta compensa».

Em face disto, perguntámos se a CGT e os sindicatos nela filiados continuam a apoiar o actual Governo e em caso afirmativo, quais as razões por que o apoiam.

— No seu recente congresso, a CGT reafirmou o seu apoio ao governo. Temos consciência das dificuldades do que isto acarreta, tanto nas empresas como nos organismos sindicais. Estamos igualmente conscientes dos riscos. Por exemplo: quando um governo que teve o voto dos trabalhadores, congela os salários durante quatro meses, produzem-se resultados negativos, tanto para esse governo (que perde credibilidade) como para as organizações sindicais (que se desgastam). Mas não podemos esquecer as medidas positivas tomadas por este governo: no plano social, houve um aumento do salário mínimo nacional, o alargamento de certos poderes dos trabalhadores nas

empresas (vg: as comissões de trabalhadores passaram a ter maiores poderes, nomeadamente no controlo sobre questões económicas), a concessão da reforma aos 60 anos (que era uma reivindicação que a CGT fazia há várias décadas), a redução das horas de trabalho (39 por semana) e a adopção de cinco semanas de férias pagas.

«No plano económico, trouxe as nacionalizações (embora com indemnizações, o que recai, em grande parte, sobre os contribuintes) e manifesta uma intenção de luta pela reconquista do mercado interno (com restrições à exportação).

«Sublinharemos, contudo uma vez mais, que o governo tem adoptado decisões muito críticas, como aquelas a que já aludimos acima: o fim da escala móvel e o congelamento de salários».

O «espaço» e a mobilização

— Não se esgota nas razões apontadas os motivos do nosso apoio a este governo. Em princípio trata-se de um governo que não é contra os trabalhadores. As decisões que toma contra os trabalhadores não decorrem de uma posição de princípio, mas sim da incapacidade de ceder às pressões do patronato. Consideramos, portanto, que há um grande espaço de acção, que há possibilidades reais de o governo rectificar as suas atitudes. A situação económica em França é desastrosa — os desempregados já totalizam dois milhões e cem mil, e existe uma tendência para o aumento do desemprego. Se em termos de percentagem da população activa, a situação terá melhorado, em termos absolutos trata-se de um grande número de desempregados. A situação noutros campos é igualmente grave, como o desmontar os constantes encerramentos de empresas e os indícios que apontam para a continuação da degradação. Temos que ter em mente que a acção do patronato e da direita reacçãoária não é factor a menosprezar quanto à análise das causas desta situação.

«Mas sabemos que a situação pode ainda ser remediada, se o governo tomar as medidas necessárias para a corrigir. Para isso, exige-se uma profunda intervenção dos trabalhadores. Não ocultamos, porém, as dificuldades de mobilização dos trabalhadores. Por um lado, há trabalhadores que se desmobilizam, porque votaram contra certas coisas e esperavam que essa espécie de «delegação de poderes» lhes trouxesse a solução dos seus problemas. Vendo que as coisas continuam, em muitos aspectos, como antes, sentem-se desiludidos, desmobilizados para a luta. Por outro lado, esta gestão da crise pela esquerda

contribui para desmobilizar outros trabalhadores, por diferentes motivos. Durante os tempos de Giscard-Barre, os governantes tencionavam incutir aos trabalhadores a ideia de que lhes cabia apertar o cinto para solucionar a crise. Agora o novo Poder diz-lhes que os seus salários serão congelados durante quatro meses (isto é, que eles irão apertar o cinto, uma vez mais), e eles aceitam esta situação, porque vem dum governo no qual confiam. E, depois destes quatro meses, continuarão a aceitar o «aperto do cinto».

«Em suma: nem os desiludidos nem os que estão dispostos a sacrificar-se porque confiam no governo, se sentem mobilizados para a luta. E, no entanto, só a profunda mobilização dos trabalhadores pode corrigir os erros. O que se impõe é mobilizar os trabalhadores para que este Governo, eleito com os seus votos, e, em princípio, defensor dos seus interesses, siga a via correcta, melhore a situação e aplique efectivamente a política de esquerda que se comprometeu a levar à prática, sem fazer cedências ao patronato».

«Outro factor que contribui para dificultar a mobilização dos trabalhadores é o pluralismo sindical. As outras centrais bloqueiam a posição da CGT e tudo fazem para que os trabalhadores aceitem passivamente a situação. Embora existam contactos entre as diversas centrais sindicais (nomeadamente entre a CGT e a CFDT), não existem perspectivas de uma acção unitária nem de nada que se assemelhe a um acordo intersindical do tipo italiano».

Por último, perguntámos quais os principais problemas dos trabalhadores franceses.

Responderam:

— O desemprego. Já falámos dos mais de dois milhões de trabalhadores desempregados a nível geral. Lembramos que só no sector gráfico, já 20 mil trabalhadores perderam os seus postos de trabalho; o baixo nível salarial e a erosão do poder de compra; as profundas desigualdades salariais; os problemas da segurança social; os problemas da reforma e da pré-reforma. Nesta última questão referimos que o actual Governo reduziu as indemnizações que os pré-reformados recebiam.

E comentam:

— Aí está um ponto — mais um — onde o patronato agiu com muita inteligência. Atingiu o objectivo que tinha em vista — fazer recair o peso da crise sobre os trabalhadores. E, ao mesmo tempo, conseguiu que o odioso dessa decisão recaísse, não sobre ele, o patronato, mas sobre o governo, posto no Poder com os votos dos trabalhadores.

Não há dúvida — comentamos nós — há governos postos no Poder com os votos dos trabalhadores que tomam o patronato singularmente inteligente...



Cooperativa de Consumo dos Sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul

Av. Miguel Bombarda n.º 91-A

1000 Lisboa Tel: 554359

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA (continuação)

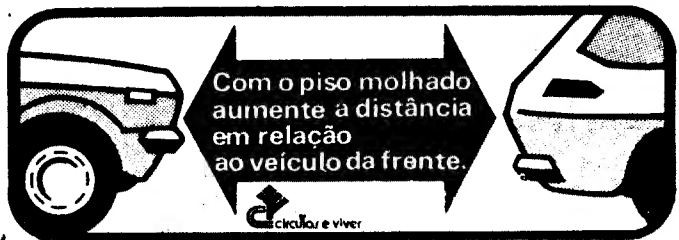
A pedido da Direcção e ao abrigo do art.º 35.º dos Estatutos, convoca todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos para a reunião da Assembleia Geral que em sessão extraordinária, se realizará no próximo dia 14 de Janeiro pelas 20 horas, em Lisboa, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços — Rua Almirante Barroso, n.º 3, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Deliberar sobre a alteração dos estatutos conforme a publicação do Decreto-Lei n.º 454/80 que aprova o código Cooperativo.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Carlos Alberto Filipe Pereira



Os leitores interessados em conhecer a realidade soviética, sob variados aspectos, têm agora ao seu dispor uma publicação, editada pela revista da Associação Portugal-URSS, comemorativa do 60.º aniversário da fundação da União Soviética.

Profusamente ilustrada, contém uma entrevista com Arnold Kalinine, até há pouco embaixador da URSS em Lisboa, depoimentos recolhidos junto de pessoas que visitaram a URSS (ou viveram nesse país), testemu-

nho de importantes personalidades da nossa cultura, além de numerosos artigos.

Eis alguns dos títulos e autores desses artigos: «As relações entre Portugal e a URSS», de Mário Neves, «As Economias das Repúblicas e a Economia Soviética», de Blasco Hugo Fernandes, «Repercussões Internacionais no Campo Económico», de Armando Castro, «Sobre a Intelectualidade Soviética», de José Barata Moura, «Aspectos da Situação Económica e Sindical dos Trabalhadores», de Jorge Ferreira Alves,

«Desporto Soviético sem Nomes e Números», de Carlos Pinhão, «A Criança na URSS», de Dulce Rebelo, «Aspectos Essenciais da Justiça na URSS», de Levy Baptista, «Saúde e Segurança Social», de Tito Seabra Dinis, «Aspectos do Ensino na URSS», de Rogério Fernandes, «Línguas e História da URSS», de Óscar Lopes, «O Cosmos e a Paz», de Eurico da Fonseca, «As Mulheres na URSS, 60 Anos Após», de Helena Neves.

Salientam-se ainda um breve depoimento do adido cultural da URSS em Lisboa, A. Ignatiev,

sobre as relações culturais luso-soviéticas, e a colaboração de Ruy Luís Gomes, Luís Francisco Rebelo, Manuel Ferreira, Joaquim Seabra Dinis, Victor de Sá, Maria Lamas, Virgínia de Moura, Salvato Teles de Menezes, Hernâni A. Resende, José Gaspar Teixeira, Túlio Espanca, Urbano Tavares Rodrigues, Francisco Miguel Duarte e Jorge de Alarcão.

Tudo isto se inclui na separata do número 28 da revista «Paz e Amizade», cujo preço é de 15 escudos (para sócios) e 20 (para não sócios).

«Paz e Amizade»

O 60.º aniversário da fundação da URSS

política de A a Z

O texto de Freitas do Amaral e o contexto da crise

O acontecimento político dominante, o mais significativo e grávido de consequências, é a demissão do Doutor Diogo Freitas do Amaral das funções de presidente do CDS e a sua consequente renúncia aos cargos que actualmente exercia. Se esta decisão pessoal que, surpreendeu, em trabalhos de parto ministerial, os «conselheiros nacionais» do PSD, significa o termo da vida política da «coligação», se é, como teria afirmado Jaime Gama, a «certidão de óbito da AD», eis o que nos será revelado a curto prazo. Sendo de admitir que as solidariedades de manutenção de posições e de mandatos, que o peso dos interesses partilhados, vá actuar como cimento precário para uma «Aliança Democrática» em crise, em desagregação, na agonia.

E poder-se-á aquilatar melhor o que levou o Doutor Diogo Freitas do Amaral a uma tão drástica atitude, se não esquecendo os problemas no seio do CDS, tivermos em conta a maneira como o presidente do PSD explica a sua demissão do lugar de Primeiro-Ministro e a ligeireza — é o menos que podemos dizer — das diligências que promove para solucionar a crise governativa. A «imagem» que ontem à noite deixou, do que disse e do que omitiu na desastrosa utilização do tempo de antena do PSD na RTP, não deixará de ter contribuído para um descrédito político que se reflecte no próprio partido. O PSD mostra-se incapaz de liderar politicamente a Aliança Democrática. Nem o seu presidente, nem o candidato a Primeiro-Ministro, se impõem aos «aliados». Este sentimento, aliás generalizado, encontra-se bem expresso nas palavras de Freitas do Amaral. Esta AD, que se arrasta em contradições e convulsões não é a AD de 1979. É uma AD sem liderança, sem prestígio, desgastada, a percorrer a curva descendente. Não queremos ir tão longe como em declarações desta madrugada foi o dirigente socialista Jaime Gama: «a certidão de óbito da Aliança Democrática está redigida, e foi assinada pelos seus líderes».

Mas, também, não deveremos hesitar em acompanhar na crítica, no distanciamento, na condenação dos métodos e das improvisações, a solene declaração de demissão e de renúncia proferida por Diogo Freitas do Amaral na sessão do Conselho Nacional do CDS. Para Freitas do Amaral, que confessou não se sentir «em condições de poder participar construtivamente na nova fase que se desenha», — «esta já não é a mesma AD». Não a considera ilegítima — fórmula cómoda que tem sido de converter a «minoría nacional» em «maioría parlamentar» — mas considera-a «muito diferente da que ajudei a criar». E aos seus companheiros de partido perguntou: «Que sentido teria, assim, a minha permanência na base da divergência, da suspeição e da descrença?» A esta pergunta logo responde: «Tendo contribuído para a formação e para os êxitos da AD, não quero sentir-me associado ao que julgo que será o seu gradual definhamento».

Também não terá querido protagonizar a oposição frontal relativamente à solução para que o PSD se encaminhou. Nas suas palavras: «Dir-se-á então que a melhor solução seria que eu, como presidente do CDS, vos propusesse aqui hoje que recusássemos a escolha feita pelo

partido maioritário da coligação, mesmo correndo o risco de enfrentar com tal atitude a provável ruptura da Aliança Democrática». Essa «estratégia de ruptura» afigura-se-lhe inconveniente, comporta riscos, designadamente seria «altamente problemático que o CDS ganhasse eleitoralmente com ela». Mas não deseja «apoiar soluções fracas e precárias», por «razões morais e políticas» recusa-se a apoiar soluções em que «intimamente» não acredita. Entre um «silêncio cúmplice, desmotivado e desmotivador» e o afastamento, opta por afastar-se da presidência do CDS e de colocar os seus colegas dirigentes do partido na situação de acompanharem as fases finais do préstito fúnebre da AD.

Terá sido determinante para Freitas do Amaral a incapacidade revelada pelo PSD para promover uma correcta análise dos resultados eleitorais de 12 de Dezembro e o facto de, na precipitação de atamancar a resolução da situação de crise governativa, se ter avançado «para a escolha de pessoas antes de se definirem princípios, estratégias e critérios». A precipitação, e a tendência para a improvisação, o visceral simplismo de alguns dirigentes ditos sociais-democratas, levou, na opinião de Freitas do Amaral, a uma escolha que não era «susceptível de reacender o entusiasmo e a confiança na opinião pública e no eleitorado da AD».

Por outro lado, para o presidente do CDS a «coordenação» e a «concertação» entre os três partidos da AD, revelou-se difícil. Essa dificuldade acentuou-se. A própria interpretação do «Programa comum elaborado em 1979» não recolhia consenso. Diogo Freitas do Amaral duvida que haja, ainda hoje, «um projecto único e claro que sirva de guia a todos os responsáveis encarregados de tarefas executivas».

Estamos perante uma crise grave na AD e que possivelmente, atingirá profundamente o CDS. A demissão de Freitas do Amaral não se apresenta como uma ruptura no interior do CDS, mas enuncia uma clivagem entre dirigentes solidários com o presidente demissionário e dirigentes preocupados com posições no Governo, lugares de deputados, solidariedades eleitorais. A «coligação» a manter-se, a agonia a ser artificialmente adiada, terá como fundamento as piores motivações no plano político, no plano da moralidade da vida pública. A AD é um projecto esvaziado. Diogo Freitas do Amaral vibrou a «esta AD» o golpe de morte. Resta saber se o Presidente da República não terá rasgo e mão para lhe vibrar o golpe de misericórdia, para a submeter ao teste eleitoral.

Desacompanhados do professor, privados do presidente, os homens do CDS vão dividir-se na atitude perante uma hipótese de colaboração com o PSD, na qual os melhores não acreditam e da qual os piores querem sugar quanto for possível. O «projecto AD» não existe. A «liderança tripartida AD», sem Diogo Freitas do Amaral, não tem credibilidade política. Se o vazio deixado por Francisco Sá Carneiro não foi preenchido, não será qualquer representante de metade do CDS que substituirá Diogo Freitas do Amaral.

Mas não terá muito que esperar quem assista a novos desenvolvimentos deste princípio de ruptura. Ruptura na «coligação AD», ruptura no «Partido do Centro Democrático e Social». Diogo Freitas do Amaral é um homem novo. Tem ambição política. Esta declaração marca um distanciamento, mas não encerrou uma carreira.



Diogo Freitas do Amaral demite-se da presidência do CDS e renuncia a todos os seus cargos políticos, para ser candidato a Primeiro-Ministro também Victor Crespo entrará no caminho das renúncias...



ponto a ponto



● O Presidente da República estará na passagem de ano na Quimigal, Barreiro, em convívio com trabalhadores da empresa. Ramalho Eanes visitará antes outra unidade fabril barcelense a SAPEC.

Acompanharão o chefe de Estado o ministro da Indústria e Tecnologia, Balão Horta, e o secretário de Estado do mesmo pelouro Alberto Justiniano.

● Um ramo de cravos vermelhos foi depositado ontem no túmulo de Abel Salazar, no cemitério do Prado do Repouso, Porto, por ocasião do trigésimo sexto aniversário da morte daquele cientista e artista.

Velhos companheiros de Abel Salazar, nomeadamente Rui Luís Gomes, José Morgado, Virginia Moura, Nuno Grade, Júlio Cardoso, em singela homenagem, deslocaram-se em romagem à campa daquele clínico.

Abel Salazar, nasceu em Guimarães, em 19 de Julho de 1889 e faleceu em Lisboa em 29 de Dezembro de 1947.

Em 1919, foi nomeado catedrático de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto, tendo participado em vários congressos internacionais.

Em 1935 foi afastado da Universidade por motivos políticos juntamente com Rodrigues Lapa e Aurélio Quintanilha, entre outros.



● O secretário de Estado dos Transportes Exteriores, Silva Domingos, reuniu ontem em Viana do Castelo, com responsáveis da Junta Autónoma dos Portos de Viana do Castelo, e entidades autárquicas do distrito.

Na reunião foi decidida a construção de uma marina na margem esquerda do rio Lima, a implementar depois de concluída a segunda fase das obras do porto de mar de Viana do Castelo.

Foi ainda decidido outorgar à edilidade vianense a utilização plena dos terrenos obtidos na margem do Rio Lima, por terraplanagem das águas do rio.

Silva Domingos confirmou durante o encontro a abertura do novo porto de mar de Viana do Castelo em Julho de 1984.



● Os muçulmanos continuaram a ser ignorados no Moçambique pós-independência — afirma o presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, Suleiman Vally Mamede, em nota ontem entregue à imprensa.

Muitas vezes, os princípios básicos dos muçulmanos não foram respeitados em Moçambique, como recentemente se sublinhou no Maputo durante a primeira reunião entre as diversas comunidades religiosas do país e o Governo de Samora Machel.

● Os arquivos do Conselho da Revolução serão transferidos até ao final da primeira quinzena de Janeiro para a Torre do Tombo. Esta decisão foi tomada pelo Presidente da República, numa das últimas reuniões do extinto Conselho da Revolução.

Parte do arquivo, nomeadamente a que se prende com as actas, será mantida fechada durante um período de dez anos, acrescentou a mesma fonte.

O restante acervo, relativo às partes económica e social daquele órgão, terá divulgação pública dentro das normas que regem a Torre do Tombo.



● Mário Soares, acompanhado por alguns dos dirigentes do seu partido, reuniu-se ontem ao fim da tarde com jornalistas portugueses no Solar do Vinho do Porto. Pretexto para o encontro foram os votos de Boas-Festas, mas o assunto dominante de quase duas horas de conversas e discussões foi a situação política e a sua evolução no curto prazo (ainda não era conhecida a demissão de Freitas do Amaral).

Hoje à noite, Soares dirige aos militantes do PS e aos portugueses, uma mensagem de fim de ano e votos de Bom Ano Novo. Será no Tempo de Antena do seu partido, a ser emitido no primeiro canal da RTP depois do Telejornal.

A sequência dos factos

Sequência dos principais factos políticos registados este mês e que culminaram com a demissão do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão:

DIA 10 - Balsemão admite possibilidade de uma remodelação governamental após discussão do OGE;

DIA 12 - A AD recusa e PS recupera nas eleições autárquicas. Balsemão afirma não se demitir face aos resultados eleitorais e Freitas do Amaral considera um «deseio eleitoral» os resultados da AD;

DIA 13 - Balsemão rejeita a análise dos resultados eleitorais apresentada pelo CDS;

DIA 14 - Balsemão parte para os Estados Unidos. O CDS admite que os resultados eleitorais são um aviso «sério»;

DIA 15 - Eurico de Melo defende abandono de Balsemão da chefia do Governo e do PSD;

DIA 16 - O Conselho de Ministros aprova as Grandes Opções do Plano e entra em vigor a Lei de Defesa Nacional. João Jardim ameaça deixar o PSD e Helena Roseta fala da hipótese de eleições gerais antecipadas e PS defende também a antecipação das eleições gerais;

DIA 17 - Balsemão chega dos Estados Unidos, recusando-se a comentar as notícias que davam como certa a sua saída do Governo. Numa reunião da Comissão Política apresenta, no entanto, a pretensão de se demitir no que é contrariado pelos restantes dirigentes da Comissão Política do PSD que reafirmam a sua confiança em Balsemão enquanto chefe do Governo e do PSD.

DIA 18 - Balsemão mantém-se inabalável e anuncia a demissão às Comissões Políticas distritais e ao Conselho Nacional. Eurico de Melo insiste na demissão de Balsemão;

DIA 19 - Balsemão torna pública a demissão. O Conselho Nacional do PSD mandata Balsemão para apresentar substituto;

DIA 20 - Balsemão apresenta o pedido de demissão ao Presidente da República, general Ramalho Eanes. A Comissão Política do PSD estuda nomes para a substituição de Balsemão. O Conselho Nacional do CDS manifesta-se contra eleições antecipadas, defendendo um Governo «forte».

DIA 21 - Eanes aceita a demissão de Balsemão. O PSD-Madeira desliga-se dos órgãos nacionais do partido (exceptuando o Congresso);

DIA 22 - Balsemão dialoga com Mota Pinto, tido como principal candidato à chefia do Governo. A Comissão Política do PSD-Coimbra declara apoio a Mota Pinto. João Jardim critica duramente a demissão de Balsemão;

DIA 23 - Mota Pinto recusa ser primeiro-ministro. Balsemão prossegue diligências. Eanes assina o decreto de exoneração do Governo;

DIA 24 - Nascimento Rodrigues diz que se o CDS vetar o candidato do PSD a Primeiro-Ministro é certa a rotura da AD;

DIA 26 - Depois de diversas negociações Balsemão votou por Vitor Crespo. Mota Pinto recusa comentar;

DIA 27 - Eanes inicia diligências para superar crise.

DIA 28 - Eanes conclui diligências e anuncia aguardar uma proposta formal da AD, de cuja solidez dependerá a aceitação de um novo Governo ou a dissolução da Assembleia da República;

DIA 29 - A Comissão Directiva do CDS, reunida à tarde, não chega a uma conclusão sobre o nome de Vitor Crespo para primeiro-ministro (registra-se um empate na votação). Freitas do Amaral lê uma carta ao Conselho Nacional do CDS em que anuncia o propósito de se demitir da Presidência do partido. Reúnem-se separadamente, mas pela primeira vez ao mesmo tempo, os principais órgãos entre Congressos do PSD e do CDS para análise da proposta do nome de Vitor Crespo para primeiro-ministro. O Conselho Nacional do CDS adia a sua resposta para hoje, dia 30. Eanes convoca o Conselho de Estado, que reúne pela primeira vez.

Ninguém respondeu quando Álvaro Barreto pediu eleições antecipadas

PSD: um partido encurralado

«Não devemos dizer, aqui, o que pensamos ou o que sentimos» - era Ângelo Correia, a certa altura da sua intervenção, no Conselho Nacional. Apelava à coesão em nome de Vitor Crespo.

Ângelo Correia, com esta frase, era bem o símbolo do que tem sido - e ao que isso conduziu - a política interna do PSD: ausência de frontalidade, unidade artificial, critério de compadrios. No PSD, e ontem um dirigente social-democrata dizia num grupo, «ninguém tem coragem. Todos dizem mal nas costas uns dos outros e, depois, apoiam-se quase por unanimidade». Vai longe o tempo no PSD (era o tempo de Sá Carneiro) do combate político, de «quem é quem». Hoje, o PSD é um partido «encurralado».

Mas também, na reunião do Conselho Nacional, José Vitorino recordava subtilmente que tinha participado nas «conspirações construtivas» que tinham levado à indigitação de Vitor Crespo para Primeiro-Ministro. Este foi o segundo «delito» da actual equipa dirigente do PSD: a «compra» de apoios e, às vezes, de «oposições». Hábitos de uma «moral política», de que o PSD deu uma imagem ao País. E assim o governo.

Mais grave, porém, foi a não aceitação por esta «massa» que dominava o aparelho do PSD - partido com criatividade e militância local - de todos aqueles que ousaram dizer-lhe não.

Também ontem, mais uma voz se levantou, no Conselho Nacional, para dizer BASTA. O ex-ministro da Indústria e Integração Europeia, Álvaro Barreto, considerava que a escolha de Vitor Crespo era de «segunda fila do partido» e que a solução seria eleições antecipadas. Depois de Helena Roseta, há mais de um ano, de Meneres Pimentel, no penúltimo Conselho Nacional, foi ontem a vez de Álvaro Barreto. A maioria social-democrata luta, ainda, pela sobrevivência política. A sua sobrevivência.

Balsemão e Crespo

Ainda não tinha chegado ao Conselho Nacional a «carta de Freitas do Amaral». Pinto Balsemão abriu o Conselho Nacional. Minuciosamente, relatou todo o processo de negociações com Mota Pinto. Criticou, a certa altura, a falta de ética do «professor de Coimbra». Na primeira intervenção que fez na RTP, e Mota já sabia que isso não ia ser aceite por Balsemão, referiu-se à exigência deste Governo se manter em funções até à tomada de posse. E, depois, quando não cumpriu um pequeno acordo: não divulgar a sua recusa para ser Primeiro-Ministro, sem que houvesse uma alternativa, com o objectivo de evitar o vazio do Poder.

Balsemão passaria, depois, a apresentar a solução Vitor Crespo. Algumas palavras elogiosas para um «sucessor» que não o «empalidece». Mas Balsemão escolheu um dos homens que contribuiu para a sua «queda». Um verdadeiro «hara-kiri» político - dizia um destacado dirigente político.

Lá dentro continuava o Conselho Nacional. Chegavam os rumores da demissão da presidência de Freitas do Amaral do CDS. Preocupação nalguns rostos: de alguns chefes de gabinete, em vias de desemprego, de alguns deputados que - eles sabem - não voltarão ao Parlamento.

Vitor Crespo, com ar impassível, proferiu um pequeno discurso que já levava escrito. Discurso de ocasião, de empenhamento na formação do Governo. No fim - e pedindo para não ser gravado - Vitor Crespo fala do «seu tempo de escola, do tempo que levava a lá chegar», etc. Alguns conselheiros nacionais gostaram, mas poucos ficaram

convencidos. Quando foi votada, por escrutínio secreto, a moção de apoio a Vitor Crespo para Primeiro-Ministro, lá vinham os 46 votos a favor e os cinco nulos. Ninguém votou contra.

Chegou carta

A carta de Freitas do Amaral, chegou finalmente, ao hotel onde se realizava o Conselho Nacional do PSD. Os sociais-democratas, parceiros do CDS na Aliança Democrática, eram os últimos a saber o que se passava. Foram informados depois do Presidente da República - a quem Freitas do Amaral terá comunicado mesmo antes do Conselho Nacional - e também depois dos jornalistas.

«Tem aí a carta? Empréstame-me?» - alguns conselheiros liam o texto, criavam-se grupos. Um homem da Tesired achava «que o CDS fez aquilo que alguns de nós queríamos há muito». Leia-se: o fim da AD e o início da «ponte» para os socialistas.

Santana Lopes queria começar, já a discussão sobre a «carta de Freitas do Amaral». No entanto, o Conselho Nacional do PSD optou por um compasso de espera. Alguns consideram que isso se trata de um «problema interno do CDS» e que, caso hoje, o CDS aceite apoiar Vitor Crespo, nada mudou.

No primeiro andar, alguns pares dançavam ao som do tango «La comparsita». Voltando para o que se passava lá em baixo, no Conselho Nacional, bem se poderia lembrar a célebre canção a Evita Peron: «não chorem pelo PSD»...

Discutirem por causa do «DL»

Uma pequena troca de palavras entre Pinto Balsemão e António Vilar, numa reunião das distritais do PSD, antes do Conselho Nacional, terá sido provocada por uma entrevista do presidente da Comissão Política do Porto ao «DL».

António Vilar afirmou ao «DL» que «o projecto AD falhou até agora» e que, em caso de ser relançado, «seria necessário escolher desde já o candidato à Presidência da República para 1985», acrescentando que Eurico de Melo, ou Mota Pinto «seriam bons candidatos».

A reunião das Comissões Distritais demorou cerca de uma hora e meia e, no final, António Vilar disse à ANOP que a anunciada demissão de Freitas do Amaral, de presidente do CDS é «uma decisão preocupante».

Vilar acrescentou que a demissão de Freitas do Amaral é «reveladora de que o CDS não é o Partido sem problemas que pretendia mostrar ser». Adiantou mesmo, que a atitude do líder centrista é sobretudo «preocupante, na medida em que pode pôr em perigo a sobrevivência da AD».

«Freitas do Amaral, era um factor de estabilidade dentro do CDS e da própria Aliança Democrática» - comentou Vilar que considerou o presidente demissionário do CDS um «homem de bom senso» e «um forte contributo para que a solução Vitor Crespo fosse uma boa solução». Concluiu o presidente da distrital do Porto que a AD «está em perigo» e sublinhou que «o País está mais perto de eleições gerais antecipadas».

Fernanda Mestrinho

JS e JCP sobre escolha de Crespo: um insulto e uma afronta

A indigitação pelo PSD de Vitor Crespo para Primeiro-Ministro, suscitou reacções imediatas em vários sectores dada a passagem não pacífica do militante social-democrata pela vida pública nacional como ministro da Educação e das Universidades.

O «DL» tentou hoje recolher as opiniões das organizações de juventude dos partidos maioritários com assento na Assembleia da República. Dado que a Juventude Social Democrata fez depender a sua posição dos resultados da reunião com Vitor Crespo que, a pedido deste, esta manhã decorria nas instalações do PSD e que nas instalações do CDS o telefone tocou até às 11 e 30 sem que ninguém atendesse, publicamos as opiniões da Juventude Socialista e da Juventude Comunista Portuguesa, sem prejuízo da publicação posterior das opiniões da Juventude Social Democrata e Juventude Centrista, caso as consigamos obter.

Juventude Socialista

A Juventude Socialista manifesta o seu total repúdio pela designação de Vitor Crespo para o cargo de Primeiro-Ministro. A sua indigitação pelo PSD é um verdadeiro insulto a todos os jovens e à população portuguesa em geral na medida em que Vitor Crespo, enquanto ministro da Educação, se caracterizou por uma política de confrontação social e de total corte ao diálogo.

A Juventude Socialista considera que tal política de confrontação é inadmissível neste momento difícil a que o país foi conduzido pela Aliança Democrática e não alinhará com aqueles que, tendo contestado Vitor Crespo enquanto ministro da Educação, vêm agora dar mostras de um servilismo inaceitável. Deste modo, a Juventude Socialista rejeitará a nomeação de Vitor Crespo e apela ao Presidente da República para que, perante a incapacidade manifestada da Aliança Democrática para governar o País, dissolva a Assembleia da República e convoque eleições antecipadas.

Juventude comunista

A escolha de Vitor Crespo para primeiro-ministro feita pelo PSD é, a nosso ver, o

melhor exemplo da falência da política da AD, da falta de valores políticos e humanos com que neste momento se debate a Aliança Democrática.

Para os jovens portugueses e, em especial, para os estudantes e professores, tal escolha não pode deixar de ser considerada uma afronta e interogamo-nos como é possível que um homem que não foi capaz de dirigir um Ministério possa agora dirigir um Governo. Os estudantes e a população em geral não esqueceram ainda o que foi a passagem de Vitor Crespo pelo Ministério da Educação. Não esqueceram o MEU responsável pela criação do 12.º ano, pelo projecto de lei de Bases do Sistema de Ensino, pelo projecto de lei contra a Autonomia Universitária, todos eles constituindo iniciativas contrárias à opinião estudantil. Vitor Crespo e a sua política contribuíram para agravar as condições de estudo e o já caótico estado do nosso ensino. Durante o mandato de Vitor Crespo no Ministério da Educação, não faltaram as ilegalidades, a incompetência, o autoritarismo e até os célebres fumos de «corrupção».

Nunca foi tão unânime a opinião de estudantes e professores contra um ministro como durante o mandato de Vitor Crespo. As lutas dos professores, dos estudantes das escolas secundárias e da Universidade, foram então um contributo decisivo para o seu afastamento do Ministério. A sua política chegou mesmo a ser contestada por sectores que politicamente lhe eram afectos.

Se a proposta de levar Vitor Crespo a primeiro-ministro fosse por diante, estamos certos que a reposta, quer de estudantes e professores, quer do nosso povo não se faria esperar e o seu futuro não seria longo como primeiro-ministro. Mas acima de tudo parece-nos claro que a indigitação de Vitor Crespo por si só, é mais uma demonstração de que a AD não tem as soluções sólidas exigidas para ultrapassar a crise, que o problema continua a não ser de pessoas mas de política e que, o que há a fazer, é dar a palavra ao povo português através da realização de novas eleições.

Conselho de Estado reuniu e vai elaborar regimento

O Conselho de Estado, que ontem se reuniu pela primeira vez, tratou unicamente da questão do seu regimento, tendo sido cometida aos conselheiros Leonardo Ribeiro de Almeida, Miguel Galvão Teles e Mota Pinto a elaboração do respectivo projecto.

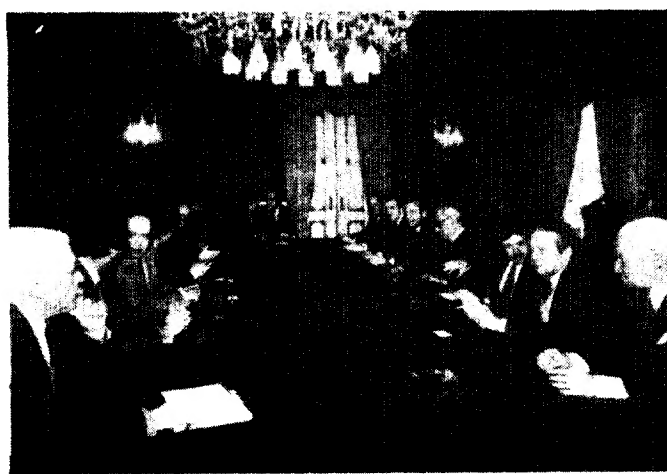
Na reunião de ontem, que decorreu em Belém sob a presidência do general Ramalho Eanes, faltaram dois conselheiros: o presidente do Tribunal Constitucional, que ainda não existe, uma vez que os juizes eleitos pelo PS e pela AD não se entenderam nessa matéria, e o prof. Freitas do Amaral que, como se soube mais tarde, decidira demitir-se dos cargos que ocupava no CDS.

No final da reunião o Presidente da República tornou público um comunicado onde se dá conta da lista de presenças e se adianta o que é o Conselho de

Estado e quais as suas competências.

O Conselho - diz o documento - «é um órgão político de consulta do Presidente da República, criado por força da primeira lei de revisão constitucional, cabendo-lhe, designadamente, nas suas atribuições, pronunciar-se sobre a dissolução da Assembleia da República e dos órgãos das regiões autónomas, sobre a demissão do Governo no caso previsto no n.º 2 do Artigo 198, sobre a nomeação e exoneração dos ministros da República para as regiões autónomas e, também, aconselhar o Presidente da República no exercício das suas funções, sempre que este o solicite».

Imediatamente antes da reunião o Presidente da República deu posse a três dos conselheiros que haviam estado ausentes em anterior cerimónia: Leonardo Ribeiro de Almeida, Pamplona



Corte Real (Provedor de Justiça) e Alberto João Jardim.

O Conselho de Estado é composto por 16 membros. Cinco deles foram indicados pelo Presidente da República: Nobre da

Costa, Melo Antunes, Henrique de Barros, Jorge Figueiredo Dias e Miguel Galvão Teles.

Outros cinco foram votados pelo Parlamento: Nuno Rodri-

gues dos Santos, Mota Pinto, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Freitas do Amaral.

Por inerência de funções fazem parte do Conselho de Estado o Presidente da Assembleia da República, o Primeiro-Ministro, os presidentes dos governos regionais e o provedor de Justiça.

O Conselho de Estado é presidido pelo Presidente da República, o único membro cujo mandato pode ser ilimitado, pois quando deixar Belém poderá nele continuar, uma vez que a Constituição determina que tenham assento no Conselho os antigos Presidentes da República eleitos na vigência da Lei Constitucional e que não hajam sido destituídos do cargo.

A segunda reunião do Conselho de Estado apenas será marcada após o termo da elaboração do projecto de regimento deste órgão.

Freitas do Amaral abandona (transitoriamente?) a vida política

Não devo apoiar soluções em que não acredito

— afirma na declaração de renúncia

Porque «a AD já não é a mesma» que ajudou a criar; porque não quis nela permanecer «na base da divergência, da suspeição e da descrença»; associar-se ao «seu gradual definimento»; apoiar soluções «fracas e precárias», nas quais «intimamente» não acreditava, Freitas do Amaral anunciou, ontem, a sua decisão de se demitir das funções de presidente do CDS e renunciar a todos os outros cargos políticos que até então exercia. Jogada de génio toda virada para o futuro ou atitude de um homem «psicologicamente afectado»?

A notícia da demissão de Freitas do Amaral, do cargo de presidente do CDS, explodiu como uma bomba. Mas, curiosamente, não no Largo do Caldas, onde se encontrava reunida a Comissão Directiva do CDS e se preparava para reunir o Conselho Nacional centrista. Ao Largo do Caldas apenas chegou, cerca das 21 horas, a onda de choque de uma explosão registada bem antes e longe: primeiramente em Belém, onde Freitas do Amaral dera a conhecer ao Presidente da República a sua decisão e, posteriormente, no Hotel Altis, ponto de encontro dos conselheiros nacionais do PSD.

A partir desse momento todas as informações laboriosamente recolhidas pelos jornalistas ao longo da tarde e do cair da noite, tiveram que ser passadas a «pente fino». Para começar a de que Freitas do Amaral se tinha efectivamente demitido das funções de presidente do CDS.

Não demorou muito: eram cerca das 21 e 55 quando Freitas do Amaral, surgindo da noite fria, se prepara para entrar na sede do seu partido. «Confirma-se a sua demissão?», perguntam dois jornalistas, entre os quais o redactor do «DL». Sorridente, dois apertos de mão, um «boa noite, como estão?», e Freitas do Amaral desilude: «Neste mo-

mento, não faço nenhuma declaração» — responde.

Demitiu-se, não se demitiu? A pergunta continua a bailar nos lábios até que Rui Pena, presidente do Conselho Nacional do CDS, põe cobro à curiosidade: manifestando «grande pesar», informa a imprensa que o professor Diogo Freitas do Amaral se «demitiu do cargo de presidente do partido e dos cargos que por inerência exerce».

Rui Pena acrescenta que a demissão «é irreversível» e que o Conselho Nacional está reunido.

O CDS vai apoiar a pessoa de Vítor Crespo como Primeiro-Ministro?

Rui Pena não foge à pergunta: «Há outros problemas, neste momento prioritários, a resolver. Depois disso, trataremos dos problemas nacionais» — declara.

«Rasteira» do PSD?

Entretanto, as informações, as contra-informações, continuam a circular. Separar o trigo do joio não é tarefa fácil. Diz-se que a nomeação de Vítor Crespo é uma rasteira do PSD ao CDS. Se este recusar o nome do antigo ministro da Educação, coloca-se numa situação de ruptura em relação ao seu parceiro na AD, permitindo assim ao PSD desembaraçar-se de um «com-

pagnon de route» cada vez mais «difícil» e «mal-amado». Se a aceitar, «carrega com as consequências» e «não poderá mais tarde» tirar benefício de um eventual desaire da equipa governativa liderada por Crespo.

Afirma-se que o CDS vai apoiar um Governo liderado por Vítor Crespo porque este não passará em Belém. Deste modo, o CDS não provoca qualquer ruptura, devolvendo a «rasteira» ao PSD, e lança o «odioso» da situação sobre a pessoa do Presidente da República, seguro que está que este vai dissolver a Assembleia da República.

Insiste-se, por último, em que o CDS vai dar um apoio condicional a um Governo chefiado por Vítor Crespo. Esperará primeiro que este lhe dê a conhecer o elenco governativo e o programa do Governo, para posteriormente se pronunciar a favor ou contra.

Segundo o que o «DL» conseguiu apurar de fonte muito segura, a linha «moderada» do partido — Basílio Horta, Lucas Pires, Anacoreta Correia... — luta com energia para que os centristas optem pelo apoio puro e simples a Vítor Crespo. A linha «dura» — Luís Beiroco, Adriano Moreira, Rui Oliveira... — defende o apoio «condicionado», de modo a afirmar dentro da Aliança Democrática a força do CDS.



«Duros» (Luís Beiroco e Adriano Moreira) e «moderados» (Anacoreta Correia) pensam nas «consequências». E agora?

de Lisboa

Rueta Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

21

por cento das mercadorias exportadas

Fraude com divisas chega ao Governo

A sobrevalorização está a tornar-se um hábito para os exportadores portugueses, que assim transferem, ilicitamente, divisas para as suas contas pessoais no estrangeiro. O mesmo acontece com certos indústriais e operadores turísticos que recebem em moeda forte e depositam nas suas contas em bancos estrangeiros as despesas realizadas em Portugal pelos turistas. O Banco de Portugal já há dias tinha alertado para esta situação, dando-lhe o volume de mercadorias exportadas e baseado o valor em divisas em 20 por cento das mercadorias exportadas. O Governo garantiu a ANEP que vai legislar sobre o assunto. Pág. 11

Amanhã em várias cidades Sindicatos convocam manifestações pedindo dissolução do Parlamento

volta hoje a Belém

missão em spense

A atitude de que Ramalho Eanes já habituou o País, de deixar o período de decisão mantendo o silêncio para o exterior de modo a que as suas intenções fiquem bem repelidas, agora demorou o Primeiro-Ministro Balsemão. Ele chegou ontem ao fim da tarde, ao hotel, e já se encontra a trabalhar. Os seus colaboradores e assessores declararam a imprensa que não sabem nada da sua decisão. Porém, os bastidores da «CHAIR» que as notícias se foram por que peso leva o «conselho» a não aceitar a proposta de voto ao Primeiro-Ministro? Logo a noite, prova-se.

chefes militares dos por Balsemão

Ator: Pinto Balsemão, o ministro da Defesa receberam hoje em audiências separadas as chefes do Estado-Maior-General das Forças Armadas e os chefes dos Estados-Maiores das três armas: a Garcia dos Santos, Sousa Lente e Lemos. Os chefes militares foram recebidos entre as 9 horas e 30 e as 10 horas. Os chefes militares foram recebidos entre as 9 horas e 30 e as 10 horas. Os chefes militares foram recebidos entre as 9 horas e 30 e as 10 horas.

Freitas do Amaral pode abandonar também presidência do CDS

Diá 21 deste mês: o «DL» anunciava a possibilidade de Freitas do Amaral deixar a presidência do CDS. Oito dias antes...

A luta que travam as duas tendências, no que respeita à posição a adoptar face a um Executivo liderado por Vítor Crespo, terá aliás conduzido a uma votação de sete contra sete no seio da Comissão Directiva do CDS. Freitas do Amaral ter-se-á recusado, de acordo com a mesma fonte, a fazer pender para um lado ou para o outro os pratos da balança.

«Homem muito abalado»

Pela noite dentro, os comentários à demissão de Freitas do Amaral eram, no Largo do Caldas, praticamente nulos por parte dos dirigentes centristas. No entanto, o «DL» em contacto com dirigentes do CDS, fora e dentro da sede daquele partido, conseguiu de certo modo entrar no segredo dos deuses.

Assim, confirmou-se uma informação que o «DL» deu em primeira mão: a decisão de Freitas do Amaral em se demitir da presidência do CDS não é de agora, «mas de há uns quinze dias atrás». «Tudo fizemos, dizia-nos um dirigente conotado com a linha «moderada», para que desistisse dessa ideia (...).

psicologicamente afectado, acabou por ter um comportamento igual àquele que verbalizou: o de Balsemão que, perante umas «traíções» se demite do seu posto; o de Salgueiro, que, invocando solidariedade com um Balsemão «atraído», rejeita a eventualidade de lhe suceder; o de uns quantos oportunistas que, perante o desaire eleitoral da AD, se preparam como ratos para abandonarem o navio».

Outra fonte centrista contactada pelo «DL», confirmando a análise anterior, acrescentou que «Freitas do Amaral abriu todas as portas a Eanes — com uma atitude digna de um homem muito abalado —, para que este dissolvesse agora a Assembleia da República e convocasse eleições gerais antecipadas».

Para essa mesma fonte, essas eleições serão «um desastre». «Com esta deserção, com uma AD a meter água por todos os lados, que credibilidade teremos?» — interroga-se. E dando resposta à sua própria interroga-

Continua na pág. 6

O Professor e o Político

Diogo Freitas do Amaral, de 41 anos, cujo pedido de demissão do cargo de presidente do Centro Democrático Social ontem anunciado, foi um dos políticos fundadores daquele partido em Julho de 1974, ao qual presidia desde Dezembro de 1978.

Professor universitário, Freitas do Amaral especializou-se em Direito Administrativo e Constitucional sob a orientação de Marcelo Caetano, de quem foi assistente na Faculdade de Direito de Lisboa.

Após o 25 de Abril de 1974, fez parte do Conselho de Estado e, depois de fundar o CDS, foi eleito deputado nas sucessivas eleições legislativas.

Entrou pela primeira vez para o Governo em Janeiro de 1980 na sequência da vitória eleitoral da Aliança Democrática — constituída por PSD, CDS e PPM — e da qual tem sido um dos três líderes.

Nas suas primeiras funções governamentais — desempenhou o cargo de Vice-Primeiro-Ministro, acumulando-as com as de ministro dos Negócios Estrangeiros.

Após a morte de Sá Carneiro, em 4 de Dezembro de 1980, exerceu interinamente as funções de Primeiro-Ministro até à posse do Governo de Pinto Balsemão, em 9 de Janeiro de 1981, o qual não quis integrar por ter tomado a decisão de não participar no Executivo caso Ramalho Eanes ganhasse as eleições presidenciais. Mais tarde, no entanto, viria a retirar a sua recusa e participaria no VIII Governo constitucional, que se demitiu depois das eleições autárquicas de 12 de Dezembro passado, e onde acumulava o cargo de Vice-Primeiro-Ministro com o de ministro da Defesa.

Freitas do Amaral é, desde 3 de Março de 1981, presidente da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC), organismo de que anteriormente foi vice-presidente.

Diogo Freitas do Amaral anunciara, em Setembro, que suspenderia as suas funções no VIII Governo constitucional de Francisco Pinto Balsemão, durante um certo período, no primeiro semestre de 1983, para prestar provas para professor catedrático da Faculdade de Direito.

O até agora presidente do CDS regressara à carreira docente em 1977, após interrupção de três anos, para leccionar a disciplina de Direito Administrativo na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Passos de uma renúncia

«A minha decisão não foi tomada contra o CDS (...) não é feita contra a Aliança Democrática nem contra os nossos parceiros na AD».

«A minha decisão não foi tomada contra o CDS (...) não é feita contra a Aliança Democrática nem contra os nossos parceiros na AD».

«A minha decisão não foi tomada contra o CDS (...) não é feita contra a Aliança Democrática nem contra os nossos parceiros na AD».

«A minha decisão não foi tomada contra o CDS (...) não é feita contra a Aliança Democrática nem contra os nossos parceiros na AD».

clero que serve de guia a todos os responsáveis encarregados de tarefas executivas.

«No fundo, no fundo, — tenho que o dizer — esta já não é a mesma AD. É uma outra versão, também possível, também legítima, mas muito diferente da que ajudou a criar. Que sentido teria, então, a minha permanência na base da divergência, da suspeição e da descrença? Tendo contribuído para a formação da AD, não posso aceitar a sua desintegração e a sua transformação em uma simples maioria parlamentar».

«Dirigi, então, que a melhor solução para que eu, como presidente do CDS, vos apresentasse esta, hoje, que recusação a solução feita pelo partido maioritário da coligação, mesmo tornando a coisa de entender, com tal atitude, a provável ruptura da Aliança Democrática (...) mas também esta orientação não me parecia adequada. O autor não deve, porém, à AD, a PPS não se merece, e necessário não é a desistência das funções».

«O meu desejo é que a AD continue a ser a mesma, e que eu continue a ser o mesmo».

e coerente saída da consulta ao eleitorado, as eleições subiriam bastante, os partidos democráticos ficariam, provavelmente, enfraquecidos...

«A estratégia da ruptura também se me afigura muito inconveniente e perigosa, além de que é altamente problemático que o CDS ganhasse eleições legislativas».

«Deveria eu, então, continuar, como antes, a apoiar soluções fracas e precárias, sob a ameaça de que, com uma solução forte e clara, eu me afastaria da coligação — por razões morais e políticas? Não, não apoio soluções em que não acredito. Não apoio a política um exercício de liberdade, de escolha, de ninguém me pode exigir que eu me desista da minha vontade, sem lá e chego de mãos dadas. Se ficasse, eu estaria mesmo a apoiar a desintegração da AD, publicamente, e certamente depois de ter tomado a decisão de me retirar da AD».

«A AD não morreu, não morre».

Freitas do Amaral abandona (transitoriamente?) a vida política

No fundo esta já não é a mesma AD

Continuação da pag. 5

ção: «Vamos ter eleições em Março e, vai ver, vamos desaperceber do mapa: 7 ou 8 por cento quanto muito...» — concluiu.

Outro dirigente do Conselho Nacional do CDS declarou-nos lamentar que Freitas do Amaral tivesse tido «o mesmo comportamento de uma classe política irresponsável». «Já viu a lição de humildade que Freitas do Amaral teria dado ao País e à classe política em geral se tivesse continuado como vice-Primeiro-Ministro de um Governo chefiado por este, por aquele, ou por aqueleoutro...?» — questionou-nos.

«Luta de galos»

No que respeito à declaração de renúncia de Freitas do Amaral, a mesma fonte adiantou-nos ser ela «uma contradição pegada». «Descreve uma paisagem dantesca no seio da AD e, em seguida, afirma peremptoriamente que a AD não morreu nem morrerá; passa um atestado de menoridade aos próprios dirigentes do partido ao afirmar «grosso modo»: eu, o grande,

não posso fazer mais para salvar a AD, mas vocês, meus meninos, façam tudo para a salvar...» — frisa. E à laia de remate final: «A nós descalçamos a bota foi, em suma, o conteúdo da sua mensagem. Mensagem de um homem que não está bem...»

O nosso interlocutor também não teve pejo em aceitar a tese de que vai haver agora uma corrida à sucessão de Freitas do Amaral. «Lá que vai haver luta de galos, lá isso vai... Mas as alternativas são poucas: há o Basílio e o Lucas. Tanto um como o outro têm as suas «chances». O primeiro é o primeiro vice-presidente. O segundo não faz ondas e vai avançando firmemente...» — revela-nos. E os outros? A resposta chega-nos célebre: «Se está a pensar nos Adrianos Moreiras e Luis Beirocos, fique desde já ciente que estão fora de jogo...»

Jornalistas dizem «não»

A noite corria e a ausência de informações de carácter oficial eram nulas. Cerca de 1 hora da madrugada, uma delegação do

PSD — Amândio de Azevedo, Nuno Rodrigues dos Santos e Leonardo Ribeiro de Almeida, que a chefiava —, chegava ao Largo do Caldas para dar conhecimento ao CDS da decisão assumida pelo Conselho Nacional do PSD: escolha oficial do nome de Vitor Crespo para chefiar o próximo gabinete ministerial.

Leonardo Ribeiro de Almeida recusar-se-ia a comentar a demissão de Freitas do Amaral, alegando «não nos ter chegado ainda integralmente a posição política do professor Freitas do Amaral (...) reservamos a nossa opinião para uma hora em que estejamos com melhores conhecimentos».

Minutos depois a delegação saía da sede do CDS mais sisuda do que tinha chegado. Mas desta vez, nem uma declaração.

Ainda os jornalistas, concentrados ao longo da noite num átrio de entrada, gélido, com apenas um telefone... se interrogavam sobre «o que se terá passado lá em cima», e já os dirigentes do CDS anunciavam que o comunicado final do Conselho Nacional se encontrava à disposição dos jornalistas. «Subam» — convidavam-nos.

Mas a união faz a força. E os jornalistas, que não esqueciam as condições de trabalho que lhes tinham sido oferecidas durante horas a fio, recusaram-se a subir. «Aqui nos deixaram toda a noite, aqui aguardaremos a leitura do comunicado» — afirmaram a uma só voz.

O objectivo da mensagem

Rui Pena, uma vez mais e na sua qualidade de presidente do Conselho Nacional, leu o comunicado final e prestou-se em seguida a responder às perguntas da imprensa.

Depois de anunciar que o Conselho se voltaria a reunir esta noite, às 21 e 30, e de considerar «irrevogável» a decisão

assumida por Freitas do Amaral, Rui Pena informou que o Conselho Nacional do seu partido aprovara a manutenção em funções da Comissão Directiva. E acrescentava que essa manutenção de funções fora aprovada na pessoa de todos os membros que a compunham no momento da demissão do seu presidente, «com idêntico mandato, competências e atribuições».

Informava igualmente que os respectivos trabalhos seriam doravante presididos por Basílio Horta, primeiro vice-presidente do CDS.

Noutro passo das suas declarações, o dirigente centrista anunciava que o Conselho deliberara não preencher o cargo de presidente do CDS até à realização do próximo Congresso do partido, a realizar durante o próximo mês de Fevereiro no Porto.

«Figuras ortodoxas...»

Comentando as consequências da demissão de Freitas do Amaral, Rui Pena mostrou-se «perfeitamente convencido» de que a demissão vai permitir «a reflexão que andamos a pedir há cerca de ano e meio dentro da AD». «Desta forma, acrescentou, que, ao mesmo tempo é dramática e simbólica, de protesto, a AD irá por certo reencontrar os caminhos da sua fundação, os caminhos correctos, aqueles em que Portugal acreditou». E Rui Pena concluiria este passo da sua intervenção com a afirmação de que «é esse o grande objectivo da mensagem formulada por Freitas do Amaral».

Sobre a renúncia do líder centrista, Rui Pena declarou ainda ser ela «muito mais dirigida à reflexão dos portugueses do que aqueles que são partidários do CDS (...) muito mais para efeitos externos do que para efeitos internos».

Recusando a ideia de que a partir de agora vai haver uma «guinada» à direita do CDS e, simultaneamente, a possibili-

dade de Adriano Moreira ocupar o lugar deixado vago por Diogo Freitas do Amaral — «haverá certamente aceitação de outras figuras porventura mais tradicionais e ortodoxas em termos de partido...» —, Rui Pena considerou «não ser ainda altura para se falar de eleições antecipadas».

Sobre o tema em apreço, disse «não se terem jogado ainda os dados que possam levar, em termos democráticos correctos, o PR a determinar a dissolução da AR». «Isso, declarou, só poderá acontecer quando a maioria se revelar incapaz de, em curto prazo, proceder à substituição do Governo».

E qual será a posição do CDS em relação a esse Governo? Rui Pena não precisou de pensar muito: «Estamos empenhados na formação rápida de um governo sólido, forte, que realmente possa responder às necessidades actuais» — sublinhou.

Mesmo se esse Governo é liderado por Vitor Crespo? Vezes sem conta Rui Pena foi colocado perante esta questão, e outras tantas respondeu: «Cabe ao Conselho Nacional pronunciar-se. Ainda não o fez...»

Fa-lo-á esta noite, a partir das 21.30. Sem Freitas do Amaral.

Manuel Anta

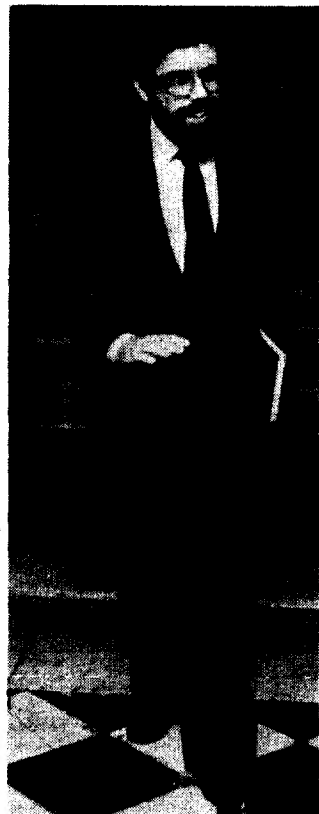
Lucas Pires

Lucas Pires considerou hoje que o CDS, após a demissão do seu presidente, Freitas do Amaral «terá praticamente que ser outro».

Em entrevista à «Antena-1», Lucas Pires frisou que, sem Freitas do Amaral, o CDS «terá de ter um novo novo estilo, que se renovar e mostrar que não é conjunto de difidelidades pessoais».

O vice-presidente do CDS, reconheceu, por outro lado, que a demissão de Freitas do Amaral, não foi «um acto de deserção política mas um acto de luta política».

«Não está excluído que Freitas do Amaral regresse mais tarde à cena política na perseguição de



Devagar, devagar se vai longe...

um objectivo político a médio prazo», disse Lucas Pires, que admitiu a hipótese de a atitude de Freitas do Amaral se inserir numa perspectiva de candidatura à presidência da República.

O entrevistado referiu ainda estar-se perante «uma crise grave no CDS, na AD e para o próprio regime» e verificar-se «um apelo crescente para que o Presidente da República assumas as suas responsabilidades no actual contexto».

Lucas Pires, no entanto, considerou que a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições legislativas «não resolverão nenhum problema fundamental do país».

Quanto à nomeação de Vitor Crespo para Primeiro-Ministro, Lucas Pires, disse que a posição do CDS «poderá não ser de recusa», acrescentando que «as questões não são já pessoais mas políticas».



Nuno Rodrigues dos Santos, Leonardo Ribeiro de Almeida e Amândio de Azevedo — uma delegação sorridente. Por pouco tempo...

Reacções à demissão de Freitas do Amaral

Oposição insiste em eleições antecipadas

A demissão de Freitas do Amaral, prevista pelo «DL» já há dias, apanhou de surpresa os meios políticos. Se as reacções das oposições foram claras — pedindo ou reclamando a realização de eleições gerais antecipadas, nos meios da maioria a perplexidade é grande. Ribeiro Teles, por exemplo, admite que a decisão do líder centrista «faz parte de uma estratégia» (sic).

Para o socialista Jaime Gama, há uma fuga em debandada dos dirigentes da Aliança Democrática.

A AD é um esquema político falhado cujos dirigentes fogem em debandada — afirmou à ANOP o dirigente socialista Jaime Gama, comentando a demissão de Freitas do Amaral de presidente do CDS.

Jaime Gama referiu a demissão de Francisco Pinto Balsemão e a de Freitas do Amaral para acrescentar que «a fuga às responsabilidades patenteada pelos responsáveis máximos da AD é a prova evidente de que a sua política foi um fracasso total».

Jaime Gama, considerando «a gravidade desta crise», afirmou ainda que ela «cria a necessidade de se constituir um novo poder político democrático».

Mas para tal, acrescentou o dirigente do PS, «é necessário um novo parlamento, visto que a AD é incapaz de constituir governos estáveis».

«A chave dessa mudança — finalizou Jaime Gama — reside nos poderes constitucionais do Presidente da República, mas para que a sua escolha seja livre e

soberana, o PS nada exige, pede ou pressiona».

PPM

Gonçalo Ribeiro Teles, líder do PPM considerou ontem que a demissão de Freitas do Amaral dos seus cargos governamentais e partidários «deve fazer parte de uma estratégia».

Revelando que a atitude do líder centrista «não o colheira de surpresa», Ribeiro Teles escusou-se a outras declarações por ainda não conhecer, nos seus termos exactos, as razões invocadas pelo ministro demissionário.

«Trata-se de um problema muito grave não só para a AD como para a vida política do País» — disse.

Ribeiro Teles revelou ainda ter a ocorrência determinado a convocação de uma reunião do Directório do seu partido para a manhã de hoje na sala do Grupo Parlamentar popular-monárquico — em S. Bento.

UDP

Mário Tomé disse por seu turno à ANOP, que Freitas do Amaral «pretende com a sua reti-

rada afastar-se da crise governamental e da AD para depois da falência certa das previsões de bloco central, aparecer novamente em força».

O deputado da UDP referiu que, «em primeiro lugar, com a demissão de Freitas do Amaral da presidência do CDS, desaparece o último argumento a que se poderia agarrar o Presidente da República — um governo sólido — para não dissolver a Assembleia da República e convocar eleições antecipadas».

«Em segundo lugar — acrescentou — esta demissão significa a comprovação da falência das soluções da direita para o nosso País, nem quando elas aparecem justificadas pelas maiorias ditas estáveis e coerentes».

Mário Tomé lembrou que «esta situação não deve fazer esquecer que as medidas anti-populares que se projectam levar à prática são a realidade mais firme e coerente da actual situação política e que irão certamente ser efectivadas mesmo por um Governo que saia de eventuais eleições».

«Por isso — os trabalhadores devem avançar na sua luta, porque se o inimigo mostra fraqueza é altura de lhe dar com mais força para não lhe permitir recompor-se» — concluiu.

Cunha Leal

O dirigente da ASDI, Artur Cunha Leal, afirmou que a demissão de Freitas do Amaral, dos seus cargos governamen-

tais e partidários «dá numa salva de prata argumento ao Presidente da República para dissolver o Parlamento».

Considerando a demissão do vice-primeiro-ministro um sintoma da instabilidade da AD que terá por consequência necessária a aceleração da sua desagregação, Cunha Leal manifestou-se convicto de que a ocorrência irá suscitar eleições legislativas antecipadas.

«Freitas do Amaral deu ao Presidente Eanes o argumento de que ele carecia para proceder ao que a oposição vem exigindo: a dissolução da Assembleia da República e a convocação de novas eleições legislativas» — afirmou.

Artur Cunha Leal prognosticou ainda uma «queda» do CDS em virtude do afastamento da figura grada que lhe restava após a morte de Amaro da Costa, e da «luta de galos» que a disputa pela presidência do Partido originará entre os centistas.

Salgueiro

João Salgueiro, à saída da reunião do Conselho Nacional do PSD, considerou hoje ser cedo para adiantar qualquer comentário sobre a demissão de Freitas do Amaral, explicitando apenas que este já anunciara anteriormente o seu desejo de se dedicar à vida universitária.

Sobre a reunião do Conselho Nacional, disse que fora muito clara adiantando que o PSD entremostra uma atitude muito uni-

tária, apesar das especulações que por vezes se fazem sobre o Partido.

Salgueiro reiterou à ANOP a sua intenção de não participar no nono Governo Constitucional.

«Quando há uma mudança — observou — tem de ser profunda e acho que é isso que deve acontecer».

MDP/CDE

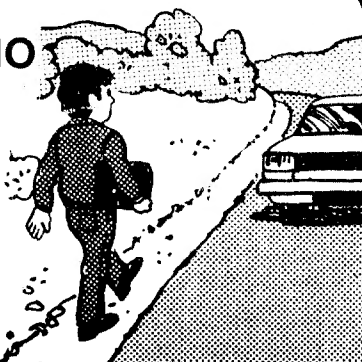
O Presidente da República está confrontado com uma única solução coerente para a crise, a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições gerais antecipadas — declarou à ANOP, Herberto Goulart, dirigente do MDP/CDE.

Para Herberto Goulart, a demissão de Freitas do Amaral de presidente do CDS «é uma questão do CDS e da AD», mas «não deixa de ser um novo facto político que traduz a profunda desagregação a que chegou aquela coligação».

Por isso — concluiu o dirigente do Partido integrante da APU — «não há solução possível para a crise de Governo com base numa AD onde até a proposta de indigitação de um Primeiro-Ministro é subordinada a interesses partidários e a ambições pessoais, perdendo por completo o sentido e a dimensão dos problemas de Estado».

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a caminhar do lado esquerdo da Faixa de rodagem, para ver de Frente os veículos





PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Acusa a Ordem:

Desemprego de médicos programado pela Secretaria de Estado

A Ordem dos Médicos acusou hoje a Secretaria de Estado da Saúde (SES) de ter «programado o desemprego dos médicos através de um rateamento discriminatório», provocado pelas recentes decisões daquela Secretaria respeitantes à colocação de médicos na carreira de clínica geral e internato complementar que, segundo a Ordem, «anunciam o desemprego de médicos em Portugal».

Referindo-se à legislação em vigor, a Ordem dos Médicos considera, em comunicado, que a SES viola na prática o direito dos médicos que, tendo exercido um ano de serviço cívico obrigatório na periferia, ficavam, ao abrigo da legislação, com garantia a trabalho facultado pelo Estado. No mesmo comunicado, a Ordem explica que a Secretaria de Estado ao oferecer aos médicos «grande abundância de lugares em zonas distantes, inóspitas e sem reais condições de trabalho» leva-os a não optar «para que possa depois dizer que até sobram vagas e que os médicos só não as utilizaram porque não quiseram».

A legislação — acrescenta a Ordem dos Médicos — «permitiu colocações à margem das regras normais das carreiras, assegurando a alguns o privilégio de ficarem em Lisboa, situações que importará anular pela imoralidade de que se revestiram».

Os médicos do hospital de Beja manifestaram-se ontem, por seu lado, contra uma portaria, publicada em Novembro, que «colide com a dignidade e autonomia dos hospitais distritais», consagran-

do, segundo os 67 médicos que assinam o comunicado, «a discriminação evidente de duas carreiras hospitalares, condicionando uma via de acesso manifestamente desprestigiante e implicitamente gravosa para a autonomia e responsabilidade dos hospitais distritais».

Os lugares de chefe de serviços dos hospitais distritais serão prioritariamente destinados, futuramente, aos assistentes dos hospitais centrais referindo ainda o comunicado que as novas determinações «condicionam um acesso menos digno a assistente de hospital distrital».

O Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul anunciou, entretanto, uma greve burocrática, por tempo indeterminado, com início no próximo dia 3 de Janeiro, no Hospital Distrital de Faro, com vista a «pressionar as entidades competentes, nomeadamente a Secretaria de Estado da Saúde, a publicar os quadros de pessoal». O facto de ser uma «greve burocrática» leva a que os doentes não sejam afectados, pois os enfermeiros só farão greve a «tudo quanto se relacione com as questões meramente burocráticas relacionadas com o serviço».

Também o Sindicato dos Médicos da Região Sul divulgou um protesto contra o que define como «marginalização dos médicos dos Serviços Médico-Sociais que ainda não foram contemplados com o aumento da Função Pública de Janeiro de 1982».

Hospital de Viana com consultas externas

A partir do próximo dia 5 de

Janeiro, o novo Hospital Distrital de Viana do Castelo, vai abrir ao público as sessões de consultas externas das especialidades médicas de neurologia, oftalmologia, cardiologia, otorrinolaringologia, traumatologia e endocrinologia estando previsto para Abril de 1983 o funcionamento em pleno daquele hospital que dispõe de 500 camas e irá servir uma população estimada em cerca de 300 mil pessoas.

Um curso de formação básica de óptica encerrou, entretanto, ontem na Covilhã, com a entrega de diplomas a cerca de 20 novos diplomados. Tendo início no passado dia 8 de Novembro, o curso, o primeiro do género realizado por este ramo profissional, teve o patrocínio do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI) e da Associação dos Ópticos Portugueses, tendo, no futuro, os profissionais de óptica de possuir este curso para se dedicarem ao ramo.

Poluição causa vinte mil mortes por ano

O lixo e a contaminação atmosférica asfixiam os 19 milhões de habitantes da capital do México e seus arredores, onde diversos micróbios e vírus causam vinte mil mortes por ano. Alguns urbanistas mexicanos concordam em assinalar que, com uma superfície de 9500 metros quadrados, o que se denomina «Vale do México» foi convertido num dos pontos críticos do mundo, pelos graves problemas que o afectam. Há vários anos que os habitantes da zona suportam

diariamente duas mil toneladas de monóxido de carbono produzidos pelos três mil veículos em circulação.

No «Vale do México» geram-se, diariamente, oito mil toneladas de lixo e desperdícios que, somadas às 966 mil toneladas de contaminação atmosférica, asfixiam os habitantes dessa zona denominada, pelo escritor Carlos Fuente, «a região mais transparente». No vale existem ainda cerca de 190 milhões de ratos, que, além de transmitirem várias doenças ao ser humano, causam danos de mais de 2.714 milhões de dólares por ano, ao devorarem e contaminarem alimentos.

Vacina contra a herpes

Um cientista norte-americano criou uma vacina contra a herpes, doença venérea altamente contagiosa, segundo foi ontem anunciado em Chicago. A vacina, que por enquanto foi só experimentalmente em macacos, será utilizada em estudos com seres humanos, em 1983, nos Estados Unidos e em França. Se aquelas provas tiverem êxito, a vacina permitirá travar a «epidemia» de herpes, mas não irá ajudar os cerca de 20 milhões de norte-americanos que já a contraíram.

Especialistas da Universidade de Louisiana anunciaram, entretanto, a descoberta de uma terceira forma de hepatite, que poderá ajudar a um melhor conhecimento da doença. Até agora eram conhecidas apenas duas formas de hepatite (A e B).

'Expresso' vai ter concorrente

Rebello de Sousa avança para novo semanário

Um novo semanário deverá ser lançado em Janeiro, com âmbito nacional e procurando situar-se na área do «Expresso» — anunciou ontem o «Correio do Minho». O dinamizador e director deste novo semanário é Marcelo Rebello de Sousa, que recentemente se afastou das suas funções governamentais.

As diligências para concretizar este projecto já terão motivado contactos com jornalistas do «Diário Popular» e do próprio «Expresso», de que Marcelo Rebello de Sousa foi director até à sua entrada para o último Governo de Pinto Balsemão, accionista maioritário deste semanário.

Mais um número de «Jornalismo»

O número 6 de «Jornalismo», órgão do Sindicato dos Jornalistas, referente a Dezembro, foi agora publicado e já está em distribuição à classe.

Este número de «Jornalismo» aborda temas diversos, dando relevo na capa ao 1.º Congresso dos Jornalistas Portugueses que se realizará em Lisboa de 19 a 22 de Janeiro. «Acto de cultura e liberdade» — assim o classifica o boletim sindical.

As questões do encerramento do «Portugal Hoje» e da tentativa de liquidação da ANOP são também abordadas. «Em vez do relançamento prometido o despedimento arbitrário» — é o título do artigo referente ao «PH», ex-órgão oficial do Partido Socialista.

«ANOP: é urgente liquidar o

escândalo» — titula-se no que respeita à agência noticiosa. Em antetítulo diz-se que «José Alfaia 'cai' do Palácio Foz».

Outros temas abordados nesta edição de «Jornalismo»: o novo auditório ao serviço dos jornalistas no seu sindicato; as actividades da direcção sindical; a negociação das novas tabelas salariais para os jornalistas; a morte de Urbano Carrasco; extinção da Informação/2 e o clube de jornalistas.

Contratação dos jornalistas

Uma reunião entre o Sindicato dos Jornalistas e a Associação da Imprensa Diária, sobre a revisão da tabela salarial do sector, foi marcada para o dia 5 de Janeiro.

Na primeira reunião de negociações, os representantes da AID informaram não estar dispostos a ir além da sua proposta de aumento de 16 por cento, pelo que, se a mesma não fosse aceite, se deveria requerer uma tentativa de conciliação sob a égide do Ministério do Trabalho — indica um comunicado distribuído ao fim do dia pelo Sindicato dos Jornalistas.

«Não obstante, a posição de absoluta inflexibilidade assumida pelos representantes da AID, que chegaram a afirmar não merecer a pena voltarem a reunir-se com o sindicato, o delegado dos jornalistas propôs a continuação das negociações» — informa o SJ.

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira



Homenagem ao professor REYNALDO DOS SANTOS um vilafranquense

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira na sequência da sua acção cultural, homenageando figuras de destaque nascidas ou ligadas ao concelho de Vila Franca de Xira, vai promover uma homenagem a Reynaldo dos Santos, médico, cientista e estudioso da arte e da cultura portuguesa. No âmbito dessa homenagem serão organizadas:

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS (de 19 a 26 Fev. 82)

Pintura, Desenho, Escultura e Gravura. Prémio a atribuir por um Júri a designar a cada modalidade.

Aberta a todos os artistas nacionais, que poderão expor os seus trabalhos nos submeterem a concurso.

UM CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Tema: Património Cultural do concelho de Vila Franca de Xira. Prémios a atribuir por um Júri a designar nas modalidades de Preto e Branco e Cores. Formato obrigatório: 18 x 24. Entrega de trabalhos até 31 de Janeiro de 1983.

Todas as informações referentes a estas duas iniciativas serão prestadas pelo Departamento de Cultura e Acção Social, Rua José Dias da Silva n.º 2 - 2. 2600 Vila Franca de Xira. (Telef. 22031/5 Ext. 265)

5^a feira
Tempo®

Devido à gravidade da situação política o «TEMPO» atrasou a sua edição de hoje por algumas horas de modo a poder informar melhor os seus leitores.

A edição só deverá começar a ser distribuída a meio da tarde de hoje.

de ontem para hoje

Espólio do «Tollan» queimado em Alcochete



CERCA de um milhão de folhas, destinadas à impressão de papel moeda da Nigéria foram queimadas no campo militar de tiro de Alcochete, segundo revelou ontem a Direcção-Geral das Alfândegas. As folhas estavam acondicionadas em dois contentores, que faziam parte da carga do navio inglês «Tollan» afundado no Tejo, desde 16 de Fevereiro de 1980. A operação, solicitada pelo governo de Lagos e realizada com toda a segurança, assistiram representantes da Embaixada da Nigéria em Lisboa, do Banco Central e da Casa da Moeda daquele país, da Nigerian Security Printing and Minting Company, do Banco de Portugal, do agente dos «Lloyds» e da Guarda Fiscal. Cada folha queimada destinava-se ao fabrico de 28 notas.

Cadastrado escapa à Judiciária

O cadastrado Pedro Gonçalves Dias dos Santos, de 28 anos, evadido em Outubro de 1981 do Linho, onde cumpria a pena de 16 anos de prisão maior, por assalto à mão armada, foi visto pela Polícia Judiciária ao volante de um «Alfa Romeo» quando se encontrava a abastecer o veículo de carburante, no Viaduto Duarte Pacheco em Lisboa. Ao sentir-se detectado, Gon-

çalo arrancou a grande velocidade, danificando seriamente um carro particular que se encontrava na retaguarda. Os agentes ainda fizeram alguns disparos mas não conseguiram evitar a fuga de Pedro Gonçalves, que acabou por abandonar o «Alfa Romeo» na auto-estrada, com diversos objectos e ferramentas no seu interior.

Afogada à hora da telenovela

Enquanto a mãe e os irmãos viam na Televisão a telenovela brasileira «Baila Comigo» a pequenita Eva Silveira Ferreira dos Santos, de ano e meio saiu da sua casa hu-

milde, na Rua Vila Cova de Baixo, em Rio Tinto, e acabou por cair ao rio Douro, numa ponte sem resguardo, morrendo afogada. Eva era a mais nova de sete irmãos.

Um batelão para a Socramar

O primeiro batelão de uma série de cinco encomendas pela Socramar, ao estaleiro de construção naval de Viana do Castelo, foi ontem lançado à água. O valor global das cinco unidades é de 500 mil contos. A nova unidade tem 81 metros

de comprimento e uma capacidade de carga de quatro mil toneladas. A cerimónia esteve presente o secretário de Estado da Marinha Mercante, autoridades de Viana do Castelo e as administrações das duas empresas.

Alarme de bomba no S. Carlos

Elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP estiveram na noite de anteontem no Teatro S. Carlos (exibição de bailarinos do Bolchoi de Moscovo), no qual um telefonema anónimo afirmava ir rebentar uma bomba. Tratava-se afinal de mais um falso alarme, o mesmo acontecendo relativamente a outros locais onde a mesma equipa se deslocou, nomeadamente nas Avenidas da Liberdade, Elias Garcia e Almirante Reis.

Julgamento de Khron em Janeiro

Apesar de Fernandez Khron se ter recusado a colaborar com os três psiquiatras que estiveram no Estabelecimento Prisional de Lisboa para o examinar, estes dispõem de meios para avaliar a sua sanidade mental e elaborar um relatório para o Tribunal de Vila Nova de Ourém, onde o pleito deverá recomençar no mês de

Janeiro, revelou ontem o director daquela cadeia. Recorde-se que o julgamento do padre sedevacantista espanhol, acusado de ter tentado matar o Papa João Paulo II na noite de 12 de Maio, durante a peregrinação ao Santuário de Fátima, foi suspenso em 20 de Outubro, logo na primeira audiência.

Catedrático morre em Coimbra

Alfredo Fernandes Martins, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, faleceu ontem naquela cidade, vítima de enfarte do miocárdio. O extinto era doutorado em Ciências Geográficas e exercia o cargo de director do Instituto de Estudos Geográficos. Entre os seus trabalhos salienta-se a tese de licenciatura, intitulada «O Esforço do Homem na Bacia do Mondego», uma das raras obras publicadas sobre este tema.

Ruth Escobar (deputada do PMDB) ao «DL»:

A política é a negociação do espontâneo

Mulher, mãe, actriz, avó, guerreira, dizia um panfleto da sua campanha eleitoral. Para Garcia Marquez ela é um terramoto. Ela é Ruth Escobar, única deputada da Assembleia Estadual de S. Paulo e militante feminista. Mulher de teatro considera a cultura como a arte do espontâneo; a política, a sua negociação.

RUTH Escobar foi eleita com 50 000 votos nas listas do PMDB numa campanha diferente. Não por capricho ou tática. Mas por imaginação e militância. «Fui candidata depois de muito pressionada pelos grupos de mulheres, pois sou fundadora da Frente de Mulheres Feministas de S. Paulo. A nossa ideia é fazer uma grande Frente de Mulheres, mas, naquele momento, pela dimensão territorial do Brasil, não tínhamos legitimidade para tal».

A sua campanha surge como uma gazua que, no entanto, não esquece os grandes portões. Quando eu defendo a questão da mulher, não defendo uma questão abstracta, e acentua: Não acredito numa sociedade igualitária onde não haja igualdade entre o homem e a mulher. A democracia também não é uma democracia abstracta, de discurso. É uma democracia que começa em casa nas relações interpessoais.

É assim que surge a sua candidatura pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Talvez eu estivesse mais próxima do PT (Partido do Trabalho). Mas tive que saber distinguir entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, e o PMDB é o princípio da realidade. Um grande partido de oposição que, pela sua força política, tinha condições de derrotar o regime dos militares, como aconteceu em nove Estados. O PMDB é também o partido onde é possível fazer um trabalho político e ampliar a plataforma das lutas de emancipação da mulher.

«As favoritas do Rei»

Dai a preocupação em demarcar-se das nomeações para cargos públicos de muitas mulheres. Nenhum partido tem clareza quando fala da questão da mulher. Até o partido dos militares (PSD, Partido Democrático e Social) se apossou desta questão. Quando os militares nomearam uma ministra da Educação foi porque estava na moda, é como se fosse «a favorita do Rei».

A base desta raciocínio é simples: Essas mulheres reproduzem o modelo masculino baseado na clássica distinção entre homem e mulher. Sempre foi dito que os homens são duros, rígidos, autoritários, frios, e os atributos dados como femininos são a ternura, a paixão. Ora, foi a linguagem da frieza e do calculismo que apertou um botão e fez cair uma bomba sobre Hiroxima. É a mesma linguagem que aprova orçamentos militares de milhões de dólares. A nossa luta é a de que os atributos considerados femininos passem a ser um valor na sociedade.

Dois opções se prefiguram, então, aos movimentos feministas. Ou «dar as costas» ao sistema e fazer como os movimentos «hippies» nos anos 60, ou trabalhar por dentro o sistema como é o meu caso.

A fronteira desta opção com a das «favoritas do Rei» é profunda. Nas discussões com as mulheres, para além de colocar a minha plataforma ao nível das lutas gerais, onde estão inscritas as lutas de todo o Povo brasileiro, eu sempre coloquei as questões específicas da mulher: a questão que está na raiz da



Tive que saber distinguir entre o princípio do prazer e o princípio da realidade

mudança do relacionamento, da relação «caça-caçador» entre o homem e a mulher. Foi então que eu vi os olhos das mulheres a brilharem, um sorriso de ponta a ponta. É por aí que começa uma Revolução, e é por aí que a sociedade vai mudar.

«Homem honorário»

Ruth Escobar é a única mulher na Assembleia Estadual de S. Paulo. Numa assembleia de homens, num campo, a política, que tem sido tradicionalmente de homens, a sua tarefa não será fácil. Já tive o primeiro confronto na minha própria bancada, porque o discurso masculino tem a tendência de transformar a mulher que intervém num homem honorário. Aliás, os meus companheiros de partido quando me fazem um elogio, dizem que eu, Ruth Escobar, valho por dez homens, ao que respondo que quero valer por uma mulher, ou dez mulheres.

Durante a campanha, o seu duplo objectivo, derrotar os militares e despertar a consciência feminina, trouxe-lhe alguns problemas. Os estados maiores

partidários são muito sensíveis, em tempo de eleições, aos discursos «anti estratégicos». Levei «puxões de orelhas» do partido porque o meu discurso era, por vezes, à esquerda do PT. Defendo, por exemplo, a legalização do aborto, pois penso que o aborto é um drama, não um crime. Sou também a favor da despenalização da maconha porque o problema da droga no Brasil é um problema social. Há mais gente no Brasil que fuma maconha do que gente que come carne.

No entanto, não faltam planos à «deputada rebelde». Estou interessada em organizar no PMDB os departamentos relacionados com a mulher, dar-lhe outra dimensão. Actualmente estou empenhada na articulação dos conselhos de condição feminina a nível inter estadual, nos diversos Estados onde a oposição ganhou.

Por outro lado, como acentua Ruth Escobar, sorriso nos lábios, o movimento feminista no Brasil tem obtido importantes vitórias. Ao nível da consciencialização das mulheres estamos avançadas. Além disso, nos últimos

quatro anos houve uma alteração nos órgãos de comunicação face ao problema. Hoje temos um espaço diário na «Folha de S. Paulo».

«Deus é mulher»

Do espaço conquistado à luta: Desde há dois anos temos um programa de televisão chamado TV Mulher. Há cerca de um mês um dos programas, que abordava a sexualidade, foi retirado do ar pelas forças mais obscuras. Então houve uma mobilização tal que a TV Globo teve que pôr o programa no ar uma semana depois.

No entanto, e apesar da mobilização que existe, Ruth não considera a sua vitória como a vitória do feminismo, que define como a organização política do feminino. É uma vitória pessoal, fruto do trabalho que tenho vindo a desenvolver no Brasil há cerca de dez anos.

Do trabalho partidário ao suprapartidário, com a certeza de que nos países que começam um processo de democratização emerge mais forte a questão das mulheres.

Dai a necessidade de criar, de mobilizar.

Ruth Escobar organizou o Festival Nacional das Mulheres nas Artes em S. Paulo, um pólo fantástico de mobilização. Mais de 5000 mulheres discutiram a participação da mulher no processo de transformação social. Um dos «slogans» era «Deus é mulher».

Agora, a proposta, e uma das razões que a trouxe até Lisboa, é organizar o Festival das Mulheres nas Artes do Mundo de Língua Portuguesa.

Apelidada de louca, as mães da praça de Maio de Buenos Aires também o são e eu estou com elas, Ruth Escobar mantém viva a paixão, a minha razão de lutar, e está pronta a negociar o seu espontâneo, a fazer política, a tornar possível o impossível.

Entrevista de Nuno Ribeiro
Fotos de Rui Pacheco

A prisão de Sérgio Godinho

“Os últimos estertores do autoritarismo”

A prisão de Sérgio Godinho no Rio de Janeiro foi considerada por Ruth Escobar como «um dos últimos estertores do autoritarismo, e do arbitrio». Ruth Escobar, que acompanhou de perto o «caso» do «Living Theatre», conta o que se passou:

«Eles eram meus convidados e o que aconteceu foi uma história muito mal contada acerca de maconha que teria sido encontrada nos sacos deles. Na verdade, o que se passou foi uma acção da direita, do fascismo, contra aquela coisa libertária que é a cultura, que era o Living Theatre, que combatia todos os dogmas, da tradição, da família e da propriedade. Posteriormente à sua expulsão eles foram ilibados, pois não se provou que eles eram portadores de droga. Mas não se tomou nenhuma medida judicial. Ces-saram as causas, mas não os

efeitos. O Godinho foi preso, porque o computador acusou que ele era «persona non grata», pois não tinha sido corrigida a informação. A detenção dele deve ter sido feita com extrema violência, constituindo mais uma provocação da Polícia, que está muito assustada com a desmobilização da DOPS. Ele tinha participado num comício do PMDB e é aí que me parece que está a questão. De qualquer das formas é necessário que as autoridades portuguesas tomem a defesa dele. Por outro lado, sei que a violência e a corrupção são práticas comuns nos presídios brasileiros e tenciono, na minha condição de deputada, abrir um inquérito sobre a corrupção e a prática de violências nos presídios de S. Paulo. Um país não pode caminhar para a democracia se não faz valer os direitos humanos a todos os níveis».



Ruth Escobar

Sérgio Godinho vai apanhar o primeiro avião para Lisboa

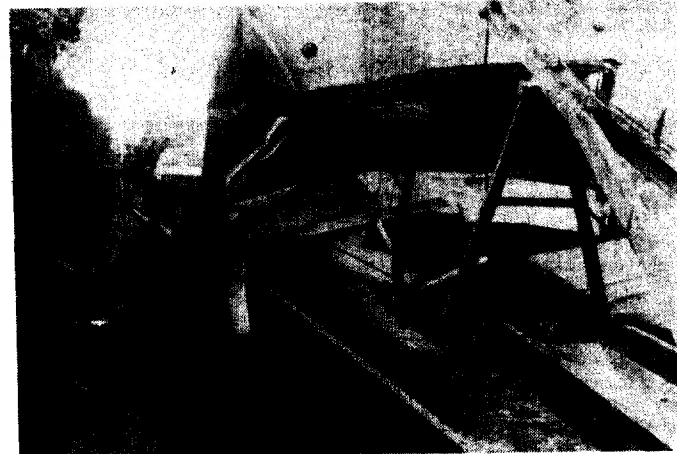
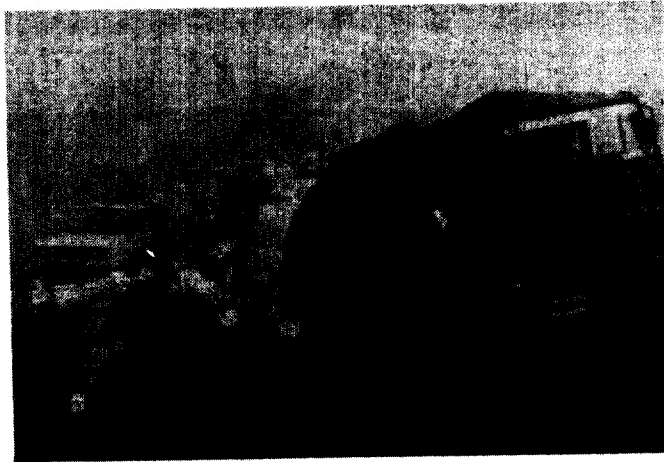
EXPULSO do Brasil por decreto ontem assinado pelo presidente brasileiro, João Figueiredo, Sérgio Godinho chegará a Lisboa às 7 horas e 55 minutos de amanhã. O cantor português terá de abandonar o Rio logo após a publicação, no «Diário Oficial», do decreto de expulsão ou seja, segundo uma declaração da Polícia Federal hoje publicada na imprensa brasileira, no primeiro voo para Portugal que parte do Rio de Janeiro às 18 horas locais (21 horas de Lisboa) de hoje.

No entanto, e segundo nos disseram do Sindicato dos Músicos brasileiros, poderá acontecer que Sérgio só embarque no voo que precede o primeiro e que parte do Rio às 21 horas e 45 minutos, chegando a Lisboa às 9 horas e 55 minutos. Seja qual for a hora de embarque é contido certa a presença entre nós, amanhã, do cantor português. Entretanto Sérgio Godinho deu hoje às 12 horas locais (15 de Lisboa) uma conferência de imprensa no Sindicato dos Músicos, no Rio.

Também certa, para aquele Sindicato e para o advogado do cantor, Humberto Teles, é a absolvição de Sérgio no julgamento previsto para o fim de Fevereiro de 1983 e que, segundo o advogado, se poderá prolongar até Março. Caso a absolvição se concretize, Humberto Teles pedirá a anulação do decreto de expulsão, preparado pelo Ministério da Justiça, e ontem assinado por Figueiredo.

A expulsão vem na sequência do processo que actualmente decorre contra Sérgio Godinho, na Quarta Vara da Justiça Federal do Rio de Janeiro, e que se baseia na acusação de entrada clandestina em território brasileiro e porte de droga. O cantor português, segundo agentes da Polícia Federal, foi detido por ser portador de droga, descobrindo depois os agentes que Sérgio era «persona non grata» no país, devido à expulsão de que foi alvo, em 1971, juntamente com os outros elementos do Living Theatre. No entanto, e conforme foi já largamente noticiado, o cantor foi absolvido no processo judicial aberto na ocasião.

Sérgio Godinho tinha já voltado ao Brasil duas vezes sem que nada tivesse acontecido. No entanto, à terceira, e justamente no momento em que regressava, no passado dia 14 de Novembro, foi inexplicavelmente preso. O cantor permaneceu detido mais de um mês até que o Tribunal Federal de recursos lhe concedeu um «habeas corpus», fixando-lhe, no entanto, residência no Rio. Sérgio Godinho denunciou, em Tribunal, ter sido vítima de torturas. A sua prisão foi contestada nos meios artísticos, intelectuais e políticos brasileiros, por se tratar de um acto arbitrário da Polícia Federal.



“Pandemónio” e ferros retorcidos no choque em cadeia de Vialonga

Nos Hospitais de Santa Maria e de Vila Franca de Xira ainda continuam internadas, respectivamente, duas e quatro das vítimas do choque em cadeia ocorrido ao princípio da manhã de

ontem na auto-estrada do Norte, nas proximidades de Vialonga. As «fotos» documentam o estado em que ficaram algumas das cerca de vinte viaturas envolvidas no acidente, motivado pelo

nevoeiro e pela distração de alguns dos condutores. Entretanto, faleceu esta madrugada no Hospital de S. José um dos feridos num outro embate que teve lugar, na noite de anteontem,

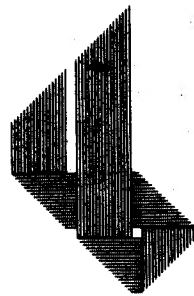
a pouco mais de 500 metros da portagem de Lisboa, na ponte sobre o rio Trancão (Sacavém). Trata-se de Maria da Conceição Caldeira, de 30 anos.

ESCLARECER

O que sabemos
não utilizamos em exclusivo.
o que aprendemos
gostamos de repartir.

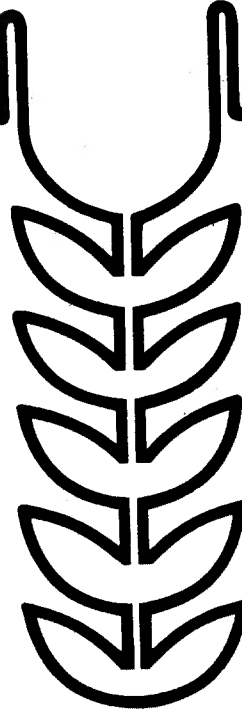
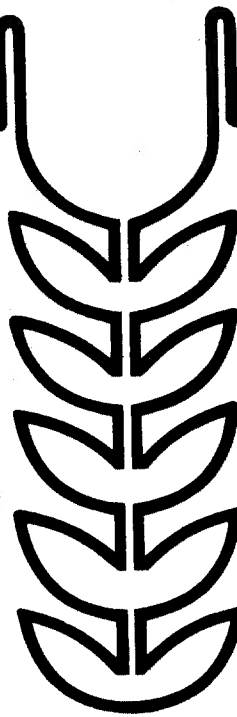
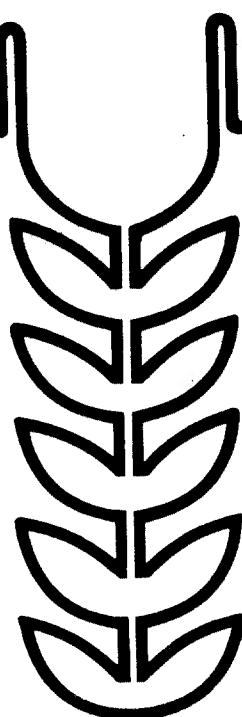
O que criamos
é para melhor servir o cliente.
A nossa função
também é
esclarecer e informar.

conte connosco



**UNIÃO DE BANCOS
PORTUGUESES**

W&R



Defesa poderá mover queixa-crime

Exército admite culpas na morte do cadete Cabrita

O dr. António Goucha Soares, novo patrono da família do cadete Manuel de Brito Cabrita (o anterior foi o dr. Miguel Sousa Tavares que conseguiu obter «resposta» ao inquérito militar) poderá avançar brevemente com uma queixa-crime contra o Exército, por crime ainda que involuntário, baseando-se em factos que apontam para a responsabilização de um oficial (alferes Rebelo), de um subalterno (sargento Coelho) e dos serviços médico-militares, como causas efectivas, ou próximas, na morte daquele miliciano ocorrida em 10 de Setembro de 1981.

O dr. António Goucha Soares defendeu em Santa Clara, juntamente com o dr. Xencora Camotim, o capitão Andrade da Silva, acusado de ter alvejado, em legítima defesa num bar do Funchal, um marginal (e provocador) pertencente à quadrilha dos «Diabos da Solta». Quanto ao cadete Manuel Cabrita, embora a «causa mortis» aponte para uma crise aguda de «diabetes juvenil», existem indícios seguros de que, a ser assim, a crise fatal só foi possível devido à violência da instrução ministrada ao longo de

três semanas na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, e à presumível negligência médica quando a sua debilidade física já era por de mais evidente. Aliás, e de acordo com um ofício do Estado-Maior do Exército, com a data de 11 de Agosto deste ano, endereçada ao dr. Miguel Sousa Tavares, pode ler-se que a Comissão Permanente para Informação e Pareceres (CPIP) da Direcção do Serviço de Saúde «refere que a doença, que foi considerada como causa da morte do cadete Manuel de Brito Cabrita, deve ser considerada como agravada em serviço».

Nem se falava no Líbano

Recorde-se que, conforme íamos vindo a noticiar, Manuel Cabrita começou a sentir a dureza de longas caminhadas, a desumanidade de exercícios injustificáveis (para que guerra caminhamos (?), e na altura ainda nem se falava no Líbano), com os recrutas obrigados a mergulharem a cabeça em fos-

sas repletas de excrementos de animais, de forma a fugirem aos disparos de espingardas G-3 manuseadas por intrusos ainda com a «psicose de guerra colonial». Na versão de um dos instrutores (muitos deles poderão testemunhar em Tribunal depois de passarem à disponibilidade em fins de Janeiro próximo), Manuel Cabrita, que definhava a olhos vistos, chegou a ser arrastado pelos suspensórios pelo sargento Coelho, após ter caído, exausto, durante um dos «crosses» habituais.

Ao esforço desenvolvido, acrescia ainda o facto de Manuel Cabrita ter sofrido um acidente de viação («Mossa» numa coxa com reflexos na coluna, entre a inspecção e a incorporação, agravada com os efeitos da instrução «cavalgar» aplicada no início da recruta) pelo que o jovem acabaria por sucumbir no Hospital de Évora para onde fora conduzido.

Os «objectores de consciência»

Manuel Cabrita, nascido em



Manuel Cabrita e o dr. Goucha Soares, advogado da família do malogrado cadete

Beja tinha 24 anos. Filho de um empreiteiro da construção civil concluiu recentemente o curso de engenharia. «O meu filho viveu durante 24 anos são como um péro. E em 23 dias de tropa morreu. Se era diabético, desconhecia-o. E com diabetes ninguém morre assim de repente desde que hajam os cuidados necessários, análises à urina, ao sangue. Foi isso que os médicos militares não fizeram. Porquê?, afirma com amargura Manuel Cabrita Charneca, ao mesmo tempo que recorda o «Preço» que o Exército lhe pagou pela vida do seu filho. Foram 4800 escudos, assim discriminados: pré referente ao mês de Setembro (700 escudos), subsídio por morte - 5 meses de pré (3500 escudos); subsídio de alimentação Setembro (220 escudos); e retroactivos de subsídio de alimentação - Agosto e Setembro (420 escudos).

Perante situações como estas



Manuel Cabrita e o dr. Goucha Soares, advogado da família do malogrado cadete

admiram-se alguns chefes militares de que, cada vez mais, os jovens se furtem à tropa, recorrendo, por exemplo, quando a ele têm acesso ao chamado «objector de consciência» vejam-se as declarações recentes do coronel Ribeiro de Oliveira, número um do Regimento de Comandos da Amadora, ao apelar ao espírito do soldado-comando numa altura em que - disse - «o número de objectores de consciência aumenta e é abertamente dinamizado por jovens de todos os sectores sem consciência do seu dever pátrio, numa época em que cada qual só pensa no modo pelo qual se furtará à execução do serviço militar». Mas, senhor coronel, será através de exemplos como os do cadete-engenheiro Cabrita que os jovens aumentam a sua «consciência» castrense naquilo a que se convencionou chamar o «dever pátrio»?

Manuel Geraldo

Plano de Viana do Castelo aprovado por maioria AD

A Assembleia Municipal de Viana do Castelo aprovou ontem o plano de actividades e orçamento da Câmara Municipal e Serviços Municipalizados.

Votaram favoravelmente 41 deputados municipais (AD), sete manifestaram-se contra (três do PS e quatro da APU) e registaram-se sete abstenções (dois do PS e cinco da APU).

O plano para 1983 baseia-se nas opções seguidas durante o corrente ano, prevendo melhoramentos nos campos do ensino, cultura, desporto, indústria e habitação.

O orçamento agora aprovado atinge a verba de cerca de 512 mil milhões de escudos quanto à Câmara Municipal e 177 milhões de escudos para os Serviços Municipalizados.

Pintor dá nome em V. Viçosa

A Câmara Municipal de Vila Viçosa, distrito de Évora, deliberou na sua última reunião homenagear o pintor local Henrique Pousão, dando o seu nome a uma rua da localidade.

Henrique Pousão, pintor impressionista, nasceu em Vila Viçosa, em Janeiro de 1863, comemorando-se no dia 1 de Janeiro a passagem dos 124 anos do seu nascimento.

A edilidade calipolense resolveu igualmente mudar o nome a algumas das ruas do bairro novo da Quinta Augusta, até agora denominadas por letras, dando-lhes nomes ligados a actos históricos e políticos.



**UM BRINDE...
...UM PREMIO PARA SI!**

UMA TALUDA

**84000*
CONTOS!**

HABILITE-SE À LOTARIA DOS REIS

**dia 6
anda
a roda!**



Boas Festas

São os Nossos Sinceros Votos
A Todos os
CLIENTES E AMIGOS



Rua Capitão Leitão, 47-A Tel. 2761631-Almada

BEPALIZ

Com a CEE presa por arames

O pessimismo instalou-se na Comunidade Europeia

O pessimismo quanto ao futuro é a nota dominante na sede da Comunidade Económica Europeia ao terminar o ano e com ele o primeiro quarto de século da CEE.

A situação que se vive actualmente levou um membro da Comissão Europeia, em conversa com jornalistas, a pôr a questão nos seguintes termos: «Na Europa das soluções provisórias, dos remendos, do tapaburacos, na Europa, em suma, presa por arames ainda se pode viver. Resta saber por quanto tempo».

Com 12 milhões de desempregados, indústrias em crise ou mesmo em falência, pressionada pela política dos Estados Unidos e ameaçada pela concorrência do Japão, a CEE não pode evitar o clima de pessimismo e preocupação.

A crise, por seu turno, enfraquece o espírito de solidariedade comunitária e dá origem, quase automaticamente, a um aumento dos egoísmos nacionais, com o seu cortejo de manifestações proteccionistas e nacionalistas que ameaçam destruir a obra construída ao longo de 25 anos de trabalho comunitário.

Exemplo dessa desagregação terá sido o veto da Dinamarca a política comunitária de pesca. Trata-se de um caso sintomático na medida em que a Dinamarca não quis abrir mão de alguns milhares de toneladas de peixe mas, em contrapartida, já aceita

a política agrícola comum que beneficia largamente os seus agricultores.

O chamado problema britânico, que leva o Governo de Londres a considerar excessiva a sua contribuição para o Orçamento Comunitário, a «guerra do vinho» que opôs a França e a Itália, a recusa intransigente de Bonn de Londres ao aumento do Orçamento Comunitário são outros tantos exemplos de como os egoísmos nacionais estão a destruir o espírito de solidariedade entre os membros da CEE.

A própria Alemanha Federal, cujo «europeísmo» era, até agora, considerado inabalável, levando-a a aceitar o papel de «primeiro contribuinte» da Comunidade, começa a dar sinais de fadiga.

Através da sua grande dedicação à CEE a Alemanha Federal procurou recuperar uma imagem consideravelmente abalada pelas invasões nazis na Segunda Guerra Mundial; mas essa sobrecarga começa a ser insustentável para o Governo de Bonn, até porque a guerra já terminou há 37 anos e, portanto, surgiu uma nova geração de alemães que não participou nela.

Guerra surda com os Estados Unidos

A nível externo à Comunidade, a guerra surda que se trava com

os Estados Unidos é um dos factores mais preocupantes. Depois de Washington ter aumentado as barreiras alfandegárias às importações de aço provenientes da CEE e ter tentado, embora sem êxito, impedir firmas europeias de exportarem tecnologia de origem americana para o gasoduto soviético, surgiu na conferência do GATT a hostilidade americana à política agrícola comunitária.

Vencidos mas não convencidos em Genebra, os americanos voltaram à carga no dia 10 de Dezembro, em Bruxelas, mas a Comunidade Europeia conseguiu obter uma trégua.

Contudo o secretário-geral da Agricultura, John Block, não esconde a sua disposição de destruir por todos os meios ao seu alcance a política de subsídios da CEE às suas exportações agrícolas, que considera «concorrência desleal».

Os Estados Unidos ameaçam, mesmo, inundar o mercado mundial com os seus excedentes agrícolas se a Europa não aceder aos seus pontos de vista.

Enquanto isso o Japão permanece quase insensível ao apelo da CEE para que facilite o acesso dos produtos europeus ao seu mercado, e, por outro lado, autolimita as suas próprias exportações para a Europa.

Se o futuro se apresenta incerto para a Comunidade Europeia, as previsões para o Novo

Ano que se aproxima também não são brilhantes. O crescimento económico global não deverá ultrapassar 1,1 por cento e o desemprego tem tendência a aumentar, já que não existe uma política comunitária de investimentos.

Assim as tensões económicas continuarão a aumentar e como alguns países serão mais afectados do que outros o reflexo dessas contradições no seio da Comunidade irá pressionar o Sistema Monetário Europeu.

Perante tais perspectivas qual a solução? Para os peritos o diagnóstico é tão claro quanto difícil a sua aplicação. A CEE deve equipar-se, pagando o preço que for necessário, com uma nova organização interna, cuja base assentará na tomada de decisões por voto maioritário em vez da actual regra da unanimidade, fonte de constantes bloqueios.

Essa nova organização terá de responder não só aos problemas da conjuntura mundial como ainda aos que se levantam com o alargamento da Comunidade de dez para 12 países membros.

Alguns observadores políticos pensam que os actuais dirigentes comunitários, para levarem a cabo com êxito essa adaptação, teriam de dar provas da mesma capacidade e visão que possuíam os homens que fundaram a comunidade há 25 anos.

Importante empréstimo europeu para a estrada Albergaria—Viseu

O Conselho de Ministros aprovou as condições contratuais de um empréstimo de 25 milhões de Unidades de Conta Europeia a celebrar como Banco Europeu de Investimentos, autorizando, ainda, o ministro das Finanças e do Plano a outorgar nos referidos contratos de empréstimo, que servirão para financiar a construção da ligação rodoviária, Albergaria-Viseu.

O empréstimo, com um prazo de 20 anos, terá um período de diferimento de quatro anos, a partir da data da assinatura do contrato e a sua amortização será feita em 32 semestralidades, com início previsto para 30 de Junho de 1987.

Os juros dependerão da taxa que o BEI praticar no momento da celebração do contrato.

Cooperação com Angola no sector dos têxteis

O Ministério da Indústria angolano estuda uma proposta portuguesa do grupo têxtil do Banco Borges e Irmão para reactivação do complexo «Nelito Soares» em Luanda, anunciou quarta-feira o quotidiano angolano «Jornal de Angola».

A proposta das empresas «Atma» e «Ribeirão» pertencentes ao ramo têxtil Borges e Irmão, inclui o fornecimento de equipamentos necessários ao arranque da produção a cem por cento.

Recorde-se que já em Maio último tinha sido assinado um contrato de cooperação no sector têxtil, entre a firma portuguesa «Sotex» e a empresa angolana «Entex UEE» (estatal), com a ida de técnicos portugueses para Angola em Outubro último.

Barragens a menos de 50% na semana anterior ao Natal

O conjunto das barragens portuguesas apresentava na semana que precedeu o Natal um valor de reservas hidráulicas de 47 por cento da sua capacidade total, bastante abaixo, portanto das reservas em idêntico período do ano passado e que atingiram os 58 por cento.

Segundo informação da EDP, na semana 17-23 de Dezembro as barragens armazenaram água suficiente para produzir 1097 milhões de Kwh e na correspondente semana de 1981 esse total era de 1334 milhões.

No período considerado, a energia hidráulica somou 59 por cento da produção total sendo importados 49,1 milhões de quilowatts/hora e exportados 21,9. No ano passado e na semana equivalente, a importação foi de 28,8 e a exportação de 12 milhões.

Ligeira melhoria industrial em Setembro e Outubro

A conjuntura industrial melhorou ligeiramente durante os meses de Setembro e Outubro revela um inquérito divulgado, ontem, pela Confederação da Indústria Portuguesa.

Esta melhoria deveu-se, indica o inquérito, principalmente à conjuntura favorável nas indústrias transformadoras, pois a situação nas indústrias extractivas, construção civil e obras públicas teve uma evolução desfavorável.

Mas as expectativas de evolução a curto prazo para a generalidade dos sectores de actividades são em geral negativas.

Bélgica organiza exposição no Instituto Superior Técnico

Os Ministérios belgas dos Assuntos Económicos e do Comércio Externo, organizam no Instituto Superior Técnico — Av. Rovisco Pais, em Lisboa — uma exposição subordinada ao tema «Bélgica de Hoje», abrangendo novas tecnologias, «design» industrial e jóias contemporâneas.

Esta exposição vai ser inaugurada oficialmente no dia 8 de Janeiro de 1983 pelo secretário de Estado do Comércio Externo da Bélgica. Neste mesmo dia, pelas 17 horas, haverá uma conferência de imprensa. A exposição com motivos belgas estará aberta ao público a partir do dia 9 e até ao dia 22 de Janeiro.

Dez firmas portuguesas vão a feira no Texas

Portugal estará representado na «NAHB» — Salão de Construção, que se realiza de 22 a 25 de Janeiro em Houston (Texas) — informou o Instituto do Comércio Externo.

A representação portuguesa constará de dez firmas sendo quatro de cerâmica, três de cortiça e três do mármore.

O certame da «NAHB» (Associação Nacional dos Construtores de Habitações) é considerado importante para os profissionais da construção, contando anualmente com a presença de 700 empresas.

Um milhão de contos em apoio da cooperação com Moçambique

A Assembleia da República autorizou o Governo a conceder um empréstimo de um milhão de contos para financiar os encargos em moeda portuguesa da conta da República Popular de Moçambique decorrente de acções de cooperação entre os dois Estados.

Esta verba será utilizada desde já e até 31 de Dezembro de 1987, não podendo o montante anual dos saques exceder 250 mil contos, até final do próximo ano nem exceder idêntico valor durante o ano de 1984. O juro deste empréstimo é de quatro por cento.

Criada uma sociedade de investimentos

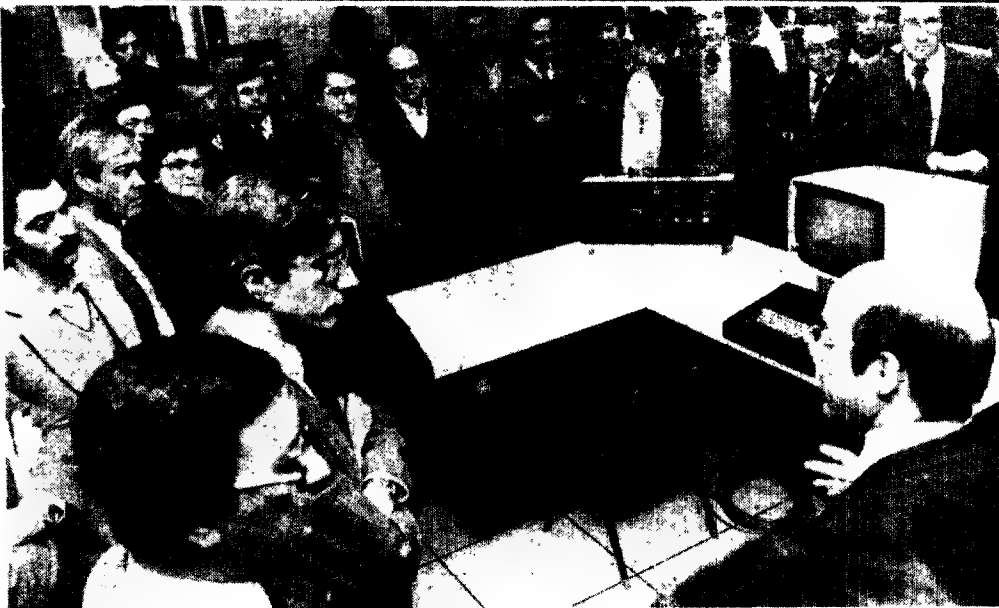
Mais uma sociedade de investimentos vai ser criada a partir da autorização concedida pelo Ministério das Finanças, através da Portaria n.º 1224/82, hoje publicada no «Diário da República». Trata-se da MDM-Sociedade de Investimentos S.A.R.L.

Ao autorizar esta nova entidade parabancária, o Governo justificou a sua decisão apenas «com a conveniência e a oportunidade da criação de sociedades de investimento, na medida em que contribuem para a orientação e a dinamização dos investimentos».

Política económica da CEE discutida em Lisboa

Especialistas portugueses e estrangeiros vão discutir em Lisboa, nos dias 13 e 14 de Janeiro, a política económica da CEE, numa conferência organizada pela Associação Portuguesa para o Estudo da Integração Europeia — Inteuropia.

Entre os especialistas nacionais participantes contam-se, nomeadamente, Sousa Franco Pitta e Cunha, J. Braga de Macedo, Diogo de Lucena, Cavaco e Silva, Miguel Beza e Cristina Corado. Do estrangeiro virão professores das Universidades de Nova Iorque, Maryland, Dublin e Turim e dois técnicos especialistas do Fundo Monetário Internacional e do Collège d'Europe.



O «bicho» apresentado aos técnicos de informática da transportadora aérea nacional

Novo computador para a TAP

A TAP-Air Portugal acaba de adquirir um novo computador que permite elevar a potência de cálculo global para três a cinco vezes a capacidade actual da empresa. Trata-se de um conjunto «3033 S IBM» e foi recentemente apresentado aos técnicos da transportadora aérea nacional. A compra deste computador integra-se no desenvolvimento do Plano Director de Informática e permite a readequação do parque informático da TAP aos novos objectivos da gestão, cada vez mais completa do transporte aéreo. O novo computador possui uma memória interna de oito megabytes.

Situação grave no Equador

Um país com a doença do petróleo

Vivendo desde há alguns anos muito acima das suas posses, o Equador viu recentemente agravada a situação de crise com o anúncio de mais austeridade. Pelo menos seis mortos e numerosos feridos foi o saldo das manifestações desencadeadas por essa nova e mais violenta austeridade, com que o governo tenta evitar a ruptura. Foi, inclusive, decretado o estado de emergência numa tentativa desesperada para não permitir o aprofundamento da contestação.

Esta é a situação mais grave vivida no Equador desde o regresso à democracia em 1979.

Este pequeno país de 9 milhões de habitantes enclavado

na cordilheira dos Andes vive desde 1972 com dinheiro do petróleo descoberto na Amazônia. Sendo membro da OPEP, o Equador exporta actualmente, cerca de 45 por cento da sua produção, que se situa à volta de 210 200 barris por dia.

Na altura em que o petróleo era vendido a 40 dólares o barril, o Equador viveu um período florescente e pareceu adormecer, descurando as suas fontes de rendimento tradicionais como café, a banana e o cacau.

Actualmente, com a crise mundial, o Equador tem dificuldade em vender o seu petróleo a 32,50 dólares o barril. O último orçamento do Estado que tinha sido calculado com base num

preço mais elevado acusou um défice dramático de cerca de 880 milhões de dólares.

As medidas drásticas decididas pelo presidente Osvaldo Hurtado deverão permitir a redução do défice em cerca de 290 milhões de dólares, através da supressão das subvenções estatais ao preço da gasolina e à importação de trigo bem assim como através de numerosos impostos e taxas.

Foi sobretudo a supressão da subvenção do preço da gasolina que fez rebentar a cólera popular. Esta medida repercutiu-se normalmente sobre todos os preços, designadamente nas tarifas dos transportes, tendo de-

sencadeado igualmente no país umavaga de especulação nos preços dos géneros alimentícios.

No entanto, estas medidas deverão ajudar o governo a obter créditos para o refinanciamento da sua dívida externa, que se eleva a 4,6 mil milhões de dólares, 1,2 mil milhões dos quais a reembolsar antes de Dezembro de 1983.

A moeda equatoriana foi desvalorizada em Maio de 1982, passando de 25 para 33 sucres o dólar. Mas, segundo alguns observadores, poderá ser necessário proceder a uma segunda desvalorização.

Daniel Priollet, da France Presse

24 horas

VAGA DE FRIO NA ÍNDIA — Uma vaga de frio sem precedentes abateu-se este mês sobre o Norte da Índia, provocando 77 mortos, principalmente no Cachemira e nas regiões do Himalaia, indica-se hoje de fonte oficial. Abundantes quedas de neve cortaram a única estrada de acesso ao Cachemira, onde toda a circulação se encontra parada desde há quatro dias. Encontram-se aí bloqueadas mais de 400 camiões. Na planície, entre Nova Deli e os primeiros contrafortes do Himalaia, a temperatura desceu para 5 graus, um recorde de frio dos últimos vinte anos. Contrariamente ao que é habitual nesta estação do ano, choveu no Pendjab, o «celeiro» de trigo da Índia. Nova Deli e os seus oito milhões de habitantes também não são poupados pela vaga de frio. A temperatura nocturna desceu na capital indiana para os 7 graus, quando há um mês era de 25 graus. A capital está mergulhada num espesso e glacial nevoeiro.

SISMOS NO IÉMEN DO NORTE — Cinco abalos telúricos de quatro a cinco graus na escala de Richter foram sentidos às primeiras horas da manhã de hoje na região de Dhamar, 100 km a sul de Sanaa, e nos governos-gerais vizinhos, anunciou a agência iraquiana INA, recebida em

Manama, num telegrama datado de Sanaa. Citando fontes responsáveis em Dhamar, o correspondente da INA precisa que esses sismos destruíram numerosas casas dessas regiões. Não foi dada qualquer indicação sobre eventuais vítimas.

AINDA AS MALVINAS — O governo argentino aceitou a missão de bons ofícios do secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, para resolver pacificamente o diferendo anglo-argentino das ilhas Malvinas, anunciou quinta-feira o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros. Segundo um comunicado do Ministério, o documento confirmando a aceitação da missão de Perez de Cuellar foi entregue pelo representante argentino na ONU.

ONZE MIL CONTOS — A instalação de uma família de colonos israelitas nos territórios ocupados custa ao Estado hebreu e à Organização Sionista Mundial (OSM) entre 4 5 milhões de shekels (cerca de 11 mil contos), revelou o vice-ministro israelita da Agricultura, Mihael Dekel. Ele indicou por outro lado, ontem, na comissão das Finanças da Knesset (Parlamento israelita),

que serão construídas até 1985 mais 35 colónias de povoamento judias na Cisjordânia, 26 das quais já receberam o aval das autoridades. Falando perante a mesma comissão, o chefe do departamento de colonização da OSM, Mattatyahu Drobless, anunciou que seriam instaladas mais oito mil famílias judias na Cisjordânia, durante os próximos meses (excluindo Jerusalém-leste).

MORTE NA AUTO-ESTRADA — O choque em cadeia monstro, acompanhado da explosão de um camião-cisterna de transporte de gás na auto-estrada Florença - Lucques, em Itália, provocou seis mortes e três dezenas de feridos, muitos dos quais se encontram em estado grave — informou, ontem, a agência noticiosa «ANSA». Alimentado por várias toneladas de propano líquido, derramadas do camião-cisterna, o incêndio provocado pelo acidente só pôde ser dominado ao cair da noite, após mais de dez horas de esforços, embora os bombeiros ainda não tivessem conseguido aproximar-se do veículo em chamas, ao fim da noite. Várias carcaças de veículos calcinados jaziam sob a cabina deste e sobre o reboque respectivo. O acidente registou-se, ontem de manhã, quando o camião-cisterna se esmagou sobre diversos veículos, paralisados devido ao nevoeiro. Outros automóveis viriam, seguidamente, a embater contra os veículos anteriormente acidentados. No total, o desastre envolveu cinquenta veículos, muitos dos quais se viram envolvidos pelas chamas, no incêndio que se seguiu.

ARMAS PARA O IRAO — O Ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros suspendeu, na terça-feira, a partida com destino ao Irao, de um carregamento de 11,5 toneladas de armamento proveniente de Buenos Aires e que se encontra retido desde 21 de Dezembro no Aeroporto de Madrid - Barajas. O Ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros declarou que a partida do carregamento de-

pende «de uma série de condições e de garantias a exigir ao Irao», que não mencionou. Na passada quinta-feira, a partida do carregamento fora autorizada, mas sem lhe ter sido fixada qualquer data. O carregamento compõe-se de 5000 revólveres, 60 metralhadoras pesadas antiaéreas de calibre 12, com a marca de fabrico da manufatura militar argentina de Rosário.

GREVE DE MÉDICOS — Os 70 000 médicos hospitalares italianos iniciaram, na quarta-feira, novo movimento de greve de 24 horas, em protesto contra a «quebra do seu poder de compra, desde há dez anos». EM princípio de Novembro, os médicos já tinham feito uma greve de 72 horas pelo mesmo motivo, o que levou à abertura de um inquérito judicial contra alguns dos clínicos de Roma, por «não assistência a pessoas em perigo». Os Sindicatos dos Médicos de Hospital anunciaram, entretanto, nova greve de 4 a 7 de Janeiro, bem como uma greve ilimitada, a partir de 10 de Janeiro, caso não obtenham satisfação para as suas reivindicações, até essa data.

TRÁFICO DE ARMAS

Foram presos um advogado de Milão e um seu irmão, devido a estarem envolvidos no âmbito de um novo inquérito sobre um caso de tráfico internacional de armamento entre a Itália e o Médio-Oriente — revelaram fontes judiciais, ontem à noite. O advogado, cujo nome não foi divulgado, fizera, em passado recente, diversas viagens à Bulgária e a outros países do Leste, segundo noticiou a agência ANSA. Foi detido em Pádua,

quando se encontrava acompanhado por uma cantora húngara. Um primeiro inquérito, aberto há meses na cidade de Trento, permitiu revelar um considerável tráfico de armas entre a Europa, a Itália e o Médio-Oriente, via Bulgária. Nessa ocasião, foi preso o sírio Henry Arsan, perto de Milão. Contudo, segundo a

ANSA, o advogado agora preso não teria qualquer ligação com Arsan e os dois casos são totalmente diferentes.

Violentos incidentes raciais em Miami

Polícia cerca os bairros 'negros' de Overtown e Liberty City

Reinava a «calma», às primeiras horas da manhã de hoje no «ghetto» negro de Overtown, em Miami, (Estados Unidos) onde durante mais de 24 horas se registaram confrontos, que fizeram dois mortos e vinte feridos. O «ghetto» continua cercado pela Polícia. Os responsáveis de Miami dizem que o local está «calmo e seguro» e que só foi detida uma pessoa, ao princípio da noite de ontem.

Na terça-feira à noite tinham eclodido graves «escaramuças», depois de um jovem negro, Nevell Johnson, ter sido gravemente ferido por polícias que o queriam prender.

O anúncio da morte de Nevell Johnson, no hospital, provocou depois uma nova escalada de violência. A Polícia utilizou granadas de gás lacrimogénico para dispersar os amotinados e reforçar o cerco ao «ghetto», que tinha sido levantado na parte da manhã.

Os acessos ao «ghetto» continuam proibidos. O cerco policial mantém-se no bairro periférico de Liberty City, onde foram observados «ajuntamentos muito agitados». Em Maio de 1980, Liberty City foi teatro dos mais violentos motins raciais registados nos Estados Unidos desde 1967.

Alargando-se a Overtown, esses confrontos fizeram 18 mortos, 350 feridos.

Os motins de ontem teriam sido provocados pela absolvição



Motins em Miami: uma certa aplicação dos Direitos Humanos segundo Ronald Reagan

— por um júri composto unicamente por «brancos» — de polícias «brancos» que eram acusados de terem espancado um homem de

negócios «negro» até à morte.

A Polícia de Miami, que já iniciou o seu inquérito interno, afirma que dois agentes que efectuavam um controlo de rotina num local de jogo frequentado por revendedores de droga quiseram prender um jovem armado. Este teria feito um gesto brusco, provocando a reacção «involuntária» de um dos polícias, que o feriu na cabeça com um tiro. Várias testemunhas afirmam, pelo contrário, que o suspeito não estava armado e que a Polícia disparou sem ter razões para o fazer. Os dois polícias implicados foram

suspensos das suas funções, enquanto se esperam os resultados do inquérito.

Apesar da «acalmia», a Guarda Nacional encontra-se em estado de alerta e poderá ser chamada em reforço, no caso de novos motins. As autoridades receiam particularmente a afluência de pessoas prevista para Miami, no fim-de-semana, para assistirem à final de um torneio de futebol universitário.

O chefe da Polícia de Miami, Kenneth Harms, confrontado com os investigadores da Guarda Nacional tem-se negado, até ao momento em que escrevermos, a revelar o nome do agente que disparou contra Nevell Johnson.

Assim vai o Chile

Pinochet tenta dificultar o regresso dos exilados

O presidente chileno, general Pinochet, dissolveu a comissão especial que estudava o regresso condicional dos exilados chilenos — informou o subsecretário do Interior, Ramon Suarez.

Um comunicado oficial explica que a comissão entregou ao presidente um documento com as «suas apreciações e sugestões na matéria, a fim de serem adoptadas as resoluções definitivas».

Acrescenta que o general Pinochet ordenou aos Ministérios do Interior e da Justiça que continuem a examinar os requerimentos das pessoas afectadas «por impedimentos de entrada no país», podendo solicitar aos interessados «os antecedentes que julgarem úteis ou necessários para melhor conhecimento» dos seus casos.

A comissão especial emitiu, recentemente, uma lista de 125 exilados chilenos autorizados a regressar ao país, mas um organismo da Igreja Católica do Chile, que actua no campo dos direitos humanos, revelou que ela continha o nome de duas pessoas já falecidas, de 31 que tinham sido expulsas do território nacional, de outras 31 que se expatriaram como asiladas e de duas que saíram por comutação de penas impostas.



Pinochet

Quanto às restantes pessoas incluídas na lista, funcionários daquele organismo da Igreja salientaram que abandonaram voluntariamente o Chile, desconfecendo algumas delas que tinham sido proibidas de regressar.

Dois anos de desterro

O supremo tribunal de Justiça do Chile condenou três dirigentes comunistas a dois anos de desterro em localidades do norte do país.

A sentença anula um julgamento anterior, condenando a penas mais pesadas os três militantes comunistas — Alfredo Iriarte, Hector Maltrasi e Luis Portilla Peralta — presos há um ano sob a acusação de tentarem reconstruir o Partido Comunista, ilegalizado desde o golpe militar fascista de Setembro de 1973.

Rugas

Mais de 1500 pessoas foram presas, ontem, num bairro dos arredores de Santiago do Chile, durante uma vasta operação da Polícia.

Exército, Polícia e funcionários dos serviços secretos chilenos dirigiram-se, de madrugada, para o bairro «Nuevo Amanecer», da comuna da Florida, onde, de acordo com o diário «La Segunda», a «taxa de delinquência é elevadíssima e o movimento revolucionário de esquerda muito activo».

As «forças da ordem» apreenderam panfletos, segundo fonte bem informada.

Caiu o governo finlandês

O primeiro-ministro da Finlândia, Kalevi Sorsa, apresenta hoje ao presidente Mauno Koivisto a sua renúncia ao cargo, depois de ontem ter perdido o apoio parlamentar do Partido Comunista.

A atitude dos comunistas fin-

landeses que, conjuntamente com os socialdemocratas de

Sorsa estavam integrados numa coligação de centro-esquerda denominada «Liga Popular Democrática», foi motivada pela oposição do grupo parlamentar

comunista de aceitar o novo orçamento de defesa.

O texto apresentado ao Parlamento de Helsínquia pelo primeiro-ministro Kalevi Sorsa, previa um aumento das despesas militares de 19 por cento, num total de 70 milhões de contos.

Viaj e Gonz

MADRID (do correspondente Jauregui) — A crise política por ministro dos Assuntos Exteriores Moran, a adiar a sua viagem provavelmente, significará também o presidente do governo, E. realizar à capital portuguesa. de fontes do Partido Socialista acrescentaram que tanto o partido não estão a seguir «com muita atenção» os acontecimentos no vizinho

«Muita atenção» e, muito provavelmente, certa satisfação, de acordo com as fontes consultadas. A demissão de Freitas do Amaral do CDS é interpretada pela nova diplomacia espanhola como uma confirmação da tese, já aqui divulgada há um mês, que indicava como inevitável a ruptura da coligação governamental e a passagem do PSD para a órbita do PS.

Se as visitas oficiais de Moran e Gonzalez foram adiadas à espera do que aconteça, o certo é que não sucede o mesmo com as diversas viagens que vários peritos socialistas pensam realizar a Lisboa. Para 15 de Janeiro está prevista em Portugal, uma

O «Izve

“Recor visa ne

O «Izvestia», diário do Governo sua edição de ontem de «novo recorpanha de «propaganda» desencana volta das «confissões do terrorista tu atentado contra o Papa.

O jornal, que considera responsável por esta campanha de «calúnias» os «meios do imperialismo internacional e os serviços especiais dos Estados Unidos bem como certos países da NATO», indica que a prisão em Roma do «cidadão búlgaro Antonov» foi efectuada sem que nenhuma «acusação oficial tenha sido retida contra ele».

«Esta prisão, acrescenta o «Izvestia», serviu de pretexto para o lançamento de duas versões caluniosas dos factos: Antonov é cúmplice do atentado organizado contra o Papa de acordo com a Bulgária, e o terrorismo que faz correr o sangue na Itália e em vários países ocidentais não seria engendrado por esses estados mas importado dos países socialistas».

O jornal soviético ataca em seguida o «cinismo» dos órgãos de imprensa italianos «controlados pelos socialistas de direita, os sociais-democratas e os liberais».

O «Izvestia» acusa também as publicações americanas, turcas,

Japão au

O governo japonês decidiu ontem um aumento maior do que o previsto das despesas militares, no orçamento para o ano fiscal de 1983.

O governo e os dirigentes do Partido Liberal Democrata (PLD, no poder) decidiram aumentar o orçamento da Defesa para 2754,2 mil milhões de yens (cerca de 11,475 mil milhões de dólares), ou seja, um aumento de 6,5 por cento relativamente ao anterior ano fiscal, que ter-

Crise portuguesa seguida em Madrid

Reunção oficial de Moran e Gonzalez a Lisboa foi adiada

Ante do «DL», Fernando Gonzalez obrigou o novo governo de Espanha, Fernando Gonzalez, a adiar a visita de Felipe Gonzalez, pensava-se que a convocação, ontem, do Operário Espanhol, que não pôde como o governo, o desenvolvimento do País ibérico.

«Primeira» PSOE-PS que significará, de facto, o primeiro passo na escalada de ajuda técnica que os socialistas espanhóis prestarão aos seus correligionários portugueses para ajudá-los a ganharem as eleições gerais que, aqui ninguém duvida, sejam antecipadas.

Lisboa, Paris e Rabat na rota de Gonzalez

Como por diversas vezes adiantámos, as relações com os países vizinhos (Portugal, França e Marrocos) constituem a principal preocupação do

gabinete socialista de Madrid no domínio das relações exteriores. As intenções de Gonzalez eram visitar em Janeiro Lisboa e, posteriormente, ir a Paris e Rabat. Mas parece que será a capital francesa a primeira a ser visitada, para, na ocasião, se dar um encontro «fraternal» de partidos socialistas, em fins de Janeiro. No encontro socialista, patrocinado por Mitterrand, haverá dois temas fundamentais em agenda: a consolidação da vitória eleitoral em Espanha e as perspectivas de que algo muito semelhante ocorrerá, em 1983, em Portugal, abrindo assim uma importante frente socialista no Sul da Europa.

Mas, na sua visita a Paris, Felipe Gonzalez terá também outros temas para debater com o seu correligionário (e, nem por isso muito amigo) Mitterrand: o combate ao terrorismo da ETA (que ontem assassinou dois guardas civis na Guipuzcoa, País Basco, tornando ainda mais negro o panorama na zona) será o principal ponto a tratar. O director da segurança do Estado, Rafael Vera, regressou ontem da capital fran-

cesa, onde manteve contactos policiais secretos, com promessas, segundo tudo indica, de que o Estado francês cooperará para que a ETA deixe de ter os seus «santuários» em território gaulês. O segundo grande tema que ocupará a agenda do encontro Gonzalez-Mitterrand será, naturalmente, a entrada da Espanha na CEE, ao qual a França se opõe tenazmente. Este aspecto interessa também a Portugal.

Finalmente, o tema «Marrocos» também está, de certo modo, inter-relacionado com as relações hispano-portuguesas: qualquer fracasso das conversações sobre pescas (já por si difíceis) hispano-marroquinas, tentará ser compensado pela administração espanhola com novas facilidades pesqueiras por parte de Portugal, evitando, deste modo, uma catástrofe, para a frota pesqueira na Andaluzia. Claro que, no próximo encontro (talvez em Fevereiro) entre Gonzalez e o Rei Hassan, em Rabat, serão os enclaves de Ceuta e Melilla o principal escolho para um bom entendimento entre ambas as partes.

Rostow será substituído

EUA vão adoptar política mais flexível com o Leste

O representante da Administração norte-americana às negociações de Genebra sobre desarmamento pode ser substituído nos próximos dias, revelou ontem um informador da Casa Branca, citado pela agência ANOP.

A substituição de Rostow está a ser encarada no contexto de uma profunda revisão, pelo Governo de Washington, das suas relações com a União Soviética.

Alguns dos mais próximos colaboradores do presidente Ronald Reagan teriam convencido o chefe de Estado norte-americano da necessidade de adoptar progressivamente uma atitude mais flexível que a que foi defendida até agora em Genebra por Eugene Rostow, um democrata conhecido pelas suas posições radicais em relação aos soviéticos.

A Secretaria de Estado e o Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos estavam estudando, no maior segredo, uma revisão das relações entre as duas grandes potências, para dar maior importância aos esforços com vista a conseguir resultados concretos nas conversações em curso sobre redução de armamento nuclear.

Funcionários dos dois organismos citados aconselharam a Administração Reagan de «controlar» as suas declarações anti-soviéticas e adoptar uma atitude de espera até melhor conhecimento da política que pensa seguir o novo dirigente do PCUS, Yuri Andropov.

Em matéria de desarmamento, o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, afirmou recentemente ser essencial introduzir uma nova visão das coisas na estratégia dos Estados Unidos.

A principal ideia de Shultz é conseguir uma melhor articulação das posições norte-americanas nas negociações em curso sobre controlo de armamentos convencionais e estratégicos, bem como sobre a limitação das armas nucleares de alcance médio.

Shultz, que acaba de regressar a Washington de uma viagem às principais capitais da Europa Ocidental, considera que o Governo norte-americano deve mostrar-se mais sensível às preocupações dos outros membros da Aliança Atlântica.

A eventual substituição de Rostow em Genebra parece confirmada pela decisão de

Reagan de «congelar» a nomeação de Robert Gray subdirector do Departamento de Controlo de Armamentos e Desarmamento.

RFA pede esclarecimentos

O embaixador da RFA na URSS, Andreas Meyer-Landrut, pediu ontem, durante uma entrevista com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, esclarecimentos sobre a proposta de controlo dos armamentos feita pelo secretário-geral do PCUS, Yuri Andropov.

O Ministério alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, que anunciou este encontro num comunicado publicado em Bonn, precisou que ele se verificou a pedido do chefe da diplomacia alemã-federal, Hans-Dietrich Genscher.

Na reunião, que durou mais de uma hora, o embaixador salientou «a firme vontade do Governo federal de aproveitar todas as possibilidades de contribuir para o êxito do diálogo Leste-Oeste sobre os diferentes aspectos do controlo dos armamentos no sentido de um verdadeiro desarmamento», acrescenta o comunicado.

Segunda sessão de negociação

Israelitas e libaneses a caminho de um acordo?

A segunda sessão das negociações israelo-libanesas, com a participação dos Estados Unidos, iniciou-se cerca das 10.30 h (08.30 h de Lisboa) de hoje, em Kiryat Shmona (Norte de Israel).

Durante a primeira reunião, que decorreu em Khalde (a Sul de Beirute), surgiram importantes desacordos entre os negociadores libaneses e israelitas, que incidiram principalmente na validade da convenção de armistício assinada em 1949 entre os dois países — acordos que continuam válidos, segundo Beirute, mas «nulos e sem validade» segundo Telavive.

Tal como se verificou em Khalde, libaneses e americanos parecem ir confrontar-se com o problema do estabelecimento da ordem do dia, já que a definição das futuras relações entre o Líbano e Israel é o que está verdadeiramente em jogo nestas negociações, segundo os observadores.

A pequena cidade da Galileia, onde decorrem as discussões segundo um sistema de rotação com Khalde — é um símbolo para o Estado hebraico. Foi em nome da segurança de Kiryat Shmona e da região que os dirigentes israelitas lançaram no passado mês de Junho, no Líbano, a operação «Paz na Galileia».

A algumas horas da abertura das negociações de Kiryat

Shmona, as autoridades libanesas não manifestaram inquietações particulares, fazendo valer que se não existissem divergências de pontos de vista entre os dois países, não haveria necessidade de negociar.

A firmeza da posição libanesa não significa que o Líbano se recuse a dar provas de espírito de conciliação, indicava-se nos meios autorizados. A posição do Líbano visa comunicar a Israel que há um limite que Beirute não poderá ultrapassar nas suas relações com o Estado hebraico.

Esse limite é ditado pela preocupação do Líbano em manter a sua posição no seio do Mundo Árabe e de salvaguardar a coesão da sociedade libanesa, pluricomunitária.

Uma parte dos delegados israelitas dá provas de compreensão e outra de intransigência, afirma-se de fonte oficial.

Além do mais, os embaixadores libaneses nos países árabes foram já encarregados de informar os dirigentes desses Estados dos resultados da reunião de Khalde.

A este respeito, os observadores notam que é significativo que o editorialista do jornal «Al Safir» — que reflecte os pontos de vista islâmicos e da esquerda — tenha tomado a dianteira, lembrando ao Mundo Árabe que se o inverso se tornou realidade e que

se o Líbano se viu forçado a negociar com Israel, é porque os árabes «só o apoiaram verbalmente» durante as penosas semanas do Verão passado.

«O que é que o Líbano pode fazer mais, quando os árabes têm os olhos virados para Washington, na esperança de verem os Estados Unidos desempenhar o papel de parceiro de parte inteira para a solução global do conflito do Médio Oriente?», interroga o editorialista.

As autoridades libanesas duvidam de que as conversações de Kiryat Shmona consigam conciliar as posições do Líbano e de Israel.

Consequentemente, estão dispostas, com uma preocupação de eficácia a intensificarem o ritmo das negociações, propondo, designadamente, que decorram a partir de agora três sessões em Khalde, seguidas por outras três em Kiryat Shmona, soube-se de fonte autorizada.

Ontem delegados libaneses e norte-americanos reuniram-se em Beirute para analisar as divergências surgidas na primeira sessão de negociações com Israel, realizada terça-feira em Khalde.

Se tudo correr como o previsto as negociações prosseguirão amanhã no mesmo local.

«Estia» e o atentado ao Papa de de mentiras”

«Nova guerra fria

mo soviético, qualificou na tarde de mentiras» a camuflagem no Ocidente, em turco Agca», a propósito do

britânicas, francesas, alemãs ocidentais e de outros países da Europa Ocidental de «seguirem os passos» dos jornais italianos.

O jornal lembra que a imprensa soviética salientou «mais de uma vez que o barulho provocatório, as insinuações relativas à participação da Bulgária e da URSS no atentado contra o chefe da Igreja Católica são falsas e sem fundamento».

Esta campanha, salienta ainda o jornal soviético, visa «deteriorar as relações entre a Itália e os países socialistas» e um retorno à época da «guerra fria».

Finalmente, afirma o «Izvestia», estas calúnias são «utilizadas também para pôr os católicos contra os países socialistas, deteriorar a compreensão mútua entre os partidários da Paz — crentes e não crentes — e para semear a discórdia nas relações entre a Polónia e outros países socialistas, em particular a Bulgária».

Revista soviética acusa o Papa

Uma revista soviética ataca na

sua edição de Dezembro, o Papa João Paulo II, acusando-o de «conservantismo e dureza» em relação aos países de Leste e denunciando a «política anticomunista do Vaticano».

Recordando que o Papa foi arcebispo de Cracóvia, o mensário «Potitchenskoe Samoobrazovanie» (auto-educação política), citado pela agência TASS, acusa João Paulo II de adoptar posições para com os países socialistas «consideravelmente mais conservadoras e duras do que as dos seus antecessores». Denuncia igualmente a «orientação de classe» dos seus discursos.

A revista acusa por outro lado o Vaticano de exercer, «a coberto da religião, uma propaganda anticomunista em grande escala», para além de preparar e enviar para os países da Europa de Leste «especialistas de disseminação do catolicismo».

«Potitchenskoe Samoobrazovanie» considera a concluir, que «os acontecimentos dos últimos anos na Polónia reflectem actividades anti-socialistas das forças reacçãoárias da Igreja Católica», afirmando a propósito que o sindicato independente «Solidariedade» surgiu mais «no seio da Igreja» do que na sequência das «desordens» do Verão de 1980.

África do Sul: a tortura testemunhada

Uma das principais testemunhas de acusação no inquérito à morte na prisão do sindicalista branco Neil Aggett, Aurret Van Heerden apresentou queixa por torturas contra 10 polícias da Segurança sul-africana.

Afirma ter sido torturado com choques eléctricos, privado do sono, espancado, obrigado a ficar horas de pé com os punhos atados aos tornozelos.

Van Heerden acusou, em particular, o major Arthur Cronwright, responsável pelos inquéritos no Comissariado Central de Joanesburgo, onde Neil Aggett foi encontrado enforcado a 5 de Fevereiro passado.

Algumas horas antes da sua morte, Aggett tinha designado, por escrito, o major Cronwright como um dos seus tortionários.

Vizinho de cela de Aggett durante várias semanas, Van Heerden afirmou que ele parecia um morto-vivo, alguns dias antes da sua morte e tinha aspecto de ter sido torturado.

Contudo, o magistrado encarregado do inquérito à morte de Aggett lavou os polícias de toda e qualquer suspeita, e considerou que Van Heerden era culpado de não assistência à pessoa em perigo, por não ter assinalado a deterioração do estado de saúde do seu vizinho de prisão.

Criada em Angola uma nova região militar

O ministro da Defesa do Governo da República Popular de Angola, Pedro Maria Tonha («Pedalé»), esteve de visita a Benguela para «resolver alguns problemas organizativos sobre a abertura de nova região militar», anunciou a agência de Imprensa angolana ANOP.

A nova região militar, que compreende as províncias de Benguela e Cuanza Sul, é criada com o objectivo de dar maior dinamização e autonomia aos comandos operacionais na guerra contra os terroristas da UNITA, segundo notam alguns observa-

dores na capital angolana.

A nova divisão da carta militar do Ministério da Defesa angolano foi esboçada a partir de um incremento das acções da UNITA (apoiada pela África do Sul) nos últimos meses, sob um relatório do coronel «Iko» Carreira.

Denúncia de «uma certa imprensa designadamente portuguesa»

«Os bandos armados por Pretória continuam, de maneira de-

liberada e sistemática, a dirigir as suas acções criminosas contra as instituições religiosas e seus membros», afirma no seu editorial o «Jornal de Angola».

No editorial, o «Jornal de Angola» escreve que «foram raptados até agora uma dezena de religiosos. Outros foram pura e simplesmente abatidos». O jornal prossegue: «Em Angola, onde existe liberdade religiosa», a UNITA ataca «os missionários, raptos os arcebispos, destrói os locais de culto, interrompe as cerimónias religiosas disparando nas igrejas e monta em-

boscadas aos carros de missionários, abatendo os seus ocupantes a sangue-frio».

O jornal denuncia seguidamente «uma certa imprensa, designadamente portuguesa, que pretende defender «a civilização cristã» e anuncia «os grandes feitos de armas» de grupos cujas vítimas são pessoas pacíficas e desarmadas».

Duas religiosas angolanas foram mortas pela UNITA durante uma emboscada, no passado dia 16, e uma terceira foi raptada, recorda-se.

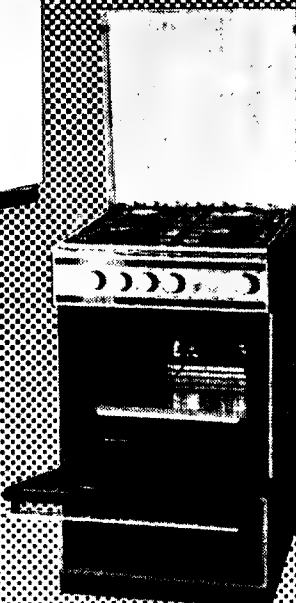
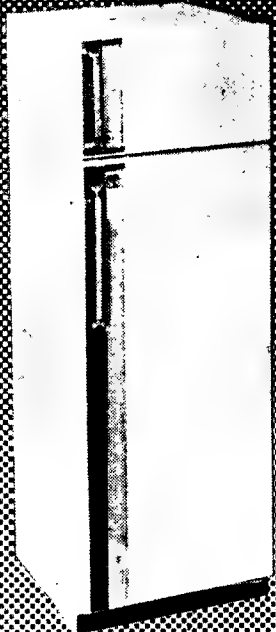
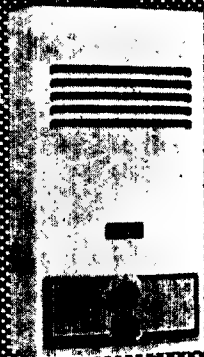
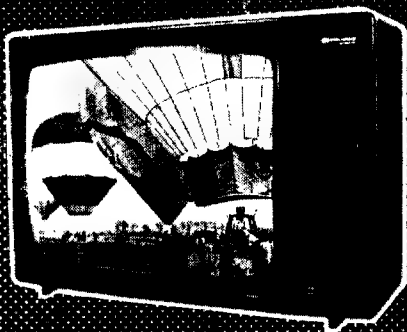
umenta despesas militares

mina no próximo mês de Março.

O projecto de orçamento nacional para 1983, adoptado na semana passada pelo governo e que deverá ser aprovado definitivamente no próximo sábado, previa um aumento de apenas 1,1 por cento das despesas militares do Japão. Por seu turno, a Agência Nacional de Defesa tinha pedido um aumento de 7,34 por cento.

A decisão de aumentar o orçamento militar regista-se de-

grandes facilidades
SEM AUMENTO DE PREÇO



M.L.FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

TEATRO ABERTO

SENSACIONAL

REVEILLON

I PARTE — ÀS 21 HORAS
A 150.ª REPRESENTAÇÃO DO ÊXITO DO ANO

OIÇAM
COMO
EU
RESPIRO



II PARTE

PEDRO
BARROSO

FERNANDO
GIRÃO

MARIO
VIEGAS

E AINDA...?
COMECE O NOVO ANO COM
O «NOVO GRUPO» DE TEATRO



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

FESTAS DO NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que no período do Natal e Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até ao dia 6 de Janeiro de 1983.

Entretanto serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 26, e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro de 1983.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas secções de Informações ou os Avisos afixados nas estações.

JÁ SABIA QUE
Pode encontrar a sua ENCICLOPÉDIA LINGUÍSTICA DE CULTURA «VERBO» (20 volumes)

SEM FIADOR

com garantia total
Telefones: 57 99 91 (manhã)
54 59 59 (tarde)
243 59 12 (noite)
ou Apartado 2338

1100 LISBOA CODEX

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.

Deseja a todos os seus clientes fornecedores e amigos, um FELIZ NATAL.

RUA DE ARROIOS, 179-A E 156-B—LISBOA

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 6-D - 1000 (metro Arealva) - Rua Intendente, 16-50-C - 1300 LISBOA

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



Para vossa
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

NOTARIADO PORTUGUES

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 14 de Dezembro do corrente ano de 1982, às 14h, do livro 167-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, no qual ALVARO DA SILVA GALRAO e mulher Beatriz de Jesus, casados no regime da comunhão geral de bens, naturais e residentes no lugar e freguesia de Chelheiros, deste conselho, justificaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio rústico, sito na freguesia de Chelheiros, já referida, composto de vinha, pereiras e oliveiras, denominado «Vinha do Molho», inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 74-secção F, com o rendi-

mento colectável de 1.948\$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 38 960\$00. Que o referido prédio encontra-se descrito, na competente Conservatória do Registo Predial, sob o número 31.036, a folhas 29v.º, do Livro B-83 e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes ALVARO SILVA GALRAO e mulher Beatriz de Jesus, já referidos, há mais de 20 anos — com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

Está conforme o original, Mafra, 14 de Dezembro de 1982.

O AJUDANTE

(Maria Manuela Beirão Climaco Delgado)



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

HORÁRIO

PORTO - MADRID

Em virtude de obras de renovação da via, vai ser suprimido temporariamente, a partir de 15 de Dezembro de 1982, o enlace na estação de Entroncamento do comboio directo que parte do Porto (Campanhã) às 18.45 h, com o comboio «Lusitânia-Expresso».

Como alternativa os Senhores Passageiros procedentes do Porto, com destino ao «Lusitânia-Expresso», deverão tomar o comboio regional que parte do Porto (São Bento) às 16.00 h.

A CP agradece a compreensão dos Senhores Passageiros para os eventuais incómodos daí resultantes.



**Caminhos de Ferro
Portugueses** Informação

LINHAS DO LESTE E BEIRA BAIXA

HORÁRIOS

Dado que os trabalhos de renovação da via, no troço Entroncamento — Abrantes, vão ser interrompidos no período de 20 de Dezembro de 1982 a 4 de Janeiro de 1983, nestes dias os comboios circularão normalmente conforme consta dos cartazes horários afixados nas nossas estações.

TRIBUNAL
CIVIL
DA COMARCA
DE LISBOA
5.º JUÍZO

ANÚNCIO
2.ª Publicação

Proc.º 6037 EXECUÇÃO SUMÁRIA
3.ª secção
EXEQUENTE
JOAO DE FREITAS, residente na Rua Gomes Freire, nº 130-1º em Lisboa.

EXECUTADO

LUIS MARIA DE JESUS GRACA FERNANDES, ausente em parte incerta e que teve a sua residência conhecida na Reboreda - Forte Velho, lote 18 em Setúbal.

Correm editos de trinta dias, contados da 2ª e última publicação de anúncio, citando o Executado acima identificado, para no prazo de cinco dias findo o dos editos, deduzir a oposição, pagar à Exequente a quantia de Esc. 36 268\$00, e demais despesas, ou nomear à penhora bens suficientes para tal pagamento, sob pena de não o fazendo, esse direito se devolver ao Exequente.

Os duplicados da petição encontram-se na Secretaria deste Juízo.

LISBOA, 7 de Dezembro de 1982
O JUÍZ DE DIREITO
a) Eduardo Nunes da Silva Baptista
O ESCRITURÁRIO
a) José Luis Martins da Silva

Novo aumento dos transportes é a "imagem de desgoverno" da AD

— diz a Festru

«A imagem do que acontece no campo da saúde e noutros» o Governo AD «pretende que os utentes paguem quase integralmente os custos dos transportes, desprezando voluntariamente a componente social deste serviço» — afirma a Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru), a propósito do anunciado aumento das tarifas dos transportes.

«Juntando a sua voz à dos trabalhadores e utentes dos transportes públicos» a Festru sublinha que «não pode deixar de condenar vigorosamente a política dos transportes» deste Executivo, que é a «escandalosa imagem de desgoverno que a AD nos quer habituar».

O comunicado afirma que «em qualquer país da Europa, o Estado, através do seu Orçamento suporta uma parte significativa dos custos dos transportes colectivos de passageiros; nas grandes redes de transportes públicos europeus o Estado suporta em média 44 por cento das despesas totais dessas empresas através de subsídios, enquanto os utentes contribuem apenas com 56 por cento através dos bilhetes que pagam».

E acrescenta: «Em Portugal e com os Governos da AD, a situação é rapidamente diferente, pois a população já paga mais de 80 por cento dos custos totais dos transportes, e pagando caro é cada vez mais mal servida».

O documento diz igualmente que o Governo, para 1983, «prevê além disso diminuir os níveis de subsídios a atribuir às empresas e, por outro lado, cortar os investimentos».

A Festru, que realiza nos dias 15 e 16 de Janeiro o seu II Congresso, reafirma o propósito de «continuar a lutar por transportes ao serviço do povo, objectivo este que na presente situação pressupõe como primeiro passo uma mudança da política que vem sendo seguida e logicamente o afastamento da AD na área do poder».

Metalúrgicos anunciam greve de dois dias

Os trabalhadores metalúrgicos vão paralisar nos próximos dias 13 e 14 de Janeiro, em apoio das suas reivindicações salariais.

A convocação da greve foi decidida pelo Secretariado da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, com base na decisão do plenário nacional dos delegados e activistas sindicais do sector, reunidos no passado dia 15 em Lisboa e no Porto.

Esta forma de luta, segundo um porta-voz sindical, visa pressionar o patronato a negociar os aumentos salariais e

a abandonar a sua posição de intransigência.

Gráficos do Norte

Os trabalhadores das indústrias de celulose, gráficos e da Imprensa do Norte poderão paralisar nos dias 7, 11, 18 e 25 de Janeiro em apoio de reivindicações contratuais — anunciou no Porto o Sindicato.

Em comunicado, o organismo sindical sublinha que a greve será desconvogada caso a entidade patronal apresente até ao último dia do ano «uma proposta aceitável».

Entretanto, no dia 29 de Janeiro haverá um plenário nacional de dirigentes, activistas e delegados sindicais, em local ainda a designar.

Setenave

Os cerca de 6100 trabalhadores dos estaleiros da Setenave, de Setúbal, ainda não receberam os salários de Dezembro, nem o décimo terceiro mês, segundo um porta-voz da comissão de trabalhadores (CT).

O mesmo informador acrescentou que se desconhece quando serão pagos os vencimentos na empresa.

A única saída para a crise é a dissolução da AR e a convocação de novas eleições — afirma a CGTP/In

A crise política portuguesa impõe uma solução imediata que passa pela dissolução da Assembleia da República e a convocação de novas eleições — afirma um comunicado divulgado pelo Secretariado Nacional da CGTP-IN.

O secretariado, que esteve reunido nos últimos dois dias para apreciar os trabalhos preparatórios do IV Congresso, analisou igualmente a situação decorrente da actual crise política.

Neste contexto, concluiu «ser incontestável que o País vive uma crise política, decorrente do malogro e da derrota da AD, que exige uma solução imediata, segura e capaz».

A CGTP-IN nota que «não é com a AD no Governo, seja qual for o Primeiro-Ministro procurado, que se ultrapassa a crise ou se apresenta aos trabalhadores e ao

povo português uma alternativa que corresponda à vontade e ao voto claramente maioritário de mudança efectiva na política portuguesa».

«O que está em jogo não é a escolha deste ou daquele Primeiro-Ministro AD, mas toda a política da coligação governamental, que tem conduzido o País a uma situação desastrosa» — acrescenta o comunicado.

A CGTP-IN refere «o agravamento da situação económica e financeira, o crescimento da dívida externa, a degradação das condições de vida e de trabalho, o aumento do desemprego e o boicote no desenvolvimento das empresas públicas e nacionalizadas».

Observa que «foi contra esta política que, durante 1982, cen-

tenas de milhares de trabalhadores se pronunciaram, através de várias formas de luta».

Depois de reafirmar «a disponibilidade e o empenhamento dos trabalhadores na procura das soluções adequadas à superação da crise económica e social, num novo cenário político de alternativa à AD, a CGTP-IN aponta como «única saída imediata a dissolução da AR e a convocação de novas eleições legislativas com a nomeação de um governo isento que assegure a democraticidade do processo eleitoral».

A CGTP-IN resolveu convocar para 14 de Janeiro um plenário nacional, órgão máximo da confederação entre os congressos, para fazer o ponto da situação sobre o Congresso, e decidir sobre as medidas a tomar face à situação político-social.

Greve dos veterinários poderá provocar rotura no abastecimento de carne

A maioria dos matadouros portugueses oficiais e privados não deverão funcionar de 3 a 17 de Janeiro, em consequência da greve dos veterinários municipais, que decorre nesse período — revelou um dirigente do Sindicato dos Médicos Veterinários.

Os cerca de 200 veterinários municipais estão em luta pela sua integração na carreira médica superior, já que são os únicos licenciados da Administração Pública que não estão enquadrados naquela carreira.

Os veterinários municipais, como oportunamente noticiámos, encontram-se em greve administrativa desde o dia 20 do corrente mês, pelo que fazem as inspecções, mas não passam as respectivas guias.

Esta situação, segundo a Associação dos Industriais de Carnes (ANIC), implica prejuízos para os industriais que têm de pagar reinspecções nos postos de entrada do gado abatido.

Ainda de acordo com a ANIC,

a concretizar-se a greve total dos veterinários municipais, o abastecimento de carne em Portugal deverá sofrer uma rotura.

A Associação dos Industriais afirmou ainda ter enviado telegramas a membros do Governo, manifestando-lhes a sua preocupação e chamando a atenção para a gravidade do assunto, que «poderá trazer problemas para a saúde pública» e afectar o abastecimento público de carne.

Um informador sindical sublinhou que há dois anos e meio o Governo nomeou uma comissão interministerial para estudar o problema da carreira dos veterinários municipais, com base num projecto que corrigia as anomalias existentes.

Acrescentou que o Governo impôs modificações àquele projecto, tendo o sindicato feito algumas cedências, e que há ano e meio os veterinários municipais aguardam a publicação do diploma que corrija a situação.

Salários em atraso na Enomecânica

Os trabalhadores da Enomecânica, empresa situada na Malveira, concelho de Mafra, ainda não receberam o salário de Dezembro, nem o décimo terceiro mês que, de acordo com o estipulado no CCTV da Metalurgia e Metalomecânica, deveria ser pago conjuntamente com o mês de Dezembro.

Existem também algumas promessas da administração que não têm sido cumpridas, tais como o subsídio de refeição desde Outubro de 1981 e a actualização do subsídio de transportes. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos, há já alguns meses que os salários naquela empresa têm sido pagos com atrasos significativos.

Os trabalhadores deram um prazo à administração para apresentar uma solução para o problema, findo o qual «utilizarão as formas de luta que entenderem mais convenientes».

«Estalagem dos Zimbros»

Também os trabalhadores da «Estalagem dos Zimbros», de Cabo Espichel, encontram-se com os salários em atraso, desde Setembro último. A entidade patronal, além de não pagar os salários, não deu nenhuma explicação para o facto aos 13 trabalhadores e «trata mal» todo aquele que pretender saber o que se passa. Segundo o Sindicato da Hotelaria do Sul, o patrão, no passado dia 28, no Ministério do Trabalho e «perante a passividade deste» recusou-se «arrogantemente» a reunir-se com os trabalhadores e o seu sindicato, a fim de discutir o problema.

Os trabalhadores «ao mesmo tempo que repudiam a atitude da entidade patronal, exigem o respeito pelos seus legítimos direitos e interrogam-se se as leis deste país não são para serem respeitadas e cumpridas por toda a gente».

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 339 REFERENTE A DEZEMBRO

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- No limiar de alterações governamentais
- Mais um alerta contra os fármacos
- Degenerescência e Vitamina E
- As armas da alimentação saudável na resistência contra o frio
- Cenoura alimento valioso
- O médico da família
- A alergia doença de «desadaptação»
- Sua magestade O Limão
- A medicina de outrora Fitoterapia e Aromoterapia
- Tratamento do Lumbago
- A Tisana remédio popular velho como o mundo etc., etc.

RUA ANTERO DE QUEENTAL, 35 1.º (ao Intendente)
Telefone 55 64 98
Assinatura anual: 350\$00 • Semestral 200\$00
Estrangeiro 600\$00 • Avulso 35\$00



CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁCER DO SAL CÓDIGO POSTAL 7580 — SECRETARIA

A VISO

Pretende-se Desenhador para os Serviços de Urbanismo Equipamento e Habitação.

OFERECE-SE:

- Transporte diário entre Alcácer do Sal e Lisboa
- Vencimento de acordo com o «curriculum» apresentado

Os candidatos deverão entregar na Secretaria da Câmara os seus dados e «curriculum» detalhado até ao dia 10 de Janeiro, inclusive.

Alcácer do Sal, 21 de Dezembro de 1982

O Presidente da Câmara
(Ilegível)

PASSAGEM DO ANO

PAVILHÃO DO CACO
(CLUBE ATLÉTICO DE CAMPO DE OURIQUE)

MÚSICA POPULAR
TROVA NOVA
TRIO VANGUARDA

MÚSICA ROCK
ROCK E VALSAS
ETC
PH - 5

FESTA
FIM DE ANO
1982 1983

31 DEZ: 82
21 Horas



COMITE LOCAL DE LISBOA DO PCP

COMITE LOCAL DE LISBOA DA JCP

DESPORTO

Profissionais de futebol trocam graciosos piropos

Folha, jogador profissional do Varzim, em declaração do nosso colega «Record»: «Se eu nesse momento tivesse uma faca, tê-la-ia espetado na barriga do Santos. De facto, descontrolo-me, não tive serenidade nem juízo para me segurar. Mas, ele passou o jogo todo a insultar-me, a mexer com a minha vida privada, com a minha dignidade de homem e de profissional e, depois do que ele fez ao Valdemar, não me contive. Repito: se eu tivesse uma faca espetava-a.»

Resposta de Santos (Rio Ave) a esta afirmação, também inserta no jornal «Record»: «Isso são desaíros. Mas terei de me acautelar porque ele pode cruzar-se comigo na rua e fazê-lo. Mas não. Para isso, ele teria de subir a um banco. Caso contrário, corria o risco de me atingir nas partes baixas.»

Para uma excelente definição da pureza desportiva de certos intérpretes de futebol altamente profissionalizados, estes pedaços de prosa, recordados de declarações tomadas públicas, por dois representantes de clubes de primeira linha (logo com um mínimo de dignidade a respeitar) vêm colocar mais uma acha na fogueira em que,



Folha: uma faca na lige?

Neves de Sousa

quotidianamente, se consomem muitos vultos que, de uma hora para a outra, por simples e pura habilidade para pontapearem uma bola, acabam por entrar em nossas casas como convidados nas conversas, como admirados pelos nossos filhos, como figuras populares que logram tomar de assalto as plateias mais heterogêneas.

Se existisse, ainda, alguma dúvida sobre a ineficácia de um sindicato denominado de Jogadores de Futebol bastaria esperarmos uma semana: apostamos dobrado contra singelo em que o seu sentido ético e disciplinar vai ficar imperturbável perante este verdadeiro atentado ao respeito mútuo que deve presidir às relações humanas, muito especialmente entre dois trabalhadores do mesmo ofício.

Mas, o autêntico e consciente profissional do nosso futebol será, a estas horas e certamente, o primeiro e melhor juiz de dois destrambelhados colegas de ocasião. Espera-se agora que, para além de uma dura medida disciplinar, o Varzim e o Rio Ave denunciem dois maus servidores que em nada engrandecem patrimônios respeitados e prestigiados.

S. Silvestre 'JN': correr para 1100 contos

Na noite de amanhã, 458 atletas (em representação de 61 clubes) participam, no Porto, na Terceira Corrida de São Silvestre do «Jornal de Notícias».

No percurso de 8500 metros, cobrindo o trajecto estabelecido já desde a primeira edição da prova em cerca de trinta minutos, o público do Porto terá oportunidade de ver, entre outros, José Sena e Aurora Cunha (F. C. do Porto), Rafael Marques (Sporting), António Leitão e Delfim Moreira (Benfica), Aniceto Simões e Manuel Oliveira (Académico de Godim).

A prova é aberta, pela primeira vez, a atletas femininas: 102, sendo 6 individuais e duas estrangeiras (do Celta de Vigo), em representação de 17 clubes. Este ano, há prémios no valor total de um milhão e 300 mil escudos: em 1980, foi de 300 mil escudos e em 1981, de 550 mil.

Dos 356 atletas masculinos (dos quais, 20 são individuais) em representação de 44 clubes, regista-se a presença de um suíço, um belga e três espanhóis

(do Celta de Vigo) de muito fraca qualidade, o que não beneficia esta prova, já de grande prestígio.

S. Iria de Azoia

O Clube de Futebol de Santa Iria de Azoia, com a colaboração da junta de freguesia local e da Câmara Municipal de Loures, realiza uma «São Silvestre». Duas provas integram esta competição: uma marcha atlética de 5000 metros e uma corrida na mesma distância, com partidas, respectivamente, às 23.30 e 23.40 de amanhã.

Hoje

Hóquei lisboeta

Benfica e Campo de Ourique decidem, hoje, no pavilhão da Luz, às 21 e 30, em encontro da segunda «mão», a posse da Taça Lisboa, troféu instituído, pela primeira vez este ano, pela Associação de Patinagem de Lisboa. No primeiro jogo, em Campo de Ourique, os «encarnados» venceram por 7-5.

MICROSCOPIO

Xadrez europeu

Mais uma derrota do português Luís Galego, no Campeonato Europeu de Xadrez para Juniores: agora foi perante o grego Stavros Lazaridis.

Banhoca na Caparica

Mantendo uma tradição de muitos anos, a Associação Cultural e Desportiva dos Empregados da União de Bancos Portugueses promoverá no dia 1 de Janeiro o seu já popular banho de ano novo à «belle époque».

Para o efeito foi estabelecido o seguinte programa:

10 horas - 4.ª milha da ACD da UBP, com partida do paiol da NATO (estrada do Rei) e chegada à Praia Nova (Costa da Caparica).

11 horas - Banho com fatos à «belle époque» na Praia Nova.

12 e 30 - Almoço no restaurante Costa Nova.

Ciclismo minhoto

No decorrer de uma assembleia geral, foram eleitos os novos timoneiros da Associação de Ciclismo de Braga, cuja sede (no entanto) se situa em Guimarães. Para o lugar de António Domingos (que vai candidatar-se à presidência da Federação) foi escolhido José Manuel Freitas. Quanto aos restantes órgãos, serão encabeçados por Vítor Manuel de Freitas (assembleia geral) e Casimiro Coelho Lima (conselho fiscal).

Natação aprende

Organizado pela Federação Portuguesa de Nataçao e com o apoio da Solidariedade Olímpica Internacional, começou em Cascais, um estágio destinado a treinadores nacionais, que conta com o técnico norte-americano, Peter Daland, como mestre principal. Além de lições técnicas, haverá informações sobre congressos realizados em diversos países, nomeadamente em Espanha, Estados Unidos, e República Federal da Alemanha. Os trabalhos decorrerão até 6.ª feira.

Patinagem artística

Tatiana Gladkova (16 anos) e Igor Spilberg (18 anos) conservaram o seu título de campeões do mundo de pares-dança, depois das provas do programa livre da 4.ª jornada dos campeonatos do mundo de juniores de patinagem artística, desenrolados em Sarajevo (Jugoslávia). Classificação geral (dança-pares): 1.ªs Tatiana Gladkova-Igor Spilberg (URSS), 2 pontos; 2.ªs Jelena Novikova-Oleg Blijahman (URSS), 4 pontos; 3.ªs Christine Chiniard-Martial Mette (França), 7,4 pontos.

Basquetebol

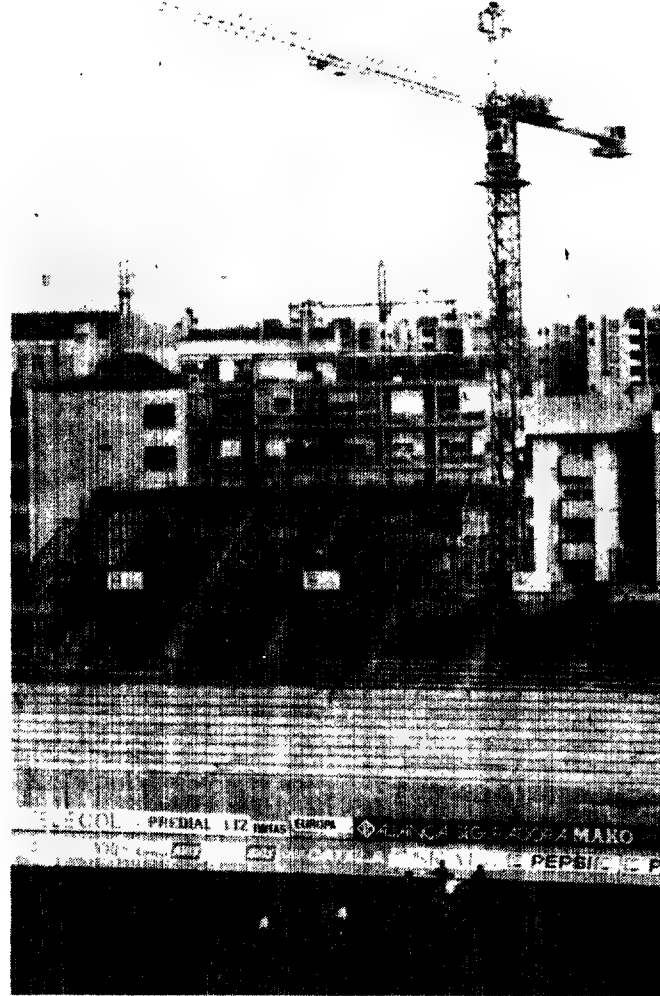
moçambi cano

António Azevedo e Hélder Nhandamo foram designados membros da Comissão Técnica Nacional de Basquetebol mo-

cambicano. A decisão foi anunciada pelo director nacional-adjunto de Educação Física e Desportos (João Carlos da Conceição) durante uma reunião de balanço do Gabinete de Organização do Quarto Campeonato Africano de Basquetebol.

Boxe cresce

Para o próximo ano, a Federação de Boxe tem previstas as seguintes iniciativas: Fevereiro - Marrocos-Portugal, possivelmente em Casablanca. Pagamento da visita feita pelos marroquinos este ano. Março - Portugal-França em Lisboa; Abril - França-Portugal, em Toulouse; Maio - Campeonatos Nacionais, possivelmente em Lamego; Junho - Portugal-Espanha, no Porto; Julho - Espanha - Portugal em cidade a indicar pelos espanhóis. Agosto - Tunísia-Portugal, por iniciativa do Gabinete de Relações internacionais da DGD; Setembro - II Torneio Lusitana de Boxe, a efectuar em S. Paulo, presença obrigatória, pois fomos os criadores da prova. Setembro/Outubro - Possível presença na Taça Simon Bolívar, na Venezuela onde existe importante colónia portuguesa. Outubro - Taça Portugal, entre equipas representativas das quatro associações regionais. Em Novembro, se chegarem a bom termo as negociações encetadas com uma empresa nacional, o Boxam-83.



Alvalade cresce: enquanto os futebolistas treinam, a bancada rasga o céu, à espera da grande loucura de domingo

Os melhores do ano

Aaron Pryor

O norte-americano Aaron Pryor, campeão do mundo de superligueiros, foi eleito pugilista do ano pela Associação Mundial de Boxe. Pryor ganhou o prémio na sequência da defesa que realizou no passado dia 11 de Novembro, em Miami, ante Alexis Arguello, do seu título mundial.

Karpov

O campeão mundial de xadrez, o soviético Anatoly Karpov, foi galardoado com o «Óscar» de xadrez anualmente atribuído pelo jornal jugoslavo «Vjesnik». É a 9.ª vez consecutiva que Karpov obtém este prémio, que lhe será entregue em Fevereiro, durante um torneio que decorrerá em Linares, na Andaluzia espanhola.

Os dez melhores jogadores de xadrez em 1982, segundo a publicação jugoslava, foram: 1.º Anatoly Karpov, União Soviética; 2.º Garry Kasparov, União Soviética; 3.º Ljubomir Ljubojevic, Jugoslávia; 4.º Ulf Andersson, Suécia; 5.º Lajos Portisch, Hungria; 6.º Jan Timman, Holanda; 7.º Mikhail Thal, União Soviética; 8.º Alexandre Beliavski, União Soviética; 9.º Vassili Smyslov, União Soviética; 10.ºs Soltan Ribli, Hungria; Eugénio Torre, Filipinas e Boris Spaski, União Soviética.

Qual o árbitro, quem era ele?

Já pode contar-se porque, não será por isso, que alguém perde a internacionalização. Qual terá sido o árbitro (ora retirado das lides activas) que, num importante Marítimo - Estoril (para a 2.ª Divisão) mostrou, no Estádio dos Barreiros, cartão amarelo ao então estorilista Clésio (negrinho) e depois de bem reconsiderar, apontou no boletim o nome do loiro Peixoto como tendo sido o jogador admoestado?

URSS: ginástica tem música

As virtudes da música «disco» associada aos exercícios corporais são exortados pelo quotidiano «Sovietski Sport», de Moscovo. O jornal publica um pequeno curso de ginástica, ilustrada com imagens, convidando os seus leitores a executá-los em casa «num ritmo de valsa ou de disco». O jornal recomenda, igualmente, aos futuros ginastas de sala que não devem, nunca, começar um exercício com um ritmo «disco» muito acelerado.

«Sovietski Sport» associa (assim) a campanha de popularização da ginástica que prossegue na União Soviética há mais de um ano. As sessões de exercícios corporais foram tornadas obrigatórias em todas as empresas do país. A Rádio e a Televisão difundem, regularmente, desde há muitos anos, cursos de ginástica.

Everest: escaladores desapareceram?

O alpinista japonês Yasuo Kato, que na passada 2.ª-feira conseguiu a primeira ascensão invernal do Everest (8848m), e o seu companheiro Toshiaki Kobayashi, foram dados como desaparecidos, anunciou o Ministério do Turismo nepalês. Não foi possível estabelecer qualquer contacto rádio com os alpinistas desde 2.ª-feira à noite.

No ministério não se afasta a possibilidade de Yasuo Kato ainda estar vivo, mas há menos optimismo quanto à Kobayashi, que estava muito cansado e que sofria de frieiras. Após a sua asseção solitária até ao cimo, Kato voltou para junto do seu companheiro que se encontrava 100 metros mais abaixo.

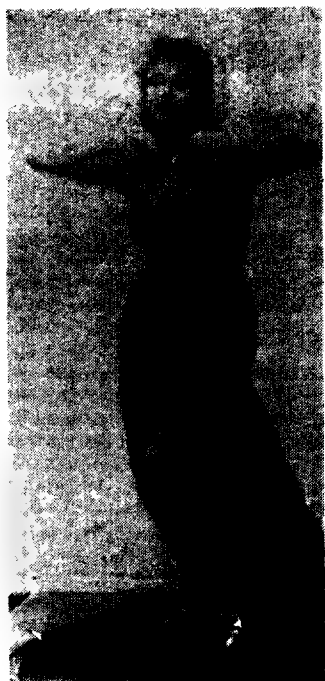
As condições meteorológicas no Everest são muito más e impedem o envio duma expedição de socorro. Um sherpa conseguiu atingir, ontem, à tarde, o campo n.º 4, a 7900 metros de altitude, e desde então, procura em vão os dois homens.

UEFA: os números falam

Três golos por jogo é a média das partidas disputadas na presente época para as competições interclubes europeias, de acordo com estatísticas da UEFA. Nos 212 jogos disputados dos três torneios foram marcados 631 golos, o que dá uma média de 2,97 tentos por encontro. As 212 partidas dividem-se entre 171 vitórias (125 em casa e 46 fora) e 41 empates. Em apenas dez casos, os golos marcados foram determinantes para a qualificação e só quatro vezes foi necessário recorrer a prolongamentos e uma vez à marcação de grandes penalidades para apurar a equipa qualificada.

Petrovic muda-se para as libras

O futebolista «internacional» jugoslavo Wladimir Petrovic, médio do Estrela Vermelha (de Belgrado), assinou contrato com o Arsenal de Londres, no valor de 750 000 libras (cerca de dez mil contos). Petrovic será o único jogador estrangeiro do Arsenal. As negociações para a aquisição dos serviços do médio jugoslavo tinham começado em Dezembro de 1981, mas estiveram suspensas porque a Federação Jugoslava de Futebol recusara conceder a carta de saída do país ao jogador devido aos maus resultados da selecção jugoslava no «Mundial» da Espanha.



Autoridades americanas escondem causas da morte de Marilyn Monroe

O relatório do procurador de Los Angeles sobre a morte de Marilyn Monroe afirma que a «verdadeira causa da morte da atriz continua a ser um mistério».

Esta conclusão revela, segundo observadores, um esforço para ocultar as verdadeiras causas da morte da atriz americana, nos anos 50.

A versão contrária os resultados do trabalho de M. Sperillo, um detective privado que trabalhou vários anos no caso. Nas suas conclusões, a atriz foi morta por agentes da CIA na véspera de uma conferência de imprensa em que tencionava trazer a público alguns planos macabros da organização, nomeadamente o assassinato de Fidel Castro.



Carlos do Carmo no Coliseu do Porto

PORTO, 30 — No âmbito das comemorações do XXIV aniversário do triunfo da revolução cubana, o Conselho Regional do Porto da Associação de Amizade Portugal-Cuba vai realizar no próximo dia 6 de Janeiro, pelas 21.30, no Coliseu do Porto, um grande espectáculo musical com Carlos do Carmo que será acompanhado por um agrupamento musical dirigido por Fernando Correia Martins. Este espectáculo, intitulado «Homenagem à Cidade» por vontade expressa daquele cantor, será uma prova de apreço do artista pela cidade do Porto.

Na Ópera de Dresden

'Ariana em Naxos' encenada por Joachim Herz

Joachim Herz, agora indigitado para a direcção da Ópera de Semper, cujos trabalhos de reconstrução segundo a traça e a decoração originais estão a ser ultimados, realizou este ano em Dresden, no teatro que tem substituído o histórico edifício inutilizado desde a Segunda Guerra Mundial, mais uma das suas grandes produções, mais um marco importante na sua já tão rica trajectória de director teatral: a *Ariana em Naxos*, de Hugo von Hofmannstahl e Richard Strauss.

As exigências de virtuosismo vocal colocadas pela partitura obrigaram a uma espécie de «selecção nacional» de cantores espalhados por diferentes teatros da República Democrática Alemã. Nada menos do que dez desses teatros «emprestaram» solistas à Ópera de Dresden, de modo a permitir a permanência no cartaz da nova produção em sistema de elenco duplo. Este tipo de articulação e cooperação interteatral é facilitado pelo regime em que funcionam os teatros alemães: as novas produções são «acrescentadas» ao repertório de cada companhia, passando a alternar regularmente no cartaz ao lado daquelas que vêm de trás. Seja na ópera seja no teatro declamado cada companhia mantém no cartaz um número considerável de diferentes produções (quinze, vinte, mesmo mais) que alternam diariamente. A frequência com que cada uma aparece depende, entre outros factores, da própria adesão do público. Pode haver espectáculos com centenas de representações ao longo de vários anos (há os que chegam a ter uma carreira de quinze, vinte anos...), outros com uma carreira fulgurante mas mais concentrada no tempo, outros menos felizes, que saem do cartaz depois de umas magras dezenas de representações. Supondo este sistema um verdadeiro processo de interacção entre produção e recepção, entre criação artística e público, é claro que o estudo estatístico do número de representações para um determinado período, há-de fornecer elementos do maior interesse para a compreensão da evolução sociocultural de uma comunidade. Tal interacção e a análise sociológica que ela faculta são praticamente desconhecidas entre nós, pelo menos no que respeita à ópera, uma vez que esta, circunscrita ao teatro de S. Carlos em regime de «temporada» (baseada em elencos efémeros para cada

série de espectáculos, em número prefixado), continua a ser uma actividade superficial, não enraizada num autêntico processo cultural, mero consumo de informação artística para os já «iniciados». Não há compositores, óperas, encenadores, intérpretes, enfim, espectáculos, em relação aos quais seja possível afirmar que marcaram, de forma significativa, em termos de estruturas de comunicação, um período da actividade do nosso teatro de ópera, uma fase de maturação cultural da colectividade. A ausência de tudo isso é que indicia algo de relevante, a saber: precisamente a imaturidade do nosso desenvolvimento neste campo. Há que «agradecê-la» ao salazarismo, inclusive na medida em que apagou todos os vestígios de novas perspectivas de desenvolvimento que haviam sido timidamente ensaiadas nos anos vinte.

O elenco duplo para cada produção é frequente na RDA, justamente para assegurar uma certa regularidade dos espectáculos, permitindo aos actores-cantores uma constante rotação por outros espectáculos ou teatros e a sua substituição em caso de impedimento fortuito. Em encenações complexas onde cada processo vocal-cénico é assumido em função de uma determinada leitura da personagem e da sua articulação com o todo, um actor-cantor integrado no conjunto só é substituível por outro que se encontre exactamente nas mesmas condições: já não é o tenor, que, por saber de cor a partitura, pode substituir outro tenor; é o actor-cantor cliente do seu papel numa encenação que pode substituir o colega com quem alterna na representação do mesmo papel, na mesma encenação. Se uma destas peças falta em absoluto na engrenagem, a solução é fazer subir à cena outro dos espectáculos que se mantém no repertório.

A categoria dos dois elencos preparados por Joachim Herz e pelo chefe de orquestra Siegfried Kurz, deixa prever uma longa e triunfal carreira para esta *Ariana em Naxos*. Mas aqui, a categoria dos elencos tem de ser considerada em função da eficácia da produção no seu todo. Em primeiro lugar há que salientar a unidade de concepção musical e cénica de que são garantes os dois principais responsáveis do espectáculo: maestro e encenador. Depois, a *Intensidade musical* com que cada processo cénico foi representado: refiro-



me não apenas à expressividade vocal, à autenticidade social e psicológica dos traços de cada personagem, mas aos próprios equivalentes cenográficos e ao dinamismo e intencionalidade da sua movimentação, bem como o ritmo da marcação, à transparência e vivacidade com que se tornou visível em cena a gestualidade musical. Das várias produções de *Ariana em Naxos* que tenho visto, nem de longe houve alguma que se aproximasse sequer deste grau de coerência, de veemência, de clareza, imaginação e humor narrativos. O entusiasmo e a frescura de processos que a cada passo se manifestam em cena refrescam a própria música e a própria problemática dramática que ela equaciona e resolve. O espectáculo, enquanto a ele assistia, valeu tanto para mim como «modelo inalcançável» que, como espectador inteiramente absorvido pela eloquência da representação, esqueci todos os termos de comparação: o esforço analítico «a posteriori» não invalida que esta *Ariana* tenha representado então para

mim como que a síntese de toda a ópera. «O melhor espectáculo de ópera que me foi dado ver». Esta ideia ou sensação de uma experiência única e paradigmática, que me tem sido frequentemente proporcionada por espectáculos de ópera levados à cena em teatros da RDA, tem afinal a sua origem no trabalho profundamente criativo e de sempre renovada redescoberta das obras que caracteriza a sua orientação e é fruto do magistério de artistas como Felsenstein. Joachim Herz e outros, do contributo da lição brechtiana, do aprofundamento dos problemas dramáticos e de encenação a nível universitário, da instauração de métodos de trabalho colectivo, enfim, da formação de uma nova consciência do teatro musical e da sua função, nascida e desenvolvida em comunhão com o público. Desnecessário é sublinhar aqui o que tudo isto pressupõe, não apenas no plano organizativo e da formação de quadros, mas também no plano das responsabilidades do Estado e dos custos orçamentais fabulosos que este está disposto

a assumir e tem generosamente assumido para fomentar este instrumento de conhecimento e de tomada de consciência de nós próprios, do lugar que ocupamos na comunidade e no tempo em que vivemos, que é a síntese de várias das artes mais penetrantes: o teatro musical.

«Embora se tenha tornado moda», como diz Herz, a cena e os figurinos remetiam-nos para a época e o lugar em que viviam os autores: a Viena do fim de século. Este «jogo» com o tempo ajudou a estabelecer planos de leitura que nos remeteram para o nosso tempo. E, quando, no final, Zerbineta e Arlequim, «vovam» para o futuro, enquanto Baco e Ariana «navegam» para o passado, ganha todo o sentido o «princípio de Arlequim» de que fala Rudolf Münz nas notas de programa: por um lado, expressão de insubordinação para com as inúmeras normas e obrigações sociais, por outro, expressão da mensagem de «outro» mundo, da utopia, da ideia de uma «idade de ouro».

Mário Vieira de Carvalho

FICHA ARTÍSTICA

Direcção musical: Siegfried Kurz; Encenação: Joachim Herz; Cenografia: Bernard Schöter; Colaboração coreográfica Harald e Hanne Wandtke; Dramaturgia: Eginhard Röhlings; Direcção técnica: Stefan Ritter; Realização técnica: Rudolf Zimmermann; Realização de luzes: Friedewalt Degen.

Distribuição: Mordomo — Günther Emmerlich; Lacaio — Jürgen Commichau; Cabeleireiro — Wolf-Matthias Friedrich; Oficial — Rainer Zakowsky;

«Companhia de Ópera»: Professor de Música — Werner Haseleu; Compositor — Elisabeth Hornung; Prima-dona (Ariana) — Ana Pusar; Tenor (Baco) — Klaus König; Cantoras — Helga Termer, Elisabeth Wilke e Gabriele Auenmüller; «Companhia de cómicos»: Mestre de dança — Karl-Friedrich Hölzke, Zerbineta — Ulrike Joannou; Arlequim — Jürgen Hartiel; Briguella — Milos Jezil; Scaramuccio — Karl-Heinz Koch; Trufaldino — Günter Dressler.

Orquestra: «Staatskapelle» de Dresden.

Leilão de quadros na festa de fim de ano do Grupo de Campolide

Obras de mais de uma dezena de artistas plásticos, entre eles alguns dos mais destacados vultos da arte portuguesa contemporânea, serão leiloadas no decorrer da Festa de Fim de Ano que o Grupo de Campolide realiza no teatro da Academia Almadense.

Trata-se já de uma tradicional iniciativa do Grupo de Campolide à qual, todos os anos numa manifestação de solidariedade, têm aderido diversos artistas plásticos.

Na Festa de Fim de Ano de 1982 serão leiloadas um desenho a carvão de Sá Nogueira, uma serigrafia de Lagoa Henriques, obras de João Vieira e Ana Isabel, um original de Artur Bual, uma serigrafia de Rocha de Sousa, uma pintura de Isabel Sabino, um desenho a carvão de

Ivone Balette e dois desenhos de Manuel Jorge.

Estas são as obras que, até ao momento, foram já oferecidas pelos artistas plásticos referidos ao Grupo de Campolide, para esta iniciativa de recolha de fundos integrada na Festa de Fim de Ano.

Registe-se que o programa da festa inclui a representação da peça «Tempos Difíceis», de Romeu Correia, e um grande «show» de variedades em que participam Carlos Mendes, Carlos Paredes, Henrique Viana, Henriqueta Maya, Jo Appoloni, Ivone Silva, José Jorge Letria, Júlio César, Luisa Basto, Samuel, Teresa Paula Brito, Teté, Carlos Paulo, Daniel Garcia, Francisco Seia, João Fernando, José Faria, Júlia Laranjeiro, Le-a-far, Macedo e Brito, Zúrk,

conjunto «R/c Esq» e o Grupo Coral «Amigos do Barreiro».

«A menina, o gato e o robot»

O Grupo de Campolide volta a apresentar, nos dias 1 e 2 de Janeiro, às 16 horas, no Teatro da Academia Almadense, o espectáculo para a infância que preparou especialmente para a actual quadra festiva: «A menina, o gato e o robot».

Este espectáculo, estreado com grande êxito no dia de Natal, baseia-se numa história de Joaquim Benite, com adaptação dramática realizada pelos membros do Grupo, tendo o texto sido fixado pelo escritor Virgílio Martinho. Os cenários e



Uma cena de «A menina, o gato e o robot»

figurinos são de Rui Alves e a encenação é de Joaquim Benite e José Peixoto.

Canto e Castro, António Assunção, Carlos Gonçalves, José Peixoto, Teresa Gafeira e Luisa Ortigosa são os actores do Grupo que interpretam esta história que tem um rei e uma rainha,

um lenhador, muito velho e cansado, um gato cheio de manchas, uma menina que gosta de baloiços e sonha visitar o palácio real e um robot americano tal e qual, com luzinhas que se apagam e acendem e até com uma voz mecânica que diz «O.K.» e outras coisas.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje às 21,30

pedro,
o rei

António Patrício

ENCENAÇÃO
carlos avilez

ATENÇÃO
NÃO É PERMITIDA
A ENTRADA APÓS O INÍCIO
DO ESPETÁCULO

MATINÉE AOS DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 H
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A MEN. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA

SALA EXPERIMENTAL
DE 21 A 2 DE JANEIRO PELA CASA DA COMÉDIA MEU AMOR, PEQUENINO...
de ANTÓNIO BOTTO
De 3.ª a Domingo às 16.30 horas

Op. Alvará n.º 16/1958

RN **RODOVIÁRIA
NACIONAL**

VIAGENS EM AUTOPULLMAN

PASSAGEM DO ANO

Serra da Estrela (com ceia, — 31/DEZ. a 2/JAN.	7.500\$00
Praia da Rocha — H. Júpiter (ceia e reveillon) — 31/DEZ. a 2/JAN.	6.700\$00
Salamanca — H. Jardim Regio (ceia e reveillon) — — 31/DEZ. a 2/JAN.	12.000\$00
Salamanca — H. Alfonso X (ceia e reveillon) — 31 a 2 JAN.	10.500\$00
Albergaria Castela — Mafra (ceia e baile) — 31 a 1 JAN.	4.850\$00
Almoço regional — dia Ano Novo	1.500\$00

OUTRAS SUGESTÕES: Madeira — Paris — Londres — Andorra — Torremolinos — Madrid — Viena — Tunísia — Grécia — Suíça — Palma de Maiorca — Ibiza — Canárias, etc. ...

SOLICITE PROGRAMAS DETALHADOS

RN

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
LISBOA — Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1096 LISBOA CODEX
Telefones 56 00 15/16 — 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1.º — 1100 LISBOA
Telefone: 36 75 29

OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS: COIMBRA — Tel. 22944 * LEIRIA — Tel. 22413 * PORTO — Tel. 21109 * SETÚBAL — Tel. 23291
* FARO Tel. 23025 * P. ROCHA — Tel. 22370 * ÉVORA — Tel. 24254.

FESTA DE FIM DE ANO

TEMPOS DIFICEIS

texto de
ROMÉU CORREIA

encenação de
JOAQUIM BENITE



GRANDE SHOW

CARLOS MENDES • CARLOS PAREDES • HENRIQUE VIANA
HENRIQUETA MAYA • IO APOLONI • IVONE SILVA
JOSÉ JORGE LETRIA • JÚLIO CÉSAR • LUÍSA BASTO
SAMUEL • TERESA PAULA BRITO • TÉTÉ • CARLOS PAULO
DANIEL GARCIA • FRANCISCO SEIA • JOÃO FERNANDO
JOSÉ FARIA • JÚLIA LARANJEIRO • LE-A-FAR
MACEDO DE BRITO • ZURK • CONJUNTO R/C ESQ.
GRUPO CORAL "AMIGOS DO BARREIRO"

MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS

1 semana em Londres, Las Palmas ou Palma de Maiorca para 2 pessoas • Viagem ida e volta a Londres para 2 pessoas • Fim de semana no Algarve para 2 pessoas • AGÊNCIA ABREU

SERVIÇO DE CEIAS
ESPUMANTE GRATUITO

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE — TEL: 275-2175/275-6567

A BARRACA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, n.º 70
TEL: 263300



Amanhã, último
dia
às 21.30 h

TUDO BEM!

REVÉILLON

PAVILHÃO DE

OS BELENENSES

com os
VAPORES
DO REGO

MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ

*Companhia
Nacional
de Bailado*
apresenta

«RAYMONDA»

BAILADO EM TRÊS ACTOS

Coreografia de Terry Westmoreland segundo Petipa
Música de Glazunov
Cenários e Figurinos de Da Silva Nunes

Direcção Artística ARMANDO JORGE

DIAS 18 DE DEZEMBRO ÀS 18,30H. 19 E 31 ÀS 16,00H
DIAS 23 E 29 ÀS 21,30H

LUISA TAVEIRA/GUILHERME DIAS
nos principais papéis

DIAS 21 DE DEZEMBRO ÀS 21,30H. 22 E 30 ÀS 18,30H
DIA 2 DE JANEIRO ÀS 16,00H

CRISTINA MACIEL/PEDRO ROMEIRAS
nos principais papéis



HORÁRIO DE BILHETEIRA

DIAS NORMAIS DAS 14,00 AS 20,00H
DIAS DE ESPECTÁCULO DAS 14,00 AS 22,00H

BILHETES À VENDA

DESCONTOS A ESTUDANTES, 3.ª IDADE E GRUPOS DE MAIS DE 20 PESSOAS

Grupo de Campolide
Companhia de Teatro de Almada

A
menina,
o gato
e o robot



História de Joaquim
Encenação de J. Benite e J.

SAB. 1 e DOM.
às 16 e 18H

TEATRO DA ACADEMIA
ALMADENSE

TRIBUNAL
DA COMARCA
DE LISBOA

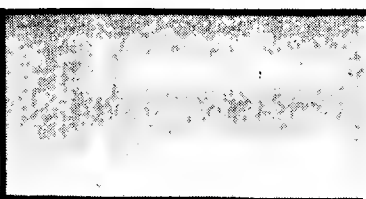
14.º JUÍZO CIVIL

ANUNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores dos bens que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para que apresentem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois do decurso do qual de vinte dias, que se começara a contar da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução de Sentença n.º 448-B-2.ª secção. Executores — A Companhia de Seguros Imperio, EP. Executados — José Manuel Coutinho, residente em Matos Velhos, 1-1.º Esq.º, TORRES VEDRAS.
Lisboa, 14 de Dezembro de 1982
O Juiz de Direito,
a) Abílio Maria Peres
Pel' O Escrivão de Direito,
Rui Pedro Rosa Pagamim
a) Rui Pedro Rosa Pagamim



Desenhos M. Blanc-Dumont



Texto Laurence Harle



Aragon: legado à nação francesa

O valioso património cultural do poeta Louis Aragon, falecido há uma semana em Paris, com 85 anos, será destinado, por sua própria vontade, «à nação francesa».

Grande parte da obra de Aragon, os trabalhos literários de sua mulher, Elsa Triolet, e uma riquíssima colecção de documentos culturais recebidos pelo poeta ao longo da sua vida, serão administrados por uma instituição francesa, o «Centro Nacional para a Investigação Científica» (CNRS).

Aragon doou o seu património pessoal à CNRS, a 4 de Maio de 1977, com o objectivo de ele ser conservado e poder ser explorado cientificamente a favor do povo francês.

Entre o património de Aragon contam-se manuscritos e obras de arte que o poeta foi guardando depois de os receber das mãos de amigos seus como André Breton, Marc Chagall, Pablo Picasso e Albert Camus, que trocaram com ele notas pessoais e correspondência, até agora inéditas.

Aragon, homem comprometido toda a vida com o Partido Comunista Francês, foi terça-feira a enterrar, em Paris, acompanhado por milhares de pessoas que participaram na cerimónia, escutando a homenagem do primeiro-ministro, Pierre Mauroy, e do secretário-geral do PCF, Georges Marchais.

Crocodilos americanos: extinção à vista

Os crocodilos americanos encontram-se ameaçados de extinção devido ao interesse turístico que o seu «habitat» natural representa, no Sul da Flórida.

O problema, segundo o biólogo americano Steve Klett, da administração americana de protecção da natureza, reside em que os crocodilos «gostam justamente do tipo de sítios onde as pessoas pretendem habitar e construir». Tal como os homens, de facto, os crocodilos gostam de locais marinhos quentes e de praias com bastante areia. Bem ao contrário dos homens, contudo, não suportam a poluição nem a vizinhança dos humanos.

Segundo o biólogo, o crocodilo americano é «tímido e discreto», sendo actualmente uma espécie ameaçada de extinção. Calcula-se que apenas existam, actualmente, cinco dezenas de exemplares na ilha de Key Largo e no Parque Nacional de Everglades, no extremo Sul da Flórida.

Espanha: defender os idiomas

Os idiomas de Espanha carecem de uma defesa acérrima, que não se confine à mera transmissão familiar, afirmou o catedrático espanhol António Tovar, num congresso de linguística, em Madrid.

Tovar, especialista dos idiomas não castelhanos, lançou um grito de alarme: esses idiomas podem vir a desaparecer se não forem defendidos com os poderosos meios com que conta a sociedade industrial.

Em Espanha, depois da repressão a que os idiomas não castelhanos estiveram submetidos durante décadas, dir-se-ia estar a viver-se, actualmente, uma fase, se não de concórdia linguística, pelo menos de franca formulação dos problemas existentes.

Os problemas do bilinguismo, dramáticos até há pouco, perderam a virulência, «embora, no dizer de Tovar, ainda subsistam as tensões entre as várias línguas do Estado espanhol».

É certo, acrescenta o filólogo, que «nunca desaparecerão as tensões entre o basco ou o catalão e o idioma central ou dominante mas não de desaparecer os conflitos dramáticos à medida que se normaliza a situação política e social».

«A partir de agora, o ideal será manter vivas todas as línguas históricas», este o apelo de Tovar.

O basco é considerado uma relíquia pela sua antiguidade e carácter específico. Tem, naturalmente, segundo o professor Tovar, todo o direito a subsistir, mediante a utilização de todos os meios ao alcance da sociedade, pois já não basta a mera transmissão familiar.

No mesmo simpósio se falou do castelhano, idioma já quase tão falado quanto o inglês, tendo o especialista alemão Niederehe alertado para os perigos que dessa mesma expansão podem resultar.

«É possível, segundo Niederehe, que o castelhano, à força de ser falado por muitas pessoas, venha a sofrer transformações pouco cultas, como em outros tempos aconteceu com o inglês».

No entanto — e nisto coincidem todos os linguistas —, há que deixar em liberdade todas as línguas, ainda que daí decorram perigos. Uma língua amordaçada, coarctada ou espartilhada, é uma língua anémica, em vias de extinção.

continua

Com o piso molhado
aumenta a distância
em relação
ao veículo da frente.

Circular e viver.

2 RODAS
2 vezes
mais atenção!



canal da crítica

Ela por ela

MÁRIO CASTRIM

Não. Não se pode dizer que «Millie, rapariga moderna» seja daquelas obras que me. De modo que os meus leitores se não importarão que eu vá entre-meando, género toucinho fumado, uma escrevinhadela com uma olhadela. Como o outro que diz anda ela por ela.

Acho uma piada, meus senhores! À tarde, pelas quatro horas, com a plateia quase vazia, a RTP manda tantos filmes de qualidade, bons de se ver, à noite, com a casa cheia, atira com o refugo, com maior ou menor efeito.

Aliás, sucede algo de semelhante com a telenovela. Através do seu painel, deve a RTP saber que a maioria absoluta de audiência gosta da telenovela brasileira. E o que é que sucede? Sucede que «Baila Comigo» aparece ao meio-dia, numa TV às moscas! Onde está, afinal, o tão apregoado respeito pelas preferências dos telespectadores? Conclui-se que, nesta TV apainelada, a sondagem apenas serve para álibi da mediocridade e da desinformação.

Bom. Uma das coisas que mais me prendem, nas fitas americanas, é descobrir sinais do seu modo de vida. Sempre fui um apaixonado das civilizações primitivas e em vias de extinção.

Um sociólogo, para referir a

ausência de sentimentos profundos no ianque urbano, escreve: «Um americano apaixonado nunca oferece, como um europeu, uma flor à namorada: oferece uma porção delas.»

Lá estava na «Millie», o diálogo entre o patrão e a secretária:

ELE - Encomende rosas para mandar a Miss Dorothy.

ELA - Quantas?

ELE - Duas dúzias. Das grandes...

Pequenos sintomas de uma realidade mais profunda que tem a ver mais com o preço fictício das almas do que com verdadeira alma das coisas.

Não desenvolvo este alician-tíssimo tema filosófico-gangstérico porque sou atraído pela realidade portuguesa, representada pela presença de Francisco Balsemão na RTP. De facto, ele ocupou integralmente o Tempo de Antena do PSD, cerca de 15 minutos (mais exactamente 14m. 51s 90 centésimos) numa entrevista plena de interesse.

Coloca-se aqui o realce à instituição do **Direito de Antena**. Há anos que Pinto Balsemão não aparecia na TV, uma discriminação lamentável. Se não fosse o **Direito de Antena**, quanto mais tempo estaríamos sem o ver lá?

Sem ver em acção este político vukhaçsiunadu para a TV? Viva pois o «Direito de Antena» quando ele representa, na verdade, a «Antena do Direito» (Este trocadilho foi um belo desarrincanço, não?)

Vejamos, rápido, alguns balsemânicos conceitos: - «A JSD é o maior movimento juvenil português...»

- Além de ter colaborado na Revisão, o que foi que o PS fez?

- Eleições autárquicas demonstraram a vitória do PSD. Pelo que Balsemão não se demitiu por causa delas, mas apesar delas (desculpem, fui eu que tossi).

- Demitiu-se porque é preciso, agora, tomar medidas de fundo.

- Fala da «traição de que foi vítima» dentro do PSD. Às vezes pensa que, se o que está em causa, dentro do seu partido, «não será o estabelecimento de um regime autoritário». Textual: «Se há pessoas que não estão bem no Partido podem e devem sair.»

- Andei pelo país, durante todo o ano, de Norte a Sul...

Enfim, como se costuma dizer, não faço comentários. Nem a isto nem à ferroada do dr. Freitas do Amaral, os leitores concluirão por si.

Mas repito, ainda bem que o dr. Balsemão aproveitou o

Tempo de Antena, do PSD. Donde «quem não estiver bem se pode e se deve mudar». A semelhança do que fez o dr. Freitas do Amaral, segundo notícia de última hora divulgada, com tremidinhos na garganta, pelo Rui Romano.

Romano não nos diz para onde foi o Freitas. Não teria ido para Coimbra?...

MÁRIO CASTRIM

P.S. - Numa tentativa de desintoxicação, isto é, de ver gente viva (isto de ver dez horas de televisão por dia aleija mais que 100 gramas de cianeto) agarrei ontem na família e fui passar o dia à nobre, proletária, Marinha Grande.

Bati à porta da IVIMA, onde fui recebido pelo seu presidente do Conselho de Administração, dr. Jorge Magalhães.

A gentileza da recepção, sem referência específica a qualquer forma de adesão, significou, acima de tudo, apreço pela função do jornalismo, em geral, na sociedade portuguesa.

Pelo que se dignará o «Diário de Lisboa» conceder-me um cantinho nesta coluna para exprimir a minha gratidão ao dr. Jorge de Magalhães e aos trabalhadores que nos guiaram através da IVIMA - MC.

TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente incl. sáb e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



Frank Sinatra, principal intérprete do filme «Tristeza não Pagam Dívidas»

16.27 Filme - «Tristeza não Pagam Dívidas». Intérpretes: Frank Sinatra, Edward G. Robinson, Eleanor Parker, Carolyn Jones, Thelma Ritter, Eddie Hodges, Keenan Wynn e Joi Lansing. Realização: Frank Capra.

18.22 Tempo dos Mais Nvos

18.50 Mais um Natal em Hamburgo - os problemas dos emigrantes.

19.15 Autovisão - programa dedicado ao automobilista.

19.55 O Tempo

20.00 Telejornal - notícias do País e do estrangeiro.

20.30 Direito de Antena - PS (Partido Socialista), UGT (União Geral dos Trabalhadores), Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de Vendas, Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito Judicial de Lisboa e Confederação de Agricultores de Portugal.

20.45 Concurso Toma Lá Dá Cá

22.20 Grande Reportagem

23.30 Últimas Notícias

2 RTP



Na RTP-2 exhibe-se o 10.º episódio da série «Nanny»

19.30 País, País

19.55 Desenhos Animados

20.15 «Dido e Eneias» - uma ópera de Henry Purcell escrita em 1689.

21.55 «Nanny»

22.45 Telenovela

23.15 Jornal da Noite

Amanhã

1 RTP

2 RTP

08.00: Bom Dia Portugal; 09.30: Desenhos Animados; 10.00: Gente e Ideias; 10.30: «Lillie»; 11.30: Artistas; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; 17.00: «O Homem das Sete Vidas»; 18.30: Tempo dos Mais Novos; 19.00: Pedra a Pedra; 19.30: Tur/82; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: «Gente Fina é Outra Coisa»; 21.30: Especial Fim de Ano

19.30: País, País; 20.00: Desenhos Animados; 20.30: Caminhos do Eterno; 21.00: Concurso 8 ou 80; 22.00: «Caboia»; 22.30: Jornal da Noite.

ADM. UNIVERSIDADE

Maiores de 25 anos • Exames «ad hoc»

EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL

Moderno Centro de Ensino

Rua Morais Soares, 93 • (ao Chile)

Telefone: 83 46 58/83 14 16/82 02 21



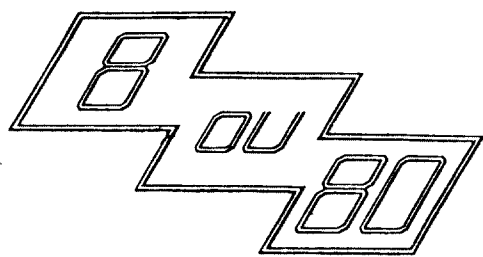
JÁ SABIA QUE
O seu filho de 6 anos pode aprender facilmente Inglês e Francês, em sua casa, como se brincasse?
CURSOS «VERBO»
INTEGRAMENTE
LIGAM: 223 12 32
7243 57 12 (após das 21.30 h)
APARTADO 2933 1166 LISBOA (Coder)

REVEILLON

EM SESIMBRA

NO GIMNODESPORTIVO

3 Conjuntos Musicais
EXEMPLO — SEMIBREVE — BANDALASTRO
Informações pelo telefone — 223 12 32



CONCURSO

Nome: _____

Morada: _____

Cod Postal: _____

Telefone: _____

Temas: 1ª Hipótese _____
2ª Hipótese _____
3ª Hipótese _____

TERRENOS

Zona privilegiada a poucos km do Portinho da Arrábida D. 145 c. Tel. 2211701.

Consulte as secções de informações

Caminhos de Ferro Portugueses

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP

Concurso Toma Lá Dá Cá (20.45)

2 RTP

«Dido e Eneias» (20.15)

...e sugere para hoje...

2 RTP

Na venda de Zaqueu, Neco lança a candidatura de Justino, dizendo que ele irá defender as suas ideias. Os caboclos aplaudem. Mariquinha fica admirada quando Neco lhe conta que está a ajudar o pai, porque ele prometeu ajudá-lo a fugir com Belinha. Boanerges fica desesperado ao saber que Justino lançou a sua candidatura e que houve uma festa na venda de Zaqueu. Na venda de Zaqueu, Neco discute com Boanerges, dizendo-lhe que o povo vai votar no seu pai. Belinha chega a casa com Zuca, e Emerenciana fica muito feliz, abraçando-a.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

rôteiro cultural

Teatro

Cenas do «Auto da Barca da Glória» e do «Clérigo da Beira», de Gil Vicente, integram a encenação de Mário Barradas da peça de Sá de Miranda «Os Estrangeiros», a estrear pelo Centro Cultural de Évora. As duas cenas citadas foram realizadas cinematograficamente por Manuel Costa e Silva. A estreia desta produção cinematograficamente por Manuel Costa e Silva. A estreia desta produção — a 39.ª do Centro Cultural de Évora — que está prevista para Évora a 9 de Janeiro próximo e para Lisboa a 14 do mesmo mês, insere-se nas actividades paralelas da XVII Exposição Europeia de Arte, e será apresentada no teatro do Nosso Tempo, à Praça José Fontana, todos os dias às 21.45, com excepção das segundas-feiras, aos sábados às 16.45, e aos domingos apenas às 16 horas.

«Oíçam como eu respiro», um grande êxito de Irene Cruz, com texto de Dario Fo e Franca Rame encenado por João Lourenço, e a participação dos actores Melim Teixeira e Carmen Marques, continua a ser apresentado no Teatro Aberto aos sábados (às 21.30) e aos domingos (às 16 horas), enquanto se aprontam os últimos ensaios de «O Suicídio».

«Meu amor pequenino», espectáculo baseado em contos de António Botto, está a ser apresentado pela Casa da Comédia no espaço experimental do Teatro Nacional D. Maria II, todos os dias, às 16.30, até 2 de Janeiro.

A peça é encenada por António Cruz e interpretada por Shila, Miguel Martins e Juvenal Garcês.

Passagem de ano

O Teatro Ibérico (R. de Xabregas, 54) vai celebrar a passagem do ano com uma Festa Teatral em que haverá teatro (naturalmente), canções, poesia, concursos e baile até de madrugada, tudo por 100 escudos (?!). Mandaram-nos dizer que se o leitor tem uma rábula — vá lá! Aceitam tudo: recitações, cantorias, danças, etc.

Organizado pela Cantarabril, Lisboa vai ter, nesta Passagem de Ano, um «reveillon» completamente diferente dos habituais. Trata-se do «Reveillon» da Amizade e divide-se em duas partes distintas: na primeira, que começará às 22 e 30, no pavilhão da FIL (entrada pela Rua da Junqueira, em frente do Hospital Egas Moniz) actuarão Helena Isabel, Samuel, José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos, Teresa Paula Brito (c./Filipe G. Santos) e lo Apoloni; depois, virá o baile, com o conjunto «Metafase».

Exposições

A exposição «Pequeno Formato» está patente ao público na Sociedade Nacional de Belas Artes, em cujo salão se realizarão no próximo domingo dois sorteios de obras expostas: o da obra escolhida pelo Conse-

lho Técnico e da mais votada pelo público (às 21.30 horas). A habilitação aos sorteios é feita através da aquisição do respectivo catálogo numerado para o efeito. Por 200\$00 (duzentos escudos!) pode enriquecer ou iniciar a sua colecção.

As obras apresentadas pela representação portuguesa à V Trienal da Índia, que decorreu em Nova Delhi de Março a Abril de 1982, estão patentes ao público na Sociedade Nacional de Belas Artes. Participaram naquele certame artistas representativos das tendências emergentes do panorama do desenho que actualmente se pratica no nosso país: Helena de Almeida, Gaetan, Lurdes Robalo, José Rodrigues, António Sena e Jaime Silva.

«Arte vienense do fim do século», reunindo um conjunto de aguarelas e desenhos impressos em fac-símile de Gustav Klimt e Egon Schiele, é uma exposição, organizada pela Embaixada da Áustria, que pode ser visitada até ao dia 2 de Janeiro, na Galeria do Mercado de Escravos, em Lagos.

Música

Dirigido pelo pianista Sequeira Costa, decorrerá no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, de 3 a 8 de Janeiro, um curso de técnica e interpretação pianística. Cada executante deverá apresentar uma sonata de Beethoven, um ou dois estudos de Chopin e outra peça à sua escolha.



Desenho de José Rodrigues apresentado na V Trienal da Índia (em exposição na SNBA)

RESTAURANTE BAR «GALERIA REAL»

Informação aos nossos Exmos. Clientes

RÉVEILLON-82

CEIA DE FIM DE ANO
MÚSICA DE DANÇA — ALEGRIA

DIA DE ANO NOVO

EMENTAS ESPECIAIS AOS
ALMOÇOS E JANTARES



S. PEDRO DE SINTRA

NOTA: — Para que os nossos Exmos. Clientes não fiquem privados dos nossos serviços, agradecemos que façam as suas reservas com a devida antecedência.

Telefone 923 16 61



**CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS**
Banco Fundado em 1864

**BANCO
CENTENÁRIO
UM BANCO
MODERNO**

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)		66\$00	72\$00
ALÉM-ANFIA (FF) (marco)		37\$05	38\$15
ÁUSTRIA (schilling)		5\$15	5\$35
BÉLGICA (francos)		1\$710	1\$910
BRASIL (cruzado)		\$160	\$410
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)		70\$60	72\$60
FRANÇA (francos)		71\$10	73\$10
DINAMARCA (coroa)		10\$50	10\$90
ESPAÑA (peseta)		\$666	\$796
EUROPA (dólar - notas de 1 e 2)		87\$60	89\$60
FINLÂNDIA (marca)		88\$10	90\$10
FRANÇA (francos)		16\$60	17\$20
GRÉCIA (dracma)		13\$05	13\$75
HOLANDA (florim)		33\$40	34\$40
INGLÂTERRA (libra)		142\$65	148\$65
IRLÂNDIA (libra)		123\$55	127\$55
ITALIA (lira)		\$058	\$068
JAPÃO (yene)		\$343	\$378
NORUEGA (coroa)		12\$50	13\$00
SWISS (francos)		12\$05	12\$65
SUÍÇA (francos)		44\$05	45\$15
VENEZUELA (bolívar)		16\$45	17\$45

Observações

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena 1 no Casino Estoril. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: «Pulcinella», de Stravinsky; 18.05: Sinfonia op. 58. «Manfred», de Tchaikovsky; 19.00: Ciclo Marquês de Pombal; 19.45: Solos de alaúde; 20.10: Música para piano e orquestra; 21.00: Mesa redonda; 22.30: Interpretes portugueses; 23.00: Retrospectiva/82 - literatura; 00.00: Sinfonia n.º 10, em mi menor, op. 93, de Shostakovich; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas - diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora. Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 483 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13614

HORIZONTAIS:

1. Mirar. Preposição.
2. O mesmo que ion. Fragmentos que andam suspensos no ar.
3. Ámio. Frechas farpadas dos índios da América do Sul.
4. Ponderaram.
5. Cantão da Suíça. Ilha da Polinésia. Médico dinamarguês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
6. Vossa Alteza. Cavalo vapor. Sólo que os monarcas e o papa ocupam em ocasiões solenes.
7. Esmoncamos.
8. Cantiga. Costume.
9. Flutuasses. Európio (s.q.).
10. Segundo. Samário (s.q.). Espera deferimento.
11. Ensejo. Forma reduzida de «senhor» de uso popular.

VERTICAIS:

1. Artigo definido. Nome de fruto. Recusa.
2. Aperfeiçoar.
3. Uma das Grandes Antilhas. Saudável.
4. Preposição e artigo. Brancos.
5. Inventais.
6. Freguesia do concelho de Castelo Branco. Cidade de Itália.
7. Prudente. Almirante veneziano que se distinguiu na luta contra os piratas barbarescos.
8. Mamífero desdentado. espécie de tatu. Reis.
9. Avermelhado. Pertences.
10. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Secura.
11. Militeria (abrev.) Permaneceu.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9474

HORIZONTAIS:

1. Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Tens.
2. Narcótico. Ligas.
3. Manuel (abrev.) Nome de homem. Chefe etíope.
4. Loucos. Sucesso.
5. Recreário.
6. Bário (s.q.). Pronome pessoal. Distar. Preposição latina que designa movimento.
7. Antes do meio dia. Pertences. Içara.
8. Borlo (s.q.). Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Preposição latina que designa movimento.
9. Prefixo de privação. Apelido. Molho.
10. Item. Coa. Ósmio (s.q.).
11. Ecoas. Reis. Césio (s.q.).

VERTICAIS:

1. Medida itinerária da Pérsia. Mo-lhaís com baba.
2. Separação.
3. Escavar.
4. Preposição e artigo. Receas-ses.
5. Arremessas.
6. Empregue. Crómo (s.q.).
7. Naquele lugar. Estero. Preposi-ção e artigo. (pl).
8. Rainha de Portugal.
9. Veu com que as mulheres mo-ricas cobrem a cabeça.
10. Pegas. Charruas.
11. Militares sem graduação.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13613

HORIZONTAIS:

1. A. ROLA. E. AO.
2. Krus. Anão.
3. Sassa. Ar.
4. Untou. Oil. Te.
5. Al. Ea. IE.
6. Cs. Mea. Mr.
7. Alo. Man. Apd.
8. Ras. Arga. Os.
9. Di. Olga. Cr.
10. Apa. Ganiram.
11. Lascaram.

VERTICAIS:

1. Aksu. PARDAL.
2. Rana. Taipa.
3. Rústicos. As.
4. Osso.
5. Ave. Miga.
6. Aa. Amargar.
7. NAO. ENGANA.
8. Earina. Im.
9. O. Cr.
10. TEMPORAL.
11. Obreiros. Mu.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9473

HORIZONTAIS:

1. Lanhas. AS.
2. Atá. Acorda.
3. No. Remeter.
4. Ha. Or.
5. Ana. La.
6. Sam. Barraca.
7. Mor. Sa. Mas.
8. Rua. Mias.
9. Estanco. Rás.
10. Liara. Aca.
11. Coas.

VERTICAIS:

1. Lanhas. Heli.
2. Atoam. Si.
3. Ni. Imortal.
4. Harda. Ruara.
5. Ana.
6. Lamelas.
7. ACE. Aramos.
8. Sota.
9. Ré. Camarão.
10. Adro. Casaca.
11. Ruas. Sás.

PROVERBIO: A rola e ao pardal, não engana o temporal.

cartaz de cinemas e teatros



A saudade de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Para Todos
Desenhos animados
O SEGREDO DE NIMH
Falado em português

SALA B
As 14.15, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ASTERIX E CLEOPATRA
5.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A
As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UMA AGENTE MUITO ESPECIAL
3.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Para Todos
ANNE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
As 21.30 - Int. men. 13 a.
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS
As 24
VIOLENTOS PROFISSIONAIS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Estreia às 12.30, 14.30, 16.45 e 19
- Int. men. 18 a.
AS 1001 NOITES ERÓTICAS
As 24
A REVOLTA DUM CIDADÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
8.ª Semana
As 24
O TRITURADOR

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VOLTA DO INVENCÍVEL

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
É o máximo para as Festas de 82!
O AS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colômbio

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O BOMBARDEIRO
2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Uma história de intenso interesse
A DIVA E OS GANGSTERS
c/ Frederic Andrei, Roland Bertin e Richard Bohringer

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
AMOR IMPOSSÍVEL

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a
ANNIE
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
É o máximo para as Festas de 82!
O AS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
2.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
O VARREDOR
c/ Mário Moreno (Cantinfrias)

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 14.15, 16.30, 19.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AC/DC, ALTA TENSÃO
As 24
RESGATE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TRON
c/ Jeff Bridges e Bruce Boxleitner
Reveillon 82/83
Bilhetes à venda
13 a.

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
2.ª Semana

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15 e 18.15 - N. ac. men. 13 a.
Sempre prontos para um arraial de pancadaria
Os 3 INDOMÁVEIS MALUCOS EM FÉRIAS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO
c/ Bud Spencer
Colômbio

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 14.30, 16.45, 19, 21.15
- Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 1. 21.15
- Int. men. 13 a.
DIVA

SALA 3

As 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
A SAUDADE DE VERONIKA VOSS
- N. ac. men. 18 a.

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
As 15, 17, 19 e 21.30
- Para Todos
O MESTRE ESCOLA
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
SUPERTOTO

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
c/ Peter Sellers e David Niven
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.15
- Para Todos
O SEGREDO DE NIMH
2.ª Semana

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.
As 14, 16.15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÓMENO
9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
- N. ac. men. 13 a.
As 14, 16.30, 19 e 21.30
ROMANCE EM NOVA IORQUE
2.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
Domingo às 11.15 - Para Todos
ASTERIX, O GAULES

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C
As 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
17.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
PAPUÇA E DENTUÇA
Técnico
Falado em português
4.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VARREDOR
c/ Mário Moreno (Cantinfrias)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PIRA DE VENCER
11.ª Semana

outros cinemas

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE - «O As dos ASES», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «O Calor das Caloiaras», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «Uma Mulher para Todos», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO - «A Funa da Razão», às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «As Supermulheres», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Metéoro», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Dr. Jekyll Gosta Delas Quentes», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «Grease II», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Pátio - «A Fórmula», às 21.15 (13 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «A Roubar é que a gente se Entende», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impels - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Annie», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Grease II», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Incrível - «Outland, atmosfera zero», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «Morrer em Madrid», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Os Reis do Asfalto», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL - Júpiter - «Annie», às 21.15 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Sicine - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Fama», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Nunca digas adeus», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Annie», às 21.30 (13 anos)

Porto

TERÇO - «Os Boins Verdes», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Desordem na Terra dos Gringos», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN - «Dói-me Aqui, Sr. Doutor», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «007, Operação Relâmpago», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
OLÍMPIA - «Os Executores», às 21.30 (13 anos)
AGUIA - «O Bombardero», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «A Bela Siciliana», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
COLISEU - «Festival de Circo», às 21.30 (6 anos)
FOCO - «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Sexo Fraco... Joga Forte», às 21.30 (18 anos)
BATALHA - «O Varredor», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE - «Annie», às 21.30 (13 anos)
Bebé - «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO - «O Inspector Martelada no Nilo», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «O Pequeno Banhistas», às 21.30 (6 anos)
CHARLOT - «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Trom», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**: Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 570730); **ANJOS** - L. BOA GINÁSIO CLUBE: São José, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO**: Vértice, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BENFICA** - CHAQUINHO: Macedo, E. Pogo do Chão, 69-C (T. 703697); **CAMPO D'OURIQUE**: Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ESTRELA** - POSSIDÔNIO SILVA: Tagela, R. Possidônio Silva, 162-A (T. 669485); **MADRE DE DEUS** - POCO DO BISPO: Grilo, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **RESTELO** - ALGÉS: Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, 18-D (T. 610258); **SALDANHA**: Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **ALGÉS**: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **ODIVELAS**: Nabais Vicente, R. A, lote 19-A, Urbana

teatros

Lisboa

MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
D. MARIA II - «Pedro o Cru», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «Olga Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
VILLARET - «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», às 22.00 (18 anos)
BARRACA - «Tudo Bem», às 21.30 (13 anos)
FEIRA POPULAR - Circo Americano, às 21.30 (6 anos)
CAMPO GRANDE - Circo Shen, às 21.30 (6 anos)
ABC - «E Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

nização Codivel; **PONTINHA**: Cruz Correia, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALCANTARA: Proibido, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ARCO DO CEGO** - CHILE: São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **AREIRO** - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **ESTRELA**: Aurélio Rego, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRACA**: Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO**: Miranda, L. Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMAR**: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAS VELHO**: Oliveira, R. Alves Gouveia, 19 (T. 211237); **PALHAVA**: Curia, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **SÃO JOSÉ** - TIVOLI: Fernandes, R. São José, 187 (T. 326476); **BRANDÃO**: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOIR VELHO**: Matos, T. Pnora (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRÉS: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas: **ALCANTARICA**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas: **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas: **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, Até às 22 horas: **PAÇO DE ARCOS**: Pargata, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente: **OEIRAS**: Oelras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas: **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737); **CARCAVELOS**: Vilas, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente: **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas: **PARADE**: Alstr, Av. Gago Coutinho, Bairro Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente: **MURTAL**: Primavera, R. das

Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas: **SABOIEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas: **MADOURA**: Madeira, Até às 22 horas: **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anj, (T. 2682313). Até às 22 horas: **MONTE ESTORIL**: Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 250391). Até às 22 horas: **CASCAIS**: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardino F. Costa, lote 1. Até às 22 horas: **COVA DA PIEDADE**: Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121). Permanente: **BARREIRO**: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente: **LARANJEIRO**: Feljó, R. Borges Rego, 7. Até às 22 horas: **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas: **SETÚBAL**: Normal do Sul, P. do Bocado, 137. Permanente: **Moreira Martins**, P. Olga Sarmiento, 14. Até às 22 horas.

BESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA**: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **SEIXAL**: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560). Até às 22 horas: **MONTIJO**: São Pedro, Av. Camões, 16 (T. 2311333); **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente: **Helénica**, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613). Até às 22 horas: **DAMAIA**: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Permanente: **QUELUZ**: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas: **CACÉM**: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente: **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente: **MERCES**:

Linha de Sintra

Ciara Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas: **RO DE MOURA**: Romouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 9260194). Das 9 às 23 horas: **SINTRA**: Marras, Estelânia (T. 9230058). Permanente: **COLARES**: Abreja (T. 9290086).

LOURES: Seneira, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente: **MOSCAVIDE**: Barba, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente: **SACAVEM**: Lourenço, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas.

Porto

PEREIRO, R. da Preciosa, 35; **ORDEN DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 125; **MIRA PAULO**, R. Castelo de Numão, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 364; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARRIOS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. São Roque de Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

Coimbra

DAS 9 HORAS AS 9 DO DIA SEGUINTE
FERRAZ, R. do Brasil, 70 (T. 71526); **MACHADO**, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767).

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
REINASCENÇA GRÁFICA, S.A.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA ELIZ. DOMINGOS, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 385740

Agência de Publicidade e Comunicação:
RUA ELIZ. DOMINGOS, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porto: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320220
Endereço: Integração DISCOA
Telefones: 12065 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 50-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20254/5

O TEMPO
MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
2.39 4,3 m 8.25 0,8 m
15.06 4,2 m 20.42 0,8 m
Dia 31
3.27 4,4 m 9.13 0,7 m
15.55 4,2 m 21.28 0,8 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO 1°
BRAGANÇA 2°
VILA REAL 1°
PORTO 4°
PENHAS DOURADAS 2°
COIMBRA 6°
C. CARVOEIRO 7°
PORTALEGRE 9°
LISBOA 5°
ÉVORA 5°
BEJA 3°
SAGRES 9°
FARO 7°
P. DELGADA 13°
FUNCHAL 14°



últimas

Carteiro armado ocupou avião da TAP

Um carteiro dos CTT do Porto, Augusto Couto, de 32 anos, que às 22 e 15 de ontem tomara um avião da TAP no Aeroporto das Pedras Rubras, com destino a Lisboa, entregou ainda durante o voo três cartas ao comissário de bordo Duque, ameaçando já na Portela fazer explodir o aparelho caso o obrigassem a sair. As cartas, cujo teor permanecem um pouco injustificadamente em «segredo de Justiça», eram dirigidas ao Primeiro-Ministro, ao comandante da aeronave, Hélder Ferreira, e à Imprensa, e as ameaças foram materializadas com a apresentação de uma pistola de calibre 6.35, perfeitamente municiada e com uma bala na câmara, e ainda com 150 bombas de carnaval, acondicionadas num embrulho de papel.

Augusto Couto, que não tinha a pistola legalizada e que nem sequer possui licença de porte de arma, só foi desalojado do avião cerca da meia-noite, mediante a acção de uma força especial da Polícia de Intervenção.

O estranho «pirata do ar», que passou a noite nos calabouços do governo civil, ainda não tinha sido ouvido à hora do fecho do nosso jornal nos Juizes de Instrução Criminal.

A PRIMEIRA LISTA DOS PROFESSORES do ensino primário com direito ao pagamento das fases é publicada no suplemento da do Diário da República de hoje, II Série. A extensa lista, proveniente da Secretaria de Estado da Educação e Administração Escolar, preenche todo o suplemento.

NA PROVÍNCIA DE DHAMAR, no Iémen do Norte, registaram-se hoje quatro terremotos, duas semanas após um abalo sísmico ocorrido na mesma região ter provocado três mil mortos. A agência egípcia INA noticiou que os terremotos atingiram na escala de Richter entre 4 e 5 graus. A população abandonou as suas casas aterrorizada e muitas habitações que ficaram danificadas após o último abalo telúrico desmoronaram-se, embora ainda não haja sinais de morte.

A EXPLOÇÃO DE UMA FÁBRICA clandestina de pólvora, nos arredores de Bogotá, provocou a morte de três crianças. Os bombeiros que conseguiram retirar com vida quatro crianças feridas, julgam que o sinistro foi provocado acidentalmente por um dos menores, que se encontravam sozinho numa casa onde funcionava uma fábrica clandestina de explosivos. Vários prédios vizinhos, fortemente abalados pela explosão, foram evacuados e deverão ser derrubados.

Segundo porta-voz do STAPE

Novos autarcas poderão ir tomando posse

Os autarcas eleitos a 12 de Dezembro poderão tomar posse à medida que as assembleias de apuramento final, funcionando a nível concelhio, forem terminando os seus trabalhos e afixado o respectivo edital nos termos legais.

A informação foi-nos prestada por um porta-voz do STAPE que lembrou as dificuldades técnicas e a demora consequente que originaria a espera da publicação dos resultados definitivos no «Diário da República».

As tomadas de posse, que seriam remetidas para Fevereiro se houvesse uma diferente interpretação da lei, deverão assim ser processadas à medida que forem conhecidos e divulgados os resultados lavrados em acta pelas assembleias de apuramento final.

Os resultados das diferentes mesas de voto são enviados, nos termos legais, a cada uma das assembleias de apuramento final, em número de 305, ou seja, uma por cada concelho. Mas não há prazo legal para que estas assembleias terminem os seus trabalhos.

A prática em anteriores eleições autárquicas tem sido a que agora está a ser adoptada. Além do mais, ao que sabemos, a Comissão Nacional de Eleições não tem publicado os resultados definitivos das eleições autárquicas.

O STAPE tem divulgado em livro os resultados provisórios apurados.

Uma curiosidade é que o diploma da AD que alterava a legislação eleitoral e que foi vetado pelo Presidente da República eliminava a publicação dos resultados por parte da Comissão Nacional das Eleições.

As tomadas de posse dos novos autarcas são promovidas pelo presidente cessante da assembleia municipal, para o caso desse órgão e da câmara, no prazo de dez dias sobre os resultados obtidos pela assembleia de apuramento final. Quanto às assembleias de freguesia, será o novo presidente da assembleia municipal que tem a responsabilidade, com o prazo de 30 dias.

Leiria já tem novos autarcas

O novo executivo camarário de Leiria, presidido por Lemos Prouença, do CDS, tomou ontem posse.

Na cerimónia, que decorreu no salão nobre do edifício da edilidade, foram igualmente empossados os membros da Assembleia Municipal, a que preside Damasceno Campos, do CDS, e os elementos das diferentes assembleias de freguesia.

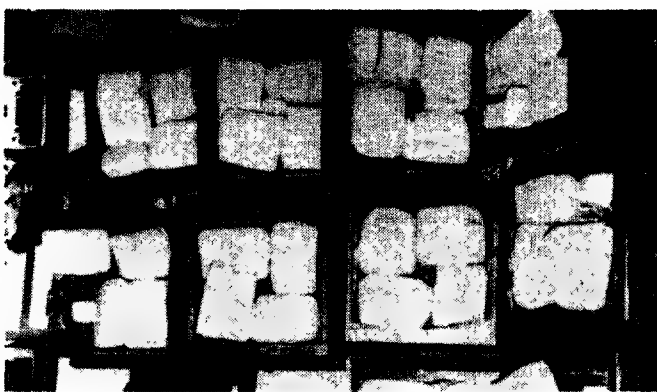
Heroína apreendida valeria dez mil contos

Quatro paquistaneses presos pela PJ

Uma rede internacional de traficantes de estupefacientes foi presa em Portugal na posse de 10 mil contos de heroína que se destinava a Espanha. Os quatro indivíduos agora detidos são de origem paquistanesa, com idades compreendidas entre os 23 e os 30 anos, referenciados pelos apelidos: Butt, Ahmed, Oen e Munktar. Já vinham há tempos sendo alvo de vigilância por parte da Judiciária.

A PJ, que obtivera elementos informativos das suas congéneres estrangeiras com as quais permuta informações, resolveu efectuar a captura quando os mesmos seguiam no comboio já próximo de Vilar Formoso. A droga era transportada no forro dissimulado de uma pequena mala e levavam consigo cerca de mil contos em dinheiro de diferentes nacionalidades.

Colaboraram na operação, elementos da Guarda Fiscal e pessoal dos Caminhos de Ferro. Durante esta semana aquela



Liamba prensada em placas apreendida pela Judiciária no Aeroporto de Lisboa

Polícia efectuou no Aeroporto de Lisboa, de colaboração com as autoridades alfandegárias mais duas apreensões de droga: num dos casos, seria preso um marroquino de apelido Bekkai, de 35 anos de idade, que transportava consigo haxixe avaliado em 2 mil contos e no segundo acondicio-

nada em tabuleiros de xadrez seriam apreendidos 80 quilos de liamba prensada.

A heroína, encontrava-se em estado de grande pureza, pelo que renderia muito mais quanto vendida no mercado retalhista depois de misturada com outras substâncias.

Ao telefone com Medeiros Ferreira

“Não há condições nem interesse para a formação



de outro Governo AD”

Medeiros Ferreira tem mantido uma posição de certo afastamento da vida política activa, só interrompida para aderir ao projecto de reeleição do general Ramalho Eanes. Uma vez concretizado esse objectivo e quando todos previam que o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros voltasse à ribalta política, Medeiros Ferreira remeteu-se de novo a um silêncio raro e inesperado. As últimas declarações políticas de maior impacto produziu-as há alguns meses para o «DL». Esta manhã, com a crise política a atingir o seu ponto máximo de ebulição e a generalidade da classe política debatendo os lugares comuns a que nos habituou, num jogo de palavras já sem conteúdo, Medeiros Ferreira acedeu a responder a algumas questões concretas, à luz do facto novo que representa a demissão do prof. Freitas do Amaral.

Que leitura faz da situação que se está a criar?

«Está-se a avolumar uma grande crise política.»

Mas, em sua opinião, quando é que começou de facto essa crise?

«Ela vem desde o momento em que a AD se tornou verdadeiramente um projecto de direita, portanto sem condições de governar o Portugal do 25 de Abril.»

Acha que a demissão do prof. Freitas do Amaral introduz novos ingredientes na crise?

«Introduz um ingrediente que vai apimentar muito o cozinhado.»

Que pretenderá afinal o líder do CDS?

«Acho que o prof. Freitas do Amaral se prepara para ser o verdadeiro líder da AD, mas a AD não tem condições para governar.»

Sendo assim, de que forma e porque mecanismos, poderia ele tornar-se o verdadeiro líder dessa coligação?

«Creio que, quando houver eleições gerais, é o prof. Freitas do Amaral quem se apresentará como verdadeiro líder.»

Pensa que a AD, em novas eleições surgirá como tal e terá condições para ganhar?

«Muito provavelmente perderá, mas só depois do acto eleitoral se poderá confirmar.»

Face às convulsões internas que está a viver, quer globalmente quer ao nível de cada um dos partidos que a constituem considerado individualmente, acha que esta coligação tem condições para voltar a apresentar-se como AD?

«Acho que a AD é uma fase ou metamorfose da reconstituição da direita em Portugal. Se essa reconstituição se irá operar ainda sob a sigla da AD pelo crescimento acentuado do CDS é uma estratégia que não me compete a mim definir. Deixo isso aos estrategas da direita.»

Perante todo este cenário pensa que o Presidente da República deveria dissolver a Assembleia da República?

«Aí está uma pergunta a que eu faço questão de dizer que não respondo.»

Haverá condições para formar um novo Governo AD?

«Acho que não há condições nem interesse na formação de outro Governo AD, mas esperemos as soluções que as segundas linhas irão apresentar. Estou convencido que agora vai haver um jogo de máscaras. Tanto CDS como o PSD estão dispostos a arriscar novas eleições, mas não querem aparecer perante o eleitorado da AD como responsáveis pela ruptura.»

Augusto Vilela

ONU: controlar o meio ambiente

A degradação do meio ambiente deve-se, em grande medida, à busca crescente e desesperada de alimentos por parte dos milhões de pobres do nosso planeta, lê-se num boletim da Universidade das Nações Unidas.

Por esquecerem este facto, fracassam as políticas ambientais que não têm em conta as necessidades alimentares e energéticas dos pobres, nem os seus interesses económicos e sociais em geral.

A esta conclusão, expressa no boletim da ONU correspondente a Dezembro, chegou o reitor desta instituição, Soedjatmoko.

O reitor da ONU afirma que a capacidade humana de controlar o meio ambiente depende direc-

tamente das decisões tomadas por milhões de agricultores pobres de todo o mundo, motivo por que é preciso inseri-las nos programas científicos e técnicos.

Nos últimos dez anos, as poucas melhoras no meio ambiente ocorreram a nível nacional, ao passo que o interesse e a cooperação internacionais neste domínio diminuíram, advertiu.

Esta situação deve-se, em parte, ao facto de os organismos internacionais representarem os interesses de Governos e não do público e grupos de cientistas preocupados com a contínua degradação do meio ambiente.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 35 646 - 84 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 58 346 - 24 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 27 483 - 9 000 CONTOS

O 2.º prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

Claude Ollier:
de uma exploração
a outra

Dois romances separados por vinte e cinco anos

Mon double à Malacca (1982): Os contornos são esbatidos pelo estado de sonolência, das percepções são espiçadas pela enorme disponibilidade as férias e da sesta. Paul, de 50 anos, e Chloé, de cinco, estão numa grande casa da Malásia, sozinhos com Aicha, a cozinheira indiana. Chloé está imersa em bandas desenhadas inglesas. Dir-se-ia que está prestes a entrar no livro. Está muito calor, tudo está muito branco. «A impressão dominante é a de nunca se estar verdadeiramente no interior».

Mon double à Malacca é a descrição de uma viagem: um pai e sua filha nas cidades, nas florestas, nas praias de um país muito longínquo e muito enigmático. Por um lado, temos as tentativas do adulto, que procura decifrar, captar com palavras, as linhas, as cores, as formas, outras tantas futuras recordações. Por outro, temos uma criança de pés bem assentes em todas as paisagens. Para Chloé não há divórcio entre as palavras e as coisas, entre o Oriente e o Ocidente, entre o homem e o mundo. «Estamos em directo?», pergunta ela, convencida de que tudo aquilo que se vive em simultâneo é gravado.

Paula mostra-lhe o mapa, «a cidade que se atravessou, a costa azul, o golfo do Sião em minúsculas cor de malva». Pergunta-lhe: «E onde queres ir agora?». «Quero ir ali ao o». O nome, a letra, são perfeitamente adequados ao espaço. Quando Chloé chama Marilyn à boneca atribui-lhe a presença da amiga com quem se realacionara e que perdeu. É essa a principal magia das palavras.

A escrita paciente, obstinada na exactidão, de Claude Ollier contrasta com o «violento efeito de presença» de Chloé. O autor, duplo de Paul, vai constituindo os tempos da viagem por pedaços, ajustando palavras e adjetivos, enquadrando as frases, alinhando apontamentos num caderno. Vai «fabricando» os materiais para a reprodução da lagoa, da praia, dos contantes matagais, daquela montanha lá ao longe que é o Campuchea. Esforça-se por afastar a suspeita que pesa sobre a sua linguagem, por vencer a dúvida que se abate sobre palavras já velhas num mundo estacelado onde ele parece intruso.

A linguagem do Chloé, pelo contrário, é um jorro, algo de misterioso, algo como o estado de graça. É ela que, ao inventar um jogo com seixos na praia orlada de amendoeiras marinhas, dá a chave da atitude do escritor: «Há uma primeira fase do jogo à qual nunca mais se volta: é a escolha das pedras». E depois dispõe-as, redistribui-as em função de uma regra exacta e secreta, de um destino que a cada uma delas atribui, de um propósito para o qual tende sem verdadeiramente o saber. E ou se acerta ou se falha.

La mise en scène (1958): nesse primeiro romance, que

Continua na pág. 2



Claude Ollier
(Desenho de Berenice Cleeve)

Que viva Joyce!

Por E. M. de Melo e Castro

(Texto lido na Associação Portuguesa de Escritores, em 20/Dezembro/1982, quando da apresentação do livro colectivo «Joyciana» de Ana Hatherly, Alberto Pimenta, António Aragão e E. M. de Melo e Castro, «no 1.º e último centenário de James Joyce», edição «& Etc»)

NÃO vou fazer nenhuma erudita pan-lestra sobre James Joyce. Isso está nos livros, e vários há com ensaios sobre Joyce, para quem os quiser procurar e ler. Que essa é a função dos leitores: procurar e ler. Cumpram pois a vossa função, que nós cá vamos cumprindo a nossa: INSCREVER. E escrevemos, escrevamos, escrevimos...

Eis, pois, a génese da nossa **Joyciana**, neste centenário de James Joyce, «já inesperada» como dizia um jornalista num dos nossos omniscientes semanários. E está certo, para ele, que é gente que não sabe esperar. Mas, para nós. INSCRITOS, esperar é o nosso ofício. Umberto Eco disse: «Se a arte reflecte a realidade, é facto que a reflecte com muita antecipação. E não há antecipação, ou vaticínio, que não contribua de algum modo para provocar o que anuncia.» — esperemos, pois.

No caso presente foi a Ana Hatherly quem vaticinou esta **Joyciana** e fomos nós que soubemos esperá-la, pois que num tempo mínimo o livro estava organizado: ele estava feito, há muito, dentro de nós: nós os da Poesia Experimental da década de 60, para quem o trabalho sobre o signifiante foi sempre o trabalho da escrita.

Falar de Joyce ou escrever Joyce em Portugal é colocar um cubo de gelo no deserto do Sara: derrete, some, evapora. É que a ficção e a leitura em Portugal ainda estão na época pré-Joyciana.

O efeito da nossa **Joyciana** é, pelo menos, duplo, tal como deve ser: por um lado relaciona-se intertextualmente com o próprio Joyce; por outro reflecte uma realidade ainda não existente na cultura literária portuguesa: o universo da escrita Joyciana, ou seja, a realidade múltipla, fragmentada e livre, que assume abertamente todos os seus espectros e que, como povo e como cultura, apenas começamos dolorosamente a aprender, após décadas-séculos de unitarismos policiários.

É que, com Joyce, os significantes ganham significados e esses são novos-nossos. Fernando Pessoa, num texto provavelmente de 1930, hierarquizou a poesia lírica em quatro graus: «O primeiro grau da poesia lírica

é aquele em que o poeta, de temperamento intenso e emotivo, exprime espontaneamente ou reflectidamente esse temperamento e essas emoções. É o tipo mais vulgar do poeta lírico; é também de menos mérito, como tipo... O segundo grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, por mais intelectual ou imaginativo, pode ser mesmo que só por mais culto, já não tem a simplicidade de emoções, ou a limitação delas, que distingue o poeta do primeiro grau. Este será também tipicamente um poeta lírico, no sentido vulgar do termo, mas já não será um poeta monócórdio. Os seus poemas abrangerão assuntos diversos, unificando-os todavia o temperamento e o estilo. Sendo variado nos tipos de emoção, não o será na maneira de sentir... O terceiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, ainda mais intelectual, começa a despersonalizar-se, a sentir, não já porque sente, mas porque pensa que sente; a sentir estados de alma que realmente não tem, simplesmente porque os compreende. Estamos na antecâmara da poesia dramática, na sua essência íntima. O temperamento do poeta, seja qual for, está dissolvido pela inteligência. A sua obra será unificada só pelo estilo, último reduto da sua unidade espiritual, da sua coexistência consigo mesmo... O quarto grau da poesia lírica é aquele, muito mais raro em que o poeta, mais intelectual ainda mas igualmente imaginativo, entra em plena despersonalização. Não só sente, mas vive, os estados de alma que não tem directamente. Em grande número de casos, cairá na poesia dramática, propriamente dita, como fez Shakespeare, poeta substancialmente lírico erguido a dramático pelo espantoso grau de despersonalização que atingiu. Num ou noutro caso continuará sendo, embora dramaticamente, poeta lírico. É esse o caso de Browning...»

Para melhor entender o alcance do trabalho de Joyce será necessário criar um quinto grau: O dos poetas que, impessoalmente, inventam a escrita porque, para eles, já não se põe o problema do eu ou do não-eu, ou sequer a questão das máscaras, ou do todo e do fragmento. É que, quando se assume a herança do colectivo,



só a escrita tem voz. Escrita transgressão e escrita — vaticínio. Escrita, não meio de comunicação de algo que lhe é anterior entre alguém e alguém, mas sim **construção da possibilidade de comunicar** e produção que vai de um alguém para outro alguém talvez ainda não existente: o real antecipado. «Usando **hic et nunc** todos os recursos que a linguagem lhe oferece, Joyce faz dela um objectivo múltiplo onde tudo ressoa e soa ao mesmo tempo, um objecto perfeitamente musical cuja plenitude e riqueza vibratórias são a amadilha mais subtil — ou mais ingénua — inventada contra o acaso e a aproximação da palavra humana. Subversão da literatura para obter da literatura sua maior carga. Ligando a palavra, a sequência e o livro à maior cadeia paradigmática possível, Joyce instala a totalidade na linguagem.» (Ludovic Janvier, in «James Joyce e Beckett»).

Recorro a esta gradação feita por Fernando Pessoa, por várias razões. Primeiro, porque ela não tem sido suficientemente tomada em consideração quer pelos nossos poetas quer pelos nossos críticos, lançando-se aqueles muitas vezes na órbita de Pessoa, considerando-o apenas impressionisticamente e de um modo hiper-subjectivo, como um pai para os seus voos líricos mais primários, esquecendo-se de que, para si próprio, Fernando Pessoa guardou o terceiro e o quarto graus: os graus do poeta dramático. A segunda razão é que esta gradação nos ajuda a entender o nosso próprio trabalho e o seu porte ou importância. É ainda tendo esta gradação em mente que Adolfo Casais Monteiro sugere uma aproximação entre Pessoa e Ezra Pound: ambos admiradores e discípulos de Browning, o poeta que construiu os seus textos em forma de monólogos dramáticos e de diálogos. Existem certamente di-

ferenças entre Browning (que através das vozes dos personagens transmitia a sua própria voz) e Pessoa (que fragmentou o seu eu em vários eus, com voz diferente da sua própria) e Ezra Pound (para quem as «personae» são máscaras fictícias sobre a face do poeta, cuja face é moldada por essas mesmas máscaras).

Aproximação (diz Casais Monteiro) «Por que entre Fernando Pessoa e Ezra Pound? Simplesmente porque... a ideia das máscaras, das «personae», não é senão, numa dimensão diversa, embora, a dos heterónimos do nosso Pessoa». E mais adiante no mesmo ensaio publicado no livro «Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa», Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1958: «A maior dívida de Pound para com Browning estava na perfeição a que este levava a expressão dramática como forma do lirismo inglês.» Ou ainda: «Mas Pound numa gradação quase imperceptível, acabou por transferir o centro de gravidade do poeta para as máscaras, ou melhor, dissociou o poeta do objecto do poema por trás das máscaras, assimilando-o às próprias máscaras. Deve reter-se daqui, não tanto o que tenha resultado disso para a poesia de Pound, mas a significação dessa transferência, pois é aí que me parece encontrar-se a real identidade com a substituição, em Pessoa, de um poeta por vários poetas, de uma personalidade por várias personalidades. É isto o fim do lirismo?»

São estas diferenças e estas semelhanças que colocam os três poetas. Browning, Pessoa e Pound no quarto grau, e máximo da escala de Pessoa. Daqui resulta que o Joyce do «Work in Progress» e mais tarde do «Finnegans Wake» não tenha podido ser entendido por Ezra Pound, pois é aí que Joyce realmente deixa de ter a voz dramática que de certo modo ainda tinha em «Dubliners» ou em «Ulisses», para passar a pertencer ao quinto grau (os poetas da escrita), grau que ele próprio contribuiu decisivamente para criar.

Quanto à pergunta de Casais Monteiro «é isto o fim do lirismo?» estamos hoje em condições de lhe responder. O quinto grau da poesia lírica, que Pessoa não previu, é justamente aquele a que pertencemos: poetas da escrita que somos e que epifanicamente assumimos, neste País de poetas predominantemente do primeiro e do segundo graus!

— Que viva Joyce!



Marcel Proust

O negócio de livros não vai grande coisa, ao que parece. Mais um motivo para que se não engane os viciados da leitura com promessas exageradas.

Sinceramente, este livro não merece mesmo nada o rótulo de inédito que lhe puseram. Isso seria verdade, no sentido habitual da palavra, se nele figurassem ao menos algumas páginas originais, nunca encontradas antes sob nenhuma outra forma, e que tivessem sido achadas por acaso. Ora, antes de mais, o que aqui temos é um instrumento de trabalho que reúne notas já conhecidas dos especialistas que frequentam a Biblioteca Nacional e que foram todas mais ou menos utilizadas nas versões já existentes das obras que elas prefiguravam.

Seria mais exacto falar de rascunhos; ou de antetextos. Coisa que, de resto, não deixa de ter interesse, incluindo para o especialista-amador em que se transforma todo o leitor de Proust. Não se pode ser assíduo da *Recherche* sem se ficar apaixonado pela maneira única como ela se construiu com o correr dos

anos. E esse processo de proliferação por acrescentos sucessivos que nos dão os densos cadernos reunidos sob o título *Matinée chez la Princesse de Guermantes*.

É impossível apresentar um documento destes sem recordar a inextricável história dos manuscritos de Proust.

Depois da recusa de Gallimard e de alguns outros, Grasset aceitou em 1912 publicar *A la recherche du temps perdu* por conta do autor. Como o texto, depois de composto, era muito volumoso, o editor pediu a Proust que o dividisse em partes.

Swan foi composto no fim de 1913, *Guermantes* em 1914. *Le temps retrouvé*, que deveria formar um terceiro tomo, ficou nas caixas.

Sobreveio a guerra. Todas as publicações foram interrompidas. Proust, que já tinha tendência para acumular planos, notas, acrescentos e «papeladas», viu-se deliciosamente obrigado, durante quatro anos, a nada ter por definitivo, a emendar, a andar à roda da sua obra em construção. Inventou, sucessivamente, *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*, *Albertine disparue* e *Sodome et Gomorrhe*.

«Matinée chez la Princesse de Guermantes» de Marcel Proust Rascunhos do «Tempo Reencontrado»

Bertrand Poirot-Delpech

Encheu dos dois lados as páginas dos cadernos numerados 57 e 58, dos quais sairia, depois da guerra, *Le temps retrouvé*.

Foi essa massa de rascunhos que Henri Bonnet, antigo professor de letras, antigo *maire* de Châteaudun e animador da *Société des amis de Proust*, decifrou, decalcou e classificou durante dez anos. Para o acabamento foi auxiliado por um jovem investigador do *Centre National de la Recherche Scientifique* e especialista de análise de manuscritos modernos, Bernard Brun.

Tal como se apresenta, *La matinée chez la Princesse de Guermantes* é de um manuseamento tão complexo como os próprios cadernos — dos quais só um *fac-simile*, a pp. 418, dá uma ideia aproximada.

Ao primeiro jacto da página do lado direito vêm logo juntar-se múltiplas bicaças à margem da página da esquerda ou em colagens. Imagina-se a que dédolos de remissas e de artifícios tipográficos têm de recorrer os decifradores de tais rascunhos. Seria necessário inventar uma representação no espaço! E é ainda um primeiro estado. Sabe-se, que, depois disso, Proust copiava tudo pelo seu próprio punho, dava a transcrever a um secretário ou dava a ditar, trabalhava novamente no texto dactilografado, aumentava o texto a cada nova leitura, emendava por sua conta muitas colecções de

provas de impressão. Há até seis estados sucessivos de uma mesma cena...

A edição da *Pléiade* do *Tempo retrouvé* não podia reproduzir todas essas variantes. O manuscrito emprestado pela sr. Mante-Proust apenas vem acompanhado, *in fine*, da lista dos erros e omissões. O documento fixado pelos srs. Bonnet e Brun faz-nos descer a uma espécie de camadas sedimentares de onde provém a criação proustiana. A escolha das galerias assim oferecidas à exploração compete a cada leitor conforme as passagens do texto final que destacou na sua memória.

Especial atenção devia ser prestada às passagens em que uma cena, uma intenção de conjunto, uma personagem nos aparece.

É pela primeira vez, nas pp. 287 e seguintes, que Proust esboça um corte entre o *Tempo perdido* e o *Tempo retrouvé* juntamente com um plano para este último. Noutra passagem vemos Bergotte e Vinteuil, até então mal diferenciados, conquistar a sua autonomia. Nas páginas 114 a 116 tomam corpo as ideias de Bloch sobre a função social da arte e o esboço da sua refutação, que ficará mais tarde na biblioteca dos *Guermantes*.

O aparecimento, o desaparecimento e por fim o reaparecimento de Charlus entre os cadernos 51, 57 e o texto definitivo são capazes de fazer mergulhar os conhecedores em vastas con-

jecturas. Também, na p. 292, a aproximação até aí não percebida da recordação do espinheiro e do quarteto Vinteuil: uma grande estreia digna de uma exegese.

De um modo mais geral, o mérito destes cadernos está em esboçar e reunir as teorias estéticas do autor. Sob os nossos olhos faz-se pouco a pouco evidente que os livros futuros «se organizarão segundo uma realidade interior»; produtos do silêncio e da solidão, não da sociedade e da conversação. A felicidade do leitor encontra, paralelamente, a sua receita... «capitalíssima», como diz Proust dos preceitos que a si próprio dirige.

As «pessoas dotadas» lucrariam em aprender de cor, para melhor nela meditar, a nota recolhida na p. 343. Proust recomenda-lhes que não saltem de obra-prima em obra-prima como é seu costume. Aquilo que de mais interessante há no nosso prazer não é o objecto em si próprio — explica ele — mas sim o órgão a que esse objecto dá o prazer, quer dizer, a rede de percepções e de lembranças de que somos tecidos. Como, em resumo, passar da sensação estética ao conhecimento de si próprio que transfigura cada instante da vida: há poucas passagens da *Recherche* em que a sua função de escola de felicidade e de vida seja tão luminosamente esboçada.

Podemos perguntar se esta recensão não vem anunciar as grandes manobras a que vai dar origem, em 1986 ou 1987, a queda de Proust no domínio público, isto é, a liberdade de dispor das suas obras para todos os editores que tenham prazer em reeditá-las.

Para já, julgamos saber que a Flammarion está a preparar uma edição completa na sua colecção «Petit Format». Por seu lado, a Gallimard estaria a considerar a refundição da edição da *Pléiade* em quatro tomos em vez de três, na qual viriam, por exemplo, como anexo aos textos definitivos, os rascunhos agora recolhidos.

Sem esperar por esse trabalho de reconstituição, feito por verdadeiros ourives, podemos dedicar-nos a ele como leitores amadores com a deleitosa impressão, que não é dada por nenhuma outra fruição cultural, de participar activamente na criação.

Ao «work in progress» de que fala Joyce corresponde uma espécie de leitura em progresso, uma viagem ao centro das obras em direcção ao núcleo dos signos em fusão onde a sensibilidade do autor e a nossa sensibilidade seriam, dir-se-ia, uma só.

* *MATINÉE CHEZ LA PRINCESSE DE GUERMANTES* de Marcel Proust, Gallimard, 494 p., 120 f.

PLURAL
Revista cultural de Excelsior
Reforma 12-505, Centro
Delegación Cuauhtémoc
06600, México 1 D. F.
MÉXICO
Número 130 — Julho de 1982

O presente número desta excelente revista mexicana de assuntos culturais contém uma homenagem a Nicolás Guillén, por ocasião do seu octogésimo aniversário (60 anos de produção literária).

Além das palavras do director Jaime Labastida e da publicação de um inédito do Poeta Nacional de Cuba, merece natural destaque o artigo de Mónica Mansour, «Transformaciones en la poesía de Nicolás Guillén». A autora descreve o longo itinerário poético de N. G. desde «Motivos de son» (1930), a sua primeira obra conseguida, até «Por el mar de las Antillas anda un barco de papel» (1977). Um percurso que revela naturalmente o câmbio das realidades políticas e sociais, que sempre motivaram em larga medida a sua obra, mas em que ressaltam, com nítida persistência e como linha condutora fundamental do seu *quehacer* poético, o iniludível compromisso com o destino do seu povo. Com uma forte musicalidade e um ritmo muito peculiar, a poesia de Guillén parte da africanidade cubana para um indelével compromisso nacional, e daí para os cumes do universalismo humanista. «Ahora Guillén pasa por las calles, cubano por los cuatro costados aunque haya conocido las cuatro esquinas del mundo, y la gente lo saluda como a un pariente, como a un tío cantante (...) con algo de niño grande, tan contento, tan uno con su pueblo (...)» (Roberto Fernández Retamar, citado pela autora). Aqui fica também um extracto da sua



Claude Ollier

De uma exploração a outra

Continuação da pag. 1

ganhou o prémio Médicis e foi o primeiro passo de uma série intitulada «Le jeu d'enfant». Claude Ollier tinha, justamente, elaborado um complexo jogo de casinhas, dezassete casinhas, cada uma delas para um dia. A sua estrutura era muito mais visível que em *Mon double à Malacca*. Hoje pode-se voltar a ler *La mise en scène*, ou lê-lo em edição de bolso, e fazer a comparação. Ali se encontra, mais insistente e inscrito na própria ficção, o tema do desdobramento, visto que as personagens são aos pares, reconhecíveis pelas iniciais: Lassale, o geógrafo, que descobre o assassinio, disfarçado de acidente, de Lessing, o geólogo. Yamina e Jamina, o capitão Weiss e o tenente Waton...

O espaço branco do mapa

O traçado do mapa, tão importante em *Mon double à Malacca*, é o assunto de *La mise en scène*: tudo sucede por causa de um espaço em branco do mapa e a dificuldade de realização de um levantamento de uma região mineira, na incerteza das veredas de silvas e pedregulhos do Alto Atlas, vem acompanhada do receio, pois o local obedece a leis diferentes das terras conhecidas. Do romance «colonial-policia», do próprio entretanto, nasce a dúvida, a dúvida sobre as palavras, e o guia de Lassale é um rapazinho mudo. É pela sua construção

que a ficção produz mistério; e este é aumentado por aquela atmosfera quente em que Claude Ollier é mestre. As personagens, a vinte e cinco anos de intervalo, têm uma semelhança impressionante, sempre com aquela suspeição a respeito de si próprias, com aquela necessidade de andar devagarinho, de registar ao retardador os passos e os movimentos, com aquela maneira de ver o branco sempre decomposto nas cores do espectro. As figuras de *La mise en scène*, Ba Iken, o militar que volta ao Douar, o homem do jogo duplo, Idder, ameaçador, «com os braços cruzados sobre a ignóbil gandoura, encostado ao muro de adobe», têm uma existência muito forte. Mas é o tempo suspenso das férias de Paul e Chloé, são os seus itinerários arbitrários entre as ilhas das Malásias, são os medos que eles inventam a propósito das figuras de hipotéticos bandidos, são o calor e a vontade de aprender a ler, é o encanto decantado desta simples narrativa que maior atenção recolhe, que mais provoca a vontade do leitor de andar para diante: é aquele encanto a que também se chama «suspense».

GENEVIEVE BRISAC

* *MON DOUBLE A MALACCA*, de Claude Ollier. Flammarion, 236 p., 65 f.

* *LA MISE EN SCÈNE*, de Claude Ollier. Garnier-Flammarion, 309 p., 25 f.

Desenho de Berenice CLEEVE.

Revistas culturais espano-americanas

«Elegía a Jesus Menendez» (1951), dedicado ao grande líder dos trabalhadores cubanos do açúcar assassinado em 1948: «Fue largo el viaje y áspero el camino. / Creció un árbol con sangre de mi herida. / Canta desde él un pájaro a la vida. / La mañana se anuncia con un trino.»

«Rodó y la crisis de la ciudad liberal» é o título de um artigo do escritor e ensaísta argentino David Viñas em que se analisam as contradições do pensamento liberal dos princípios do século sobre o fenómeno (ele mesmo contraditório) do desenvolvimento urbano na América Latina, reflectidas de modo exemplar na obra do uruguaio Rodó.

Dois inéditos do grande poeta da revolução nicaraguense e actual ministro da Cultura no governo sandinista precedem o artigo de Marina Martínez Andrade, «Ernesto Cardenal: denuncia profética». Amor-cristianismo-revolução-utopia, as vertentes significantes da poesia de Cardenal enunciam uma denúncia. Não todavia uma qualquer denúncia, senão uma clara indicação de sentido histórico que aponta as grandes vias da realização de um ideal de justiça e fraternidade para os povos explorados: «Distribuyo mis flores y mis cantos a mi pueblo... Que no cante yo en vano» (E. Cardenal, citado em epígrafe pela autora).

Alfonso Gumucio Dagrón, cineasta e escritor boliviano, relata-nos a sua experiência de animador de um grupo de cinema de Super 8 da Central Sandinista de Trabajadores. «Cine obrero sandinista» informa-nos de mais uma das espantosas realizações da revolução nicaraguense, desmentindo categoricamente que o cinema (como expressão de massas) seja monopólio indiscutível de um grupo restrito de iniciados culturalmente privilegiados.

«Três culturas revolucionárias», de David Kunzle, aborda as

relações de íntima unidade e mútua determinação entre revolução e cultura latino-americana, centrando depois a sua análise nas artes gráficas, murais e cartazes produzidos pelas revoluções cubana, chilena e nicaraguense, de que destaca a sua missão nos respectivos âmbitos nacionais e no seio do movimento internacional de solidariedade com os povos oprimidos pelo colonialismo e imperialismo.

Dois artigos neste número referem-se à formação, vicissitudes e desenvolvimento da luta armada contra a tirania somozista na Nicarágua: «La formación del Frente Sandinista» de Manlio Tirado e «Confesiones de un ángel» de Eliseo Alberto, este último recriação de um testemunho pessoal de grande riqueza expressiva. Merecem também referência os poemas dos nicaraguenses Julio Valle-Castillo — «Notificación a Edén Pastora» — e Ernesto Mejía Sánchez — «AAOA» (Alejandro Aróstegui).

Vale talvez a pena lembrar aqui que Plural promove anualmente o seu Prémio Literário, nas modalidades de poesia, prosa e ensaio, ao qual podem concorrer obras inéditas em espanhol ou português, quaisquer que sejam os seus países de origem.

CASA DE LAS AMERICAS
3ra. y G. El Vedado
La Habana CUBA
Año XXIII, n.º 133 Julho-
/Agosto de 1982

Casa de las Americas é uma instituição cultural de vocação internacionalista no espaço latino-americano. Criada com a revolução cubana e sediada em La Habana, desenvolve uma enorme actividade em prol da promoção e divulgação da cultura de «nuestra America» (de que uma imensa actividade editorial e a instituição do seu prestigiado Prémio literário são apenas exemplos).

O presente número da Casa abre com uma evocação da sociedade cultural **Nuestro Tiempo**, por ocasião do 30.º aniversário da sua fundação. Carlos Rafael Rodríguez recorda a constituição deste movimento de intelectuais e artistas opositores da corrupta ditadura de Batista, aventura em que ele próprio participou juntamente com Mirta Aguirre, Juan Marinello e outros militantes do então Partido Socialista Popular («Hasta que Fidel nos convocó para la definitiva integración revolucionaria, en 1960»), bem como muitos outros jovens insatisfeitos, das mais díspares sensibilidades estéticas e políticas, «decididos a no capitular, a no permanecer en silencio, a expresarse por las vias del arte, a quemarse los dedos y, si era necesario, desafiarse la tiranía hasta la muerte, inclusive». Uma experiência fecunda por onde passaram muitos dos melhores valores cubanos na literatura, na música, no cinema, no teatro, na pintura e, sobretudo, onde se ensaiou uma nova atitude intelectual, de cariz «Nacional, que no nacionalista. La cultura nacional lo es en la medida en que la esencia propia sea capaz de expresarse, en los modos más disímiles y universales.»

A propósito de uma homenagem ao escritor José Soler Puig (primeira grande revelação da literatura cubana após a Revolução, Prémio Casa em 1960), o ministro da Cultura Armando Hart Dávalos esboça uma aguda análise das relações Arte-Sociedade-Política das quais retira conclusões quanto aos métodos de actuação e linhas específicas de política cultural a seguir pelo Estado socialista cubano. Na impossibilidade de expor a sequência total do seu raciocínio, retenhamos, ainda assim, algumas conclusões mais gerais: «nuestros deberes políticos como dirigentes estatales no consisten en establecer normas para las formas y métodos artísticos. Entre otros, consisten en determinar las formas y métodos políticos para facilitar la comunicación entre la sociedad como conjunto y el movimiento artístico dentro de ella. El problema radica, pues, en precisar los medios prácticos para que la sociedad — y no el dirigente estatal en particular — pueda influir sobre el movimiento artístico a través de la conciencia social de los creadores.» (...) «La influencia del Ministerio sobre el movimiento artístico estará determinada por nuestra capacidad de trabajo alrededor de factores que se encuentran en el contorno de lo artístico.» Entre estes factores encontra-se o nível de educação popular e de participação das massas na produção cultural, campo onde Armando Hart situa a actuação prioritária do seu Ministério, apontando as suas linhas principais de intervenção.

O interessante artigo de Adam Anderle, «Conciencia nacional y continentalismo en la America Latina en la primera mitad del siglo XX», descreve-nos os complexos processos de formação das mentalidades nacionais latino-americanas, com enfoques diversificados segundo vários planos de antinómias: a alternativa entre os nacionalismos e a federação latino-americana; o hispanismo (ou europeísmo),

diversas concepções «mestiças» variamente matizadas e o indianismo (ou negrismo); finalmente, e estreitamente ligada a anterior, a dicotomia entre as concepções classistas (e suas projecções). O período histórico escolhido corresponde a uma fase decisiva na vida das nações latino-americanas, em que se constata o generalizado fracasso dos governos das oligarquias cioulares e, face ao atraso económico e à crescente ameaça do imperialismo, urgia a tomada de opções fundamentais, a começar pela definição da própria identidade — «Saber qué se es y el lugar que se ocupa, definirse, conocerse, ser consciente es poseer la clave de la acción y dominar al destino» (A. Zum Felde em 1920).

Cumpra também referir as pesquisas historiográficas de Alfonso Bauer Paiz, «Injerencia del imperialismo en Guatemala», e de Francisco Perez Estrada, «El mestizaje nicaraguense». No primeiro destes artigos o autor descreve a desenfreada pilhagem imperialista da Guatemala que se inicia logo com a independência desta, em 1821 (no seio da Federação Centro-Americana, dissolvida em 1838) acelerando decisivamente desde que essa inenarrável figura que foi Manuel Estrada Cabrera (imortalizado por Miguel Ángel Asturias no seu «El señor presidente» e por Alejo Carpentier em «El recurso del método», ambos editados em Portugal) abriu as portas do seu país à não menos notável United Fruit co., ainda no século passado.

Da numerosa e excelente colaboração literária deste número não podemos aqui senão destacar, do escritor uruguaio Mario Benedetti (que integra o Comité Permanente de Intelectuales por la Soberanía de los Pueblos de Nuestra America, a publicação dum extracto da sua última novela «Primavera con una esquina rota»). Incluem-se ainda contos de Arturo Alape, José Ramon Mercado, Jaime Echevarri, Mariano Aguirre, Manuel Cofiño, Pedro de Oraá e Rafael Hernández; assim como poemas de Aley Fleites, Margaret Randall (esta, uma jornalista e fotógrafa norte-americana actualmente a residir na Nicarágua) e de Manuel Díaz Martínez, «Para humillar esse súbito silencio de Efraín Huerta», uma belíssima homenagem ao poeta mexicano recentemente falecido.

Da rubrica **Al pie de la letra**, que inclui extenso noticiário cultural; não resisto a transcrever a parte final de um artigo de Gabriel Garcia Marquez, escrito no ano passado por altura em que foi ameaçado de morte por uma obscura organização terrorista. Após contundentes denúncias sobre as actividades e as ligações governamentais das organizações paramilitares fascistas do cone sul americano (cujo protótipo, a «Triple A» argentina, se infiltrou nas Honduras para daí combater a revolução nicaraguense, além de servir na África do Sul com extremo agrado das autoridades racistas), conclui o grande escritor colombiano: «Siempre soné (...) murir a

Continua na pag. 4



ADMOESTAÇÃO

Mário de Carvalho

SABEIS todos bem por que ninguém ri do velho que está acororado sobre as estruturas de ferro das grandes gruas e toca metalicamente monótona música nos rebites com um pequeno martelo de cosinha. E também sabeis que se secam as glândulas do sorriso quando perpassa pela cidade o gordo bando de açores, toando a parede de sombras aduncas.

Porque rides então ante as ruínas das aldeias que foram, e britais entre mãos os barros cinzentos ainda irradiadores de vibração?

Tende respeito pelos mortos e pelos sinais dos mortos.

Ó filósofos que exemplificais com peixes prateados e puidos trapos enrodilhados cobertos de nós, arrenego de vós, e do vosso plantio de figuras dentro dos limites do setestrelado. Compete-vos abstrair e vós somente trais, de compulsição com esses poetas de acaso, que fazem do sofrer sorriso alvar.

Impõe-se uma grande fogueira com todos os catres, todos os colchões de bunho, todas as mantas de retalhos, que já não há ai quem queira queimar livros. E que se varram e expurguem, meticulosamente, todos os limos dos cais para que se adregue ficar à espera.

Ó, os tempos da batalha de Ácio, que é feito daquela estátua, o homem triunfante, o burro vencedor, Pompeu o diria, tristemente.

Em qualquer gruta marítima, no Mar dos Sargaços, um pequeno molusco pontua-nos os momentos, ao sabor das minúsculas bolhas que lhe abujam entre as válvulas, pulsando. Talvez seja esse afinal, o Deus verdadeiro, emissor de todas as mensagens codificadas pela cristalização dos quartzos.

Sorvei em volta esta rarefacção e vereis que é como quem digo. Todas as cidades são só uma cidade. Todos os navios são de afundar. Por detrás do peluche desse terranova que meigamente acena quantos maxilares petrificados de monstros saurios arreganham o solo negro?

E sobretudo, não quereis nunca ser soldados, porque ser soldado é ser sobremaneja isso, e esquecei-vos dos relampejos sulfúreos da face da sibila, que não sabia em que pensamento se fixar, coitada.





Alexandre O'Neill

Mário Dionísio

ALEXANDRE O'NEILL
E MÁRIO DIONÍSIO

Prémio «exaequo» da AICL

O Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (AICL) concedeu o seu prémio anual aos escritores Mário Dionísio e Alexandre O'Neill. «Ex-aequo», portanto.

O júri votou por unanimidade — e considerou a qualidade literária dos livros «Terceira Idade», de Mário Dionísio, e «Poesias Completas» (1 951/81), de Alexandre O'Neill.

O prémio, de 100 mil escudos, corresponde ao período de 1 de Outubro de 1981 a 30 de Novembro de 1982.

FENDA EDIÇÕES Quatro livros de poesia

FENDA Edições, que em Coimbra teima em oferecer ao público leitor títulos diversificados, surgiu agora com quatro livros.

E são eles «Ana de Sá», sendo o nome do autor que dá o título ao livro; «Desejo ou asa leve», de Isabel de Sá; «Museu & outros poemas», de Jorge Luís Borges, numa tradução de Jorge de Sousa Braga; e «Alexandria», de Lawrence Durrell, traduzido por Luís Nogueira.

Como chamada de atenção, eis alguns excertos dos quatro livros mencionados:

«Era a tua vida no mês de Julho e era eu mais príncipe e vagaroso que agora. Até então, deixava-me ficar todo pelo dia com os olhos em ti e pensava que não havia de escrever a ninguém, senão a eles. Agora, porém, com os olhos cheios de água e de ti, os pés por entre as marés de todo o ano, quero dar alguma coisa de mim. Solto o tempo mais triste, e fico-me de tanto mar a ajudar as palavras, com elas sentado, e a lembrar o que nos sobejou.» («Ana de Sá»).

De «Desejo ou asa leve»: (...) «Sugo nos dias a brisa, o vento desolador. Estendo-me pelo interior de círculos e no início de tudo crescem

paisagens. Torna-se necessário inventar uma luminosidade, uma alegria que baste à grande solidão.»

De «Museu & outros poe-



Desenho de Graça Martins em «Ana de Sá»

mas», eis «O suicida» em transcrição:

«Não permanecerá na noite uma só estrela / Nem a noite permanecerá. / Morrei e comigo a soma / Do intolerável universo / Apagarei as pirâmides as medalhas / Os continentes os rostos. / Apagarei a acumulação do passado. / Farei em pó a história o pó em pó. / Estou olhando o último poente. / Ouço o último pássaro. / Deixo nada a ninguém.»

Finalmente, de «Alexandria»:

«Aos que agora felizes têm amantes ou amigos / Encaminhando-se para doces, ignorados fins. / Ou aqueles a quem a grande intriga desilude. / Desejo eu este agitar de folhas outonais...»

Diga-se ainda que as edições da Fenda são agora distribuídas pela editora lisboeta Forja.

Crise no sector livreiro angolano

UM importante corte de verbas destinadas à importação e impressão de livros no estrangeiro mergulha o sector livreiro angolano na maior crise de sempre — segundo opinião de observadores na capital angolana.

A restrição nas importações de livros do estrangeiro (Portugal e Brasil), que se começou a sentir a partir do ano passado, fazem com que as principais livrarias de Luanda não recebam novidades literárias há muitos meses.

O ritmo editorial do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD) e da União de Escritores Angolanos (UEA), que por falta de capacidade gráfica no país executavam os seus livros em Portugal, foi subitamente quebrado.

Segundo uma fonte oficial, a nova política editorial angolana vai tentar apoiar-se mais nas possibilidades do parque gráfico nacional, até agora quase ignorado pelo Ministério da Indústria.

«Necessitamos de racionalizar a nossa capacidade impressora em todo o país para podermos ultrapassar a crise» — afirmou à agência France-Presse um responsável do Instituto do Livro Angolano.

E sob esta tónica de uma política editorial autocentrada que vai ser inaugurado no

próximo trimestre um novo parque gráfico nos arredores de Luanda, denominado «Makutanga» (à letra: «Coisas de ler»).

A nova unidade, construída no âmbito da cooperação existente entre Angola e a Alemanha Democrática, vai tentar responder às necessidades no domínio escolar, cuja produção estava a cargo de uma editora lisboeta.

Ao mesmo tempo que as autoridades angolanas tentam organizar o parque gráfico local, estuda-se a possibilidade de efectuar acordos entre a banda portuguesa e angolana para a produção em Portugal de livros do género infanto-juvenil.

Para este efeito, conta-se com a participação da editora portuguesa «Verbo», que já teria dado um parecer positivo, sabe-se de fonte oficial.

Contando actualmente com uma só publicação quotidiana, o «Jornal de Angola», e uma revista mensal, a «Novembro», que dificilmente consegue sobreviver sob as restrições gráficas, o leitor angolano só pode comprar regularmente o jornal português «O diário», a «África-Asie» (em francês), os «Cadernos do Terceiro Mundo» e a revista cubana em língua portuguesa «Prisma».

A assinatura de jornais estrangeiros fora deste panorama é reservada a um número escasso de assinantes, ainda segundo a opinião de observadores na capital angolana.

Revistas Culturais hispano-americanas

Continuação da pág. 3

manos de un marido celoso. Pero al parecer este será otro de mis sueños frustrados. No hay en este mundo una gloria más fácil que la de asesinar: no tengo ningún arma de defensa distinta de la máquina de escribir, y a estas alturas no estoy dispuesto a cambiar de vida sólo para vivir unos años de sobra. Lo único triste sería ser víctima del gobierno más chapucero que ha tenido mi país en toda su historia, y por un atentado que no sería ni siquiera un crimen político sino un simple acto administrativo cometido por miembros de las Fuerzas Armadas de Colombia, cuyo comandante supremo y primer responsable es el señor presidente de la República».

ENCUENTRO
Revista de la Universidad Centroamericana
Manágua — NICARÁGUA
N.º 16 1980

Este número de **Encuentro** (o último que me chegou às mãos)

é ainda exclusivamente dedicado à grande campanha de alfabetização, primeira tarefa da vitoriosa revolução sandinista.

Resultaria infrutífero tentar no espaço desta nota proporcionar uma ideia, ainda que pálida, da imensa energia criadora e revolucionária, do rigor, da inteligência, da imaginação, do entusiasmo postos na **organização** deste processo cultural integrado, tal como ela nos é aqui exposta e relatada.

Entretanto, hoje, o analfabetismo na Nicarágua vive somente na memória do passado somozista e a **Cruzada Nacional de Alfabetización** é «apenas» mais uma gloriosa jornada histórica cumprida pelo povo de Augusto César Sandino.

Resumo: servida por uma magnífica planificação a cargo de uma equipa coordenada por Fernando Cardenal, beneficiando do apoio da UNESCO e das dotações da Junta governativa e da solidariedade internacional, utilizando basicamente o

método didáctico de Paulo Freire (que assistiu pessoalmente aos preparativos); a **Cruzada** mobilizou cerca de 180.000 alfabetizadores (na maioria jovens) e dezenas de instituições nacionais e organizações de base que, entre Março e Setembro de 1980, ensinaram a ler, a escrever e as operações aritméticas básicas aos cerca de 720.000 analfabetos nicaraguenses (50,2 % da população segundo o censo previamente efectuado).

Será talvez mais proveitoso situar esta campanha no contexto revolucionário em que se insere e, nessa perspectiva, dar conta de algumas preocupações básicas dos dirigentes sandinistas expressas em artigos deste número de **Encuentro**.

Não foi por mero acaso nem por mero «deber moral visto de uma maneira mínima» que a F.S.L.N. elegeu a alfabetização como primeira prioridade da revolução ou, talvez melhor, como segunda etapa da libertação nacional. Segundo o Comandante Bayardo Arce Castaño a educação popular é um pressuposto

essencial da reforma dos processos produtivos e da propulsão da economia nacional, como da democratização do acesso aos centros de decisão. Ou seja, uma sociedade que visa propiciar a plena realização do homem, a educação é, simultaneamente, meta a atingir e requisito básico da sua prossecução, num processo de mútua determinação entre o económico e o cultural, avançando por sucessivas etapas qualitativas. Processo esse que, e por outro lado, não poderá ser levado a cabo sem a necessária consciencialização social e mobilização ideológica das massas populares que só a educação conseguirá ou, em todo o caso, propiciará a maximização das suas potencialidades criadoras e revolucionárias — «(...) para nosotros alfabetizar será enseñar, concientizar, politizar, tecnificar y humanizar a los hijos de Sandino. No queremos un hombre hecho a medias — fuerte y grande, pero con solo un ojo como Polifemo — sino desarrollado integralmente y que pueda

mañana caminar por sus propios impulsos, sobre tantos caminos que nos brindan la tecnología y la cultura». (Carlos Tunnermann Bernheim, Ministro da Educação).

Outro resultado da campanha de alfabetização será (é já hoje certamente) a inestimável consciencialização nacional e popular que dela resultará para os tantos milhares de jovens intelectuais (estudantes, professores e muitos outros profissionais culturalmente qualificados) que nela participam activamente. Imbricando-se em profundidade no seio do seu povo eles fortalecerão a sua capacitação ideológica, apreenderão as riquíssimas tradições culturais populares do seu país e sentirão mais fortemente o apelo de solidariedade que os convoca para a redefinição e reconstrução nacionais. O que não deixará de ter reflexos na sua atitude perante o próprio processo revolucionário, solidificando a sua integração nele e sugerindo-lhes uma imensidade de novas ideias a levar a cabo — e desde logo na

reforma do sistema educativo.

«Los unos son ignorantes de las letras no de la vida, los otros somos ignorantes de la realidad no de las letras. Para alfabetizando y alfabetizadores el impacto de la Cruzada será fuerte e, implacable. Todos abrirán sus ojos a la luz de una nueva realidad, la que adelante se constituirá en la fuente primigenia y originaria de su educación social. (...) Bien, va a suceder mucho, quizás lo inesperado, lo imprevisible, siempre algo fuera de lo normal. Dichoso que así sea. La nueva Nicaragua emerge a partir de la Cruzada» (Juan B. Arrien).

Que mais dizer daqui, país de cravos adiados, a uma circunstância que todos tão bem conhecemos. Primeiro desenhá-nos um sorriso melancólico nos lábios, repellido agora por inútil. Na Nicarágua **la marcha hacia la victoria no se detiene. En cada rincón liberado, un nica alfabetizado!** Para quem precisa de certeza.

João Paulo Monteiro